



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A Fotografia associada à História Local como recurso para a Educação Visual

Departamento de Educação, Desporto e Intervenção Social

Mestrado Educação e Lazer

2024, Sofia Margarida Cabete Pessoa



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Sofia Margarida Cabete Pessoa

A Fotografia associada à História Local como recurso para a Educação Visual

Relatório de Estágio em Educação e Lazer apresentado ao Departamento de Educação,
Desporto e Intervenção Social da Escola Superior de Educação de Coimbra para a obtenção do
grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Bartolomeu Adalberto Figueiredo
Paiva e da Professora Doutora Susana Alexandra Marques Ribeiro.

setembro de 2024

Agradecimentos

Agradeço a todos os que, direta ou indiretamente, colaboraram para a conclusão deste trabalho académico. Em especial, expresso a minha profunda gratidão aos meus orientadores, Professores Bartolomeu Paiva e Susana Ribeiro, cuja orientação e incentivo foram fundamentais para a concretização deste projeto de pesquisa. Cada palavra de incentivo e cada gesto de apoio foram essenciais para que pudesse alcançar o meu objetivo. Agradeço ainda a todos os colegas, amigos e professores, que de alguma forma, ajudaram significativamente neste propósito. Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e o suporte de cada um de vós. O meu mais sincero obrigada por fazerem parte desta conquista. Foram várias, as pessoas que ajudaram e contribuíram numa experiência que vou guardar com muito carinho na minha memória e para sempre. Por isso, quero também agradecer:

- À minha mãe, pai e avós, que sempre me incentivaram a seguir os estudos, pelo apoio incondicional e compreensão durante este período desafiador.
- Ao meu namorado, André Cerveira, pelo facto de estar sempre presente, contribuiu para que eu não desistisse e aumentou o incentivo e a confiança na possibilidade de levar avante o meu projeto.
- À professora Cândida Rente e à Dr.ª Sofia Mota, que estiveram disponíveis para dúvidas que necessitei de esclarecer.
- À Dr.ª Emília Limede, que me encorajou e orientou neste estágio, dando indicações preciosas sobre os contactos que necessitei de efetuar para a concretização do estágio.
- A todas as colegas do 1.º Jardim Escola João de Deus, especialmente às professoras Catarina e Guida que me acompanharam na execução das várias atividades desenvolvidas junto das crianças.
- A tantos professores e crianças que tive o privilégio e o gosto de conhecer, contribuindo, acredito, para um ambiente social, cultural e educativo melhor.
- À Dr.ª Sofia, Diretora do 1.º Jardim Escola João de Deus, pela forma como me recebeu e proporcionou todas as condições necessárias para o sucesso do meu desempenho neste estágio. O meu especial obrigado.

A Fotografia associada à História local como recurso para a Educação Visual

Resumo: Durante o projeto educativo, tornou-se claro que o ensino através das expressões artísticas, especialmente com o uso da imagem e da fotografia, é uma abordagem extremamente atrativa e estimulante para transmissão e consolidação de conhecimento. Esta metodologia não apenas cativa a atenção dos alunos, mas também os envolve de maneira significativa no processo de aprendizagem. Ao trabalhar com formas de expressão visual, como a fotografia, os alunos são incentivados a explorar conceitos de uma maneira mais objetiva e com sentido prático.

Uma das vantagens distintas deste método é a sua natureza não formal. Ao contrário das abordagens de ensino mais tradicionais, que muitas vezes se baseiam em memorização de factos, exercícios teóricos e numa atitude passiva dos alunos, o ensino através das artes permite uma experiência mais imersiva e prática. Os alunos são incentivados a expressar as suas ideias e interpretações de forma pessoal, o que promove um interesse mais profundo com os temas e assuntos envolvidos. Além disso, esta abordagem permite aos alunos aprenderem de forma mais autónoma e independente, à medida que exploram e experimentam diferentes técnicas artísticas.

Contribuir para o desenvolvimento do fascínio pela aprendizagem foi um dos aspetos fundamentais neste processo. Ao trabalhar com materiais visuais e alternativos, os alunos são levados a descobrir e explorar o mundo ao seu redor de novas maneiras e de forma emocionante. Este entusiasmo natural pela aprendizagem não apenas torna o processo mais agradável, mas contribui também para uma retenção mais eficaz do conhecimento a longo prazo.

Além disso, o conhecimento adquirido com experiências reais e efetivas permite aos alunos compreender melhor a importância e a aplicabilidade do que estão a aprender motivando-os para um envolvimento mais profundo no processo de aprendizagem.

Em suma, o ensino por meio das expressões artísticas e da fotografia oferece uma abordagem altamente eficaz e duradoura para a transmissão e consolidação do conhecimento. A combinação de atratividade, aplicabilidade prática e relevância daquelas

expressões tornam-nas ferramentas valiosas para educadores em busca de métodos inovadores e eficazes de ensino.

Como Animadora Socioeducativa, percebi a importância da minha participação e atuação no processo educativo e de como, ao explorar e aproveitar as capacidades e potencialidades únicas de cada aluno, pode fazer a diferença na prática de metodologias da educação não formal e informal em contraposição com metodologias utilizadas em contexto formal. A minha experiência neste projeto foi incrivelmente positiva e gratificante. A interação diária com os alunos permitiu-me aprender tanto quanto ensinar. A observação atenta das suas reações, interesses e desafios proporcionou-me valiosas percepções sobre melhores abordagens educativas e pretendo aplicar os conhecimentos adquiridos e observados ao longo da minha atuação em futuras intervenções educativas.

Palavras-chave: Aprendizagem, Fotografia, História local, Expressão

The Photography Associated with Local History as a Resource for Visual Education

Abstract

During the educational project, it became clear that teaching through artistic expressions, especially using imagery and photography, is an extremely engaging and stimulating approach for the transmission and consolidation of knowledge. This methodology not only captures students' attention but also involves them significantly in the learning process. By working with visual forms of expression, such as photography, students are encouraged to explore concepts in a more objective and practical manner.

One distinctive advantage of this method is its non-formal nature. Unlike more traditional teaching approaches, which often rely on memorization of facts, theoretical exercises, and a passive attitude from students, teaching through the arts allows for a more immersive and hands-on experience. Students are encouraged to express their ideas and interpretations personally, promoting a deeper interest in the involved topics and subjects. Additionally, this approach enables students to learn more autonomously and independently as they explore and experiment with different artistic techniques.

Contributing to the development of a fascination for learning is one of the fundamental aspects of this process. By working with visual and alternative materials, students are inspired to discover and explore the world around them in new and exciting ways. This natural enthusiasm for learning not only makes the process more enjoyable but also contributes to more effective long-term retention of knowledge.

Furthermore, the knowledge gained from real and effective experiences allows students to better understand the importance and applicability of what they are learning, motivating them for deeper involvement in the learning process.

In summary, teaching through artistic expressions and photography offers a highly effective and enduring approach for the transmission and consolidation of knowledge. Its combination of attractiveness, practical applicability, and relevance makes it a valuable tool for educators seeking innovative and effective teaching methods.

As a Socioeducational Animator, I realized the importance of my participation and action, and how it can make a difference by exploring and leveraging each student's unique

capabilities and potentials, implementing methodologies of non-formal and informal education in contrast to those used in formal contexts. My experience in this project was incredibly positive and rewarding. Daily interaction with the students allowed me to learn as much as I taught. Careful observation of their reactions, interests, and challenges provided me with valuable insights into better educational approaches, and I intend to apply the knowledge acquired and observed throughout my involvement in future educational interventions.

Keywords: Learning, Photography, Local History, Expression

Sumário

INTRODUÇÃO	1
PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	4
Capítulo Um – Educação e Aprendizagem	5
1.1 - O que é a Educação?	6
1.2 - Educação e Aprendizagem	7
1.3 - Educação de Qualidade	9
Capítulo Dois – Expressão Artística e Criatividade	13
2.1 – Arte <i>versus</i> Expressão Artística	14
2.2 – A importância da criatividade para o desenvolvimento da criança	16
2.3 – Artes Visuais no processo Ensino - Aprendizagem	18
Capítulo Três - Fotografia	20
3.1 - Aparecimento da fotografia	21
3.2 – Conceito de fotografia e a sua função	23
3.3 – Testemunho de factos e acontecimentos	25
3.4 - Contacto com o belo: a fotografia como meio de reprodução de obras de arte	28
3.5 – Reflexo da Sociedade	29
3.6 – Relações com a Arte	30
3.7 – A Fotografia e a valorização do património cultural e histórico de Portugal ...	33
3.8 – A Fotografia enquanto recurso educativo	36
PARTE 2 – ENQUADRAMENTO METEDOLÓGICO	38
1.1 – Apresentação e justificação da problemática	39
1.2 – Objetivos da investigação	47
1.3 – Questões orientadoras	48
1.4 – Variáveis em estudo	49
1.5 – Limitações do estudo	50
1.6 – Metodologia	52
1.7 – Instrumentos e técnicas para a recolha de dados	53
1.8 – Instrumentos e técnicas para a análise de dados	55
PARTE 3 – INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO 3.º e 4.º ANO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	57

1.1 – Intervenção Educativa	58
1.1.1 – Contextualização	58
1.1.2 – Duração da Intervenção	60
1.1.3 – Participantes	60
1.1.4 – Plano de Ação	62
1.5 – Descrição da Ação Educativa	70
PARTE 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	73
1.1 - Projeto de intervenção no 1º ciclo do Ensino Básico	74
CONCLUSÕES	150
BIBLIOGRAFIA	153
WEBGRAFIA	156
APÊNDICES	159
Apêndice A – Consentimento Informado	160
Apêndice B – Inquérito por questionário	161
Apêndice C – Pareceres da Diretora da Escola e professoras do 3º e 4.º anos	162

Lista de figuras

FIGURA 1 ILUSTRAÇÕES REALIZADAS PELAS CRIANÇAS - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 4.º ANO.....	80
FIGURA 2 ILUSTRAÇÕES REALIZADAS PELAS CRIANÇAS - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 4.º ANO.....	80
FIGURA 3 ILUSTRAÇÃO EFETUADA POR UMA CRIANÇA - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 4.º ANO	81
FIGURA 4 ILUSTRAÇÕES REALIZADAS PELAS CRIANÇAS - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 3.º ANO.....	86
FIGURA 5 ILUSTRAÇÃO EFETUADA POR CRIANÇA - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 3.º ANO.....	86
FIGURA 6 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - SALINAS (CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA) – 4.º ANO.....	92
FIGURA 7 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - SALINAS (CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA) – 4.º ANO.....	92
FIGURA 8 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - SALINAS (CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA) – 4.º ANO.....	93
FIGURA 9 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - ATIVIDADE PISCATÓRIA: A SARDINHA – 3.º ANO.....	97
FIGURA 10 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS – UMA RECORDAÇÃO DA MINHA QUERIDA CIDADE (MOLDURA) - 4.º ANO.....	102
FIGURA 11 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS – UMA RECORDAÇÃO DA MINHA QUERIDA CIDADE (MOLDURA) - 4.º ANO.....	102
FIGURA 12 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - COMO IDEALIZO A MINHA CIDADE (MAQUETA) - 3.º ANO..	107
FIGURA 13 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - COMO IDEALIZO A MINHA CIDADE (MAQUETA) - 3.º ANO..	107
FIGURA 14 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - O PROCESSO DO BACALHAU (LIVRO POP-UP) - 4.º ANO....	112
FIGURA 15 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - O PROCESSO DO BACALHAU (LIVRO POP-UP) - 4.º ANO	113
FIGURA 16 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - O PROCESSO DO BACALHAU (LIVRO POP-UP) - 4.º ANO	113
FIGURA 17 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - REGISTO FOTOGRÁFICO ASSOCIADO AO CAVALO NA FIGUEIRA DA FOZ - 3.º ANO	117
FIGURA 18 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - REGISTO FOTOGRÁFICO ASSOCIADO AO CAVALO NA FIGUEIRA DA FOZ - 3.º ANO	118
FIGURA 19 MATERIAL DISPONIBILIZADO PARA A ATIVIDADE - COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS – 4.º ANO	122
FIGURA 20 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS – 4.º ANO.....	123
FIGURA 21 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS – 4.º ANO.....	123
FIGURA 22 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS – 4.º ANO.....	124
FIGURA 23 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS – 4.º ANO	125
FIGURA 24 TESTEMUNHO DOS IDOSOS SOBRE AS ATIVIDADES E PROFISSÕES ANTIGAS	126
FIGURA 25 VISUALIZAÇÃO DE IMAGENS SOBRE OS MOINHOS	131
FIGURA 26 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - MOINHOS - 3.º ANO	131
FIGURA 27 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - MOINHOS - 3.º ANO	132
FIGURA 28 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - MOINHOS - 3.º ANO	133
FIGURA 29 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO	137
FIGURA 30 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO	138
FIGURA 31 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO	138
FIGURA 32 TRABALHOS REALIZADOS PELAS CRIANÇAS - AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO	139
FIGURA 33 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO	140
FIGURA 34 TRABALHOS REALIZADOS POR CRIANÇAS - O QUE TRANSMITE (COLAGEM FOTOGRÁFICA) - 3.º ANO.....	144
FIGURA 35 TRABALHO REALIZADO POR CRIANÇA - O QUE TRANSMITE (COLAGEM FOTOGRÁFICA) - 3.º ANO	145
FIGURA 36 PROJETO “II EXPOSIÇÃO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA – DESCOBRIR O PATRIMÓNIO CULTURAL – OS MONUMENTOS”, PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO DE JARDIM - ESCOLAS JOÃO DE DEUS EM PARCERIA COM A REDE DE ESCOLAS ASSOCIADAS DA UNESCO.....	147
FIGURA 37 VISTA LATERAL DO TRABALHO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL.....	147
FIGURA 38 TÉCNICAS DE COLAGEM E CALCAGEM UTILIZADAS AO LONGO DO PROCESSO DE CRIAÇÃO	148

FIGURA 39 INICIATIVA PRÓPRIA DAS CRIANÇAS AO COLAREM FOTOGRAFIAS NOS SEUS CADERNOS NA HORA DE RECREIO.....	149
FIGURA 40 CONSENTIMENTO INFORMADO	160
FIGURA 41 AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES.....	161
FIGURA 42 PARECER DA DIRETORA DA ESCOLA.....	162
FIGURA 43 PARECER DAS PROFESSORAS DO 3º E 4º ANOS.....	163

Lista de Quadros

QUADRO 1 PLANO DE ATIVIDADE – UM OLHAR SOBRE A CIDADE	63
QUADRO 2 PLANO DE ATIVIDADE – SALINAS (CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA)	64
QUADRO 3 PLANO DE ATIVIDADE – AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO)	64
QUADRO 4 PLANO DE ATIVIDADE – ATIVIDADE PISCATÓRIA: A SARDINHA	65
QUADRO 5 PLANO DE ATIVIDADE – COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS	65
QUADRO 6 PLANO DE ATIVIDADE - MOINHOS	66
QUADRO 7 PLANO DE ATIVIDADE – PROCESSO DO BACALHAU (LIVRO POP-UP)	67
QUADRO 8 PLANO DE ATIVIDADE – COMO IDEALIZO A MINHA CIDADE (MAQUETA)	68
QUADRO 9 PLANO DE ATIVIDADE – O QUE TRANSMITE (COLAGEM FOTOGRÁFICA)	68
QUADRO 10 PLANO DE ATIVIDADE – UMA RECORDAÇÃO DA MINHA QUERIDA CIDADE (MOLDURA)	69
QUADRO 11 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 4.º ANO	76
QUADRO 12 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 4.º ANO	78
QUADRO 13 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 3.º ANO	82
QUADRO 14 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 3.º ANO	84
QUADRO 15 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE – SALINAS (CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA) – 4.º ANO	87
QUADRO 16 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE – SALINAS (CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA) - 4.º ANO	90
QUADRO 17 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE – ATIVIDADE PISCATÓRIA: A SARDINHA – 3.º ANO	94
QUADRO 18 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - ATIVIDADE PISCATÓRIA: A SARDINHA – 3.º ANO	96
QUADRO 19 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE – UMA RECORDAÇÃO DA MINHA QUERIDA CIDADE (MOLDURA) – 4.º ANO	98
QUADRO 20 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE – UMA RECORDAÇÃO DA MINHA QUERIDA CIDADE (MOLDURA) - 4.º ANO	100
QUADRO 21 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE – COMO IDEALIZO A MINHA CIDADE (MAQUETA) - 3.º ANO	103
QUADRO 22 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE – COMO IDEALIZO A MINHA CIDADE (MAQUETA) - 3.º ANO	106
QUADRO 23 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE - O PROCESSO DO BACALHAU (LIVRO POP-UP) - 4.º ANO	108
QUADRO 24 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - O PROCESSO DO BACALHAU (LIVRO POP-UP) - 4.º ANO	110
QUADRO 25 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE - REGISTO FOTOGRÁFICO ASSOCIADO AO CAVALO NA FIGUEIRA DA FOZ - 3.º ANO	114
QUADRO 26 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - REGISTO FOTOGRÁFICO ASSOCIADO AO CAVALO NA FIGUEIRA DA FOZ - 3.º ANO	116
QUADRO 27 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE - COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS - 4.º ANO	119
QUADRO 28 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE – COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS - 4.º ANO	121
QUADRO 29 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE - MOINHOS - 3.º ANO	127
QUADRO 30 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - MOINHOS - 3.º ANO	129
QUADRO 31 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE – AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO	134
QUADRO 32 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO	136
QUADRO 33 DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE - O QUE TRANSMITE (COLAGEM FOTOGRÁFICA) - 3.º ANO	141
QUADRO 34 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ATIVIDADE - O QUE TRANSMITE (COLAGEM FOTOGRÁFICA) - 3.º ANO	142

INTRODUÇÃO

A mudança de paradigmas sobre a forma de pensar a educação face à presente sociedade “acelerada” pelos grandes desafios, novas ideias e formas de viver, é uma realidade. Preparar os novos indivíduos para esta sociedade inundada de informação, ora válida, ora descontextualizada pelas constantes inovações, sobretudo tecnológicas é, ao mesmo tempo, pensar nos educadores e na necessidade que têm de se adaptarem aos novos tempos. É pensar uma educação para todos, na sua capacidade de atualização e adaptação, valorizando um conhecimento contínuo sem restrição de idade.

Surgem, entre outros, novos conceitos como educação não formal, educação de qualidade, educação sustentável, educação intergeracional, educação inclusiva, educação através do lazer, ou abordagens como a importância da história local e das artes para a formação pessoal e coletiva. Estas perspetivas procuram relacionar o conhecimento de gerações passadas com as presentes, valorizando as tradições, procurando uma adaptação e interação social e preservando a identidade cultural, numa ótica mais inclusiva e dinâmica, preparando os indivíduos para novos desafios e procurando despertar neles uma postura mais consciente, crítica e criativa.

Neste contexto, surge o presente estágio no âmbito do Mestrado de Educação e Lazer, com o propósito de colocar em prática estes novos conceitos e abordagens, utilizando a fotografia e a expressão visual como recursos educativos associados à história local. O estágio foi idealizado com o objetivo de avaliar de que forma podem ser realmente um recurso educativo para uma aprendizagem de qualidade numa tentativa de aproximar o público alvo à sua história local e de desenvolver um sentimento de pertença, contribuindo para a valorização de identidade pessoal e coletiva. Pretende que futuros cidadãos, potenciais membros ativos na sociedade, sendo conhecedores do seu próprio território e ambiente, estejam mais propensos à reflexão, consciencialização e desejo de promover mudanças positivas.

Neste trabalho são apresentadas quatro partes distintas que compõem o projeto:

Na parte 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO, são abordados conceitos e fundamentos teóricos relacionados com o tema Educação, formas de aprendizagem e a importância da sua qualidade. Além disso, é explorado o contributo da Animação Sociocultural/Animação Socioeducativa e Animação artística no papel educativo. Destaca-se o papel da expressão artística e da criatividade na formação da criança, com ênfase na influência do uso da fotografia como recurso educativo no caso do estudo em particular.

Na parte 2 – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO, são adotadas metodologias de investigação-ação, decorrentes da observação participante, juntamente com outros tipos de técnicas de análise e recolha de dados. Estas metodologias servem de suporte a uma avaliação ou conclusão fidedigna sobre o contributo das práticas artísticas no nível de aprendizagem e na forma como exercem mudança comportamental positiva, indo ao encontro da valorização de determinado tipo de conhecimentos com reflexo na identidade coletiva.

Parte 3 - INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO 3.º e 4.º ano DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO, apresentam-se os detalhes da intervenção prática. Utilizando fotografias antigas da localidade Figueira da Foz, promovem-se práticas artísticas que possibilitam e potenciam momentos de lazer e aprendizagem. O objetivo é estabelecer uma ligação entre a criatividade e a responsabilidade com as memórias e tradições desta comunidade, desenvolvendo uma conexão emocional e um sentimento de pertença coletiva cultural, valorizando a identidade e a associação ao património cultural da comunidade da Figueira da Foz.

Parte 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS, os dados são analisados e discutidos em relação aos objetivos propostos, tendo como conclusão qual o efeito da intervenção educativa sobre a valorização de conhecimentos relacionados com a comunidade local o seu impacto na mudança positiva pelo reconhecimento de uma identidade coletiva.

Trata-se de um projeto de investigação que recorre ao passado por meio da sua historicidade, ao presente com a realização de atividades artísticas e ao “futuro”, com a aspiração de cultivar sentimentos de pertença, orgulho e apreço pela cidade da Figueira da Foz e o seu património cultural. Envolve a atribuição de um valor especial ao

património cultural e à memória coletiva projetando no presente a intenção de contribuir para um futuro melhor.

PARTE 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo Um – Educação e Aprendizagem

1.1 - O que é a Educação?

A educação entende-se essencialmente por “uma prática social inerente à existência humana e pode caracterizar-se como um conjunto de atividades através das quais as pessoas aprendem e ensinam o seu universo natural e sociocultural” (Gómez *et al.*, 2007). Tendo como base esta citação a educação é vista como uma prática social fundamental à vida humana, num processo pelo qual as pessoas constantemente aprendem e ensinam. A facilidade da globalização, a convivência com culturas diferentes, a necessidade de compreensão, apreensão, adaptação e de melhorias diversas do meio natural e cultural, envolve o educador e o aprendiz num processo contínuo e essencial. O meio em mudança obriga a que a educação deva ser adaptativa e preparar as pessoas para um mundo em constante evolução, não devendo limitar-se a transmitir informações, a fornecer apenas saberes. Deve abranger a compreensão e assimilação do mundo natural e cultural, promover habilidades de pensamento crítico, resolução de problemas e capacidades para enfrentar novos desafios.

Nesta linha de pensamento a sua prática pode enquadrar-se nos seguintes aspetos:

Educação Formal: “resulta de uma ação educativa que requer tempo e aprendizagem, é regida por um sistema formal de administração competente e é levada a cabo na instituição/escola” (Lopes, 2008, p.406).

Educação não formal: considerada por Lopes (2008) educação não regulada por normas rígidas, que promove relações e aprendizagens, recorrendo a metodologias próprias. Caracteriza-se por ser um complemento à educação formal e por apresentar uma tendência educativa assente no pluralismo e partilha de vivências.

Educação Informal: Educação contínua que tem: “o seu lugar nas vivências quotidianas do sujeito e na relação que estabelece com o meio (...) e no marco de instituições sociais” (Gómez *et al.*, 2007, p. 165).

Assim, a educação reveste-se de extrema importância, pelo reflexo que tem sobre a formação e conduta do sujeito, das suas vivências e relação com os outros - devendo projetar-se qualitativamente e ir ao encontro das necessidades e desafios das atuais sociedades.

1.2 - Educação e Aprendizagem

A aprendizagem resultante apenas da transmissão de informações em contexto escolar, baseada num currículo estruturado e de formas de avaliação padronizado tal como é posta em prática na educação formal, pode limitar o desenvolvimento dos alunos, quando o foco é essencialmente o desenvolvimento das competências académicas. Transmitir conteúdos específicos, visando preparar alunos para testes pode ser visto como uma forma de educação/aprendizagem redutora. Autores como Paulo Freire referem a importância de uma abordagem mais aberta e significativa da aprendizagem, em contraposição com a “educação bancária”.

“Para a educação bancária, o processo de aprendizagem se reduz a essa acumulação de factos, de acontecimentos, de dados, em uma palavra de uma informação referente, na maioria dos casos, a técnicas e a aspetos parciais ou fragmentários de uma problemática global que não se percebe jamais” (Freire, 1975, p.33).

Aqui, Paulo Freire alerta para a aquisição de competências, cada vez mais específicas, promovidas por uma crescente massificação da informação, o que leva, muitas vezes, a uma perda da capacidade de compreensão da realidade que envolve os que estão a aprender, não promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da autonomia.

Aquele mesmo autor defende, em contraposição, que os alunos necessitam de estar envolvidos no seu próprio processo de construção de conhecimento num ambiente social que tenha em conta as suas próprias experiências através de diálogos e reflexões sobre a realidade em que vivem; permitindo-lhes, isso, uma aprendizagem mais abrangente. Eles não apenas absorvem mais informações, como também sentem a necessidade de questionar, analisar criticamente e transformar a realidade por meio do conhecimento adquirido. Por outras palavras, esta abordagem de aprendizagem possibilita que eles se conheçam a si mesmos e o mundo que os rodeia.

Assim, estas novas abordagens pedagógicas de educação não formal e informal, procuram promover uma aprendizagem mais abrangente, relevante para a vida do indivíduo, num processo contínuo ao longo da vida, que se alinha com o conceito de educação de qualidade – a partir do papel de quem ensina e como ensina e, do papel de quem aprende e como aprende.

1.3 - Educação de Qualidade

Neste capítulo, é importante mencionar novamente Paulo Freire, um preconizador notável, cujas ideias revelaram a importância do papel do educador e do educando e a necessidade de diálogo entre eles, bem como da ligação com a realidade envolvente para uma maior dinâmica e eficácia no processo de aprendizagem, numa formação desafiante e com mais significado. Freire defende o papel do educador como mediador do conhecimento e o papel do aprendiz como construtor do seu próprio conhecimento, aspectos cruciais para a Educação de Qualidade.

Neste conceito de educação, ressalta a significância intrínseca da realidade de cada aprendiz, a necessidade de se confrontar sistematicamente com as experiências vividas, a fim de compreender o “como” (descrição) e o “porquê” (interpretação) - um processo determinante para perceber os sucessos, os fracassos, os impasses que enfrentamos, por outras palavras, para exercitar o pensamento:

“O saber ou os conhecimentos que podem nascer de uma confrontação sistemática de experiências e de uma interpretação da realidade social na qual elas se inserem não podem ser senão este saber vivo, inacabado e intransmissível que se faz e se refaz cada dia, à medida em que avança ao processo deciframento e de transformação da realidade” Freire (1975, p.34)

Com a evolução dos tempos, o tema continua pertinente e cada vez mais atual. Os governos e as sociedades são instados a alcançar um futuro mais sustentável e justo para as gerações presentes e futuras. Tal torna-se possível através de uma educação que deve incentivar o indivíduo a pensar, a criar, a moldar formas para um mundo melhor.

Para tanto e citando uma organização que desempenha importantes funções na atualidade, a UNESCO, que visa promover a educação para todos, coloca-se o grande desafio de saber como se podem capacitar as pessoas, como se podem criar oportunidades para adquirir conhecimento, competências, valores e atitudes que permitam um desenvolvimento e futuro mais sustentáveis.

Nesse sentido, a organização criou um quadro de referência, EDS, elemento integrante dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável. E é aqui que mais uma vez o papel dos educadores se enquadra numa oportunidade de transformar comportamentos e mentalidades sociais. É necessário pois que desenvolvam capacidades no sentido de proporcionar uma educação de qualidade procurando novos meios de aprendizagem, bem como a transformação dos ambientes onde estes se desenrolam, tornando-os mais adequados aos princípios pretendidos e repercutindo esta transformação na comunidade com a aceleração de ações a nível local. (UNESCO, 2021).

1.4 Contributo da Animação Sociocultural/Animação Socioeducativa e Animação artística no papel educativo

Uma das formas de fomentar a cultura e a educação é por meio de um dos aspetos anteriormente mencionados – a educação não formal – na qual assume um papel cada vez mais pertinente a Animação Sociocultural.

Esta entende-se por um:

“Conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (...) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objetivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação ativa no processo do seu próprio desenvolvimento que social quer cultural.” (Trilla, 2004, 26).

Enquadrada num contexto de educação de qualidade, abrangendo diversas áreas de conhecimento e de atuação incentiva uma participação mais ativa e contribui para um melhor desenvolvimento do indivíduo ou de um grupo. Tal como defende Trilla (2004), uma atitude mais aberta, consciente e ativa no meio onde vivem, tem como finalidade a “transformação da sociedade” ou a “formação integral da pessoa”.

Especificamente, pode-se abordar a Animação enquadrada no contexto de educação não formal visando uma educação permanente, aliada à vida que, de carácter lúdico, criativo e participativo, procura prestar serviço à comunidade através do lazer. Num processo de crescimento individual e grupal, a partir da participação ativa criam-se condições para a transformação, para aprimorar a qualidade de vida, dando especial relevo ao “agir localmente” - Silva (1984, citado por Lopes, 2008) afirma que “a participação constitui um objetivo central da animação, melhor, confunde-se com ela. Agir localmente, estimular pequenos movimentos ou grupos, ‘explorar brechas’, significa fomentar a participação dos cidadãos, profícua porque localizada, na resolução dos seus problemas” (p. 431).

Na procura do desenvolvimento da criatividade, estimulação do espírito crítico, promoção da participação ativa e resolução de problemas, destaca-se ainda a relevância da Animação Artística. Conforme defendido por César, Canotilho e Canotilho (2012) a Animação Artística relaciona-se com três componentes distintas: Artes Visuais, Expressão Dramática e Teatro, e Música. Como a “Arte” se projeta na vida das pessoas, é possível perceber o impacto da dimensão educativa, tanto dentro como fora do ambiente estritamente escolar. O seu objetivo central é, pois, proporcionar uma consciência criativa na comunidade, promover a inclusão dos indivíduos e grupos nas práticas de Animação Artística e valorizar a cultura e a intervenção comunitária:

“Desempenha um papel determinante na articulação entre educação, arte e património, facultando novas formas de aproximação entre os intervenientes, que se descobrem, desse modo, mais abertos à singularidade cultural, ao mesmo tempo que adotam uma postura mais ativa, consciente e interventiva na criação de uma «vitalidade cívica 'local.’” (Gomes, 2014, p.253)

Em conclusão e citando Gomes (2014), a Animação Artística é uma ferramenta valiosa no contexto educativo e comunitário ao estimular as pessoas a explorar e expressar a sua criatividade.

Capítulo Dois – Expressão Artística e Criatividade

2.1 – Arte versus Expressão Artística

O conceito de **arte** é profundamente abstrato e a sua compreensão muito ampla e pessoal, como tal é difícil adotar ou mencionar uma ideia que consiga caracterizá-la de uma forma concisa e genérica. A sua natureza diversificada e subjetiva transcende definições rígidas, pois abrange uma vasta gama de formas, estilos, contextos e intenções. Na sua complexidade é uma forma de comunicar ideias intrincadas ou até mesmo de questionar normas e valores, servindo como um meio poderoso para espelhar a sociedade ou cultura envolvente, carregando consigo os reflexos e influências que as moldaram.

Rocha (2013) defende que a arte é uma manifestação da cultura, em que o significado da obra artística deve ser entendido considerando o ambiente cultural em que foi criado. Noutras palavras é possível através da apreciação da arte de diferentes culturas, uma ampliação da nossa compreensão do mundo, favorecendo a empatia e a conexão com diferentes perspetivas e valores.

Uma ideia complementar a essa abordagem é defendida por Silva (2011), conforme citado por Pires *et al.* (2017, p. 245), que postula que a arte pode ser concebida como um conjunto de técnicas por meio das quais os indivíduos moldam o ambiente à sua volta e, em simultâneo, moldam a sua própria identidade. É a expressão da identidade do indivíduo como fruto do conhecimento que adquire, resultado inseparável da educação que recebe.

A expressão artística enquadra-se, assim, como uma parte integrante no conceito de arte, descrita como uma forma de comunicação de ideias complexas, forma de questionar normas e valores, de maneira poderosa e reflexiva sobre a sociedade ou cultura. Através de várias formas como a pintura, a escultura, a música, a dança, entre outras, torna-se um veículo através do qual os indivíduos podem comunicar emoções, perspetivas e experiências de uma forma não verbal e altamente criativa, contribuindo para a formação da identidade individual e cultural. Assim, a expressão artística é uma faceta essencial na formação do indivíduo e desempenha um papel crucial na compreensão das questões sociais, culturais e humanas que moldam o nosso mundo.

Em síntese, a compreensão da expressão artística como parte integrante do conhecimento da arte vai além de meros limites, sendo um veículo de conhecimento e, ao mesmo tempo, uma força criativa capaz de revelar múltiplas dimensões da existência humana.

O ato de educar, quando concebido ele próprio como uma forma de arte, ilustra a importância da criatividade na formação da identidade, com reflexos profundos na sociedade em que vivemos. Vai mais longe Paulo Freire (2000), conforme citado por Leite (2021, p. 86), quando afirma que a própria educação é arte, uma obra de arte, no sentido em que o próprio educador é um artista quando refaz, redesenha, repinta, recanta e “redança” o mundo. A analogia com a arte destaca a criatividade e a expressão envolvidas no ato de educar, a expressão artística que premeia a transmissão de conhecimento e, mais uma vez, a formação da identidade.

2.2 – A importância da criatividade para o desenvolvimento da criança

A arte revela-se um instrumento interessante para fomentar a criatividade e sempre que um processo criativo se desenrola, dá-se uma transformação. A arte pode ser uma ferramenta poderosa para provocar mudanças, desafiar perspetivas e estimular o diálogo. Além disso, a arte pode ser um meio de expressão pessoal, permitindo que os indivíduos expressem as suas ideias, emoções e experiências de forma criativa e única. Portanto, a arte, não só enriquece o indivíduo, mas também tem o potencial de valorizar e influenciar a cultura e a sociedade em geral.

Nesta abordagem é relevante citar as observações de Sousa (2003) pela análise que faz da palavra em si “criatividade”. Refere que “etimologicamente, deriva das palavras “criar” e “criação” [...] criação refere-se ao aparecimento real de uma coisa, de uma obra que não existia antes [...] criatividade será uma capacidade, uma aptidão.” A criatividade define-se, portanto, pelas obras que cria e é somente por meio dessas obras que ganha existência.

O ato de criar envolve algo de novo, exploração de novas ideias, diferentes pensamentos, exploração do corpo; estimula a comunicação entre o eu e os outros, numa perspetiva de compreensão pessoal e subjetiva sobre a vida e o mundo. Ao criar, “ao dar forma, ordenamos o mundo interno e externo, arrumamos os múltiplos diálogos interiores e exteriores, ampliamos a dimensão do sujeito, fortalecemos o sentido do si mesmo” (Leite, 2021, p. 91).

A criatividade está profundamente ligada a um fenómeno essencial que é a curiosidade. Em termos de experiência da existência, a curiosidade está associada a uma sensação de admiração diante do mundo, um estado de encanto, um sentimento inquieto que traz consigo uma série de perguntas, reflexões ou momentos de silêncio, motivando-nos a reconfigurar o mundo, defende Paulo Freire (2013) conforme citado por Leite (2021).

É com base nestes princípios que Sousa (2003) defende um potencial intrínseco presente em todo indivíduo e que o mesmo se deve estimular logo na infância através de diversos meios (educação criadora/educação de qualidade) levando à transição do poder criativo para a ação criativa, desenvolvendo confiança nas suas capacidades, motivando as suas

potencialidades de realização, mesmo que ainda não possuam domínio de técnicas apropriadas para a sua idade, não restringindo, portanto, o poder criativo e imaginativo em constante desenvolvimento. A ênfase está precisamente em demonstrar confiança e estímulo mais do que procurar uma exímia execução.

Este estímulo criativo na infância tem efeitos na criança que se evidenciará no futuro adulto. A promoção de um ambiente propício para a expressão criativa na infância molda a capacidade do adulto para pensar de forma inovadora, abordar desafios de maneira imaginativa e encontrar soluções únicas. Assim, o estímulo à criatividade desde tenra idade não apenas prepara a criança para um futuro enriquecedor, mas contribui também para o desenvolvimento de uma mentalidade adaptativa e original, beneficiando a sociedade como um todo.

2.3 – Artes Visuais no processo Ensino - Aprendizagem

As artes visuais são uma categoria no vasto universo das artes que engloba subcategorias como o desenho, a pintura, a fotografia, o vídeo, a escultura, entre outras. Estas formas de arte têm a capacidade de servir diferentes propósitos como ampliar o conhecimento, o carácter, o pensamento, o sentimento e as emoções do indivíduo, potenciando capacidades de transformação na sociedade como um todo. É nesse contexto que se torna crucial incorporar esta expressão artística nos meios educativos, fomentando o seu desenvolvimento e exploração, desde a infância à idade adulta.

Gaztambide-Fernández (2013, conforme citado por Pires *et al.*,2017), entende que as expressões artísticas, onde se incluem as artes visuais, refletem-se de várias formas ou correntes, no processo de aprendizagem:

- As crianças conseguem expressar-se de maneira mais eficaz e rica por meio das artes, permitindo uma comunicação mais ampla dos seus pensamentos e sentimentos - **corrente expressionista** - representação emocional e subjetiva da realidade, mais do que uma representação objetiva e literal;
- A arte é vista como uma ferramenta poderosa para transformar não apenas o indivíduo, mas também a sociedade como um todo, por isso desempenha um papel fundamental na capacidade de mudar perspetivas e impulsionar mudanças sociais - **corrente reconstrucionista** – promoção da consciência crítica e da transformação social;
- Reconhece-se na arte a capacidade para inspirar a invenção e a descoberta, numa relação heurística entre ela e o conhecimento, promovendo uma compreensão mais profunda e rica do mundo envolvente - **corrente do racionalismo científico** – valorização da razão e da lógica como as principais fontes de conhecimento.

As artes visuais distinguem-se por “comunicarem” principalmente através de elementos visuais pelo que são um recurso extraordinário para estimular e expressar a capacidade interpretativa e imaginativa do ser humano. Recorrendo às imagens, sejam elas desenhos ou fotografias, torna-se mais fácil relacionar uma informação ou transmitir uma

mensagem desejada tornando o processo de aprendizagem mais eficaz e proporcionando uma melhor compreensão de um contexto ou de uma realidade. Pela possibilidade de observar e expressar uma variedade de experiências únicas, emoções e ideias, os alunos beneficiam de um recurso que permite novas percepções, estimula a imaginação e convida a ver o mundo de novas maneiras, representando um potencial que os habilitam a formar as suas próprias opiniões informadas e a participar ativamente na sociedade como cidadãos interessados. É neste sentido que Rocha (2013) afirma:

“uma educação que deve ser orientada por uma pedagogia crítica fundamental na criação de uma cultura visual que incentiva o espírito crítico e promove princípios democráticos.” (p.41)

Poderá até dizer-se que recorrer ao desenho, à imagem, à fotografia é uma forma libertadora de ensinar. Isto vai ao encontro das ideias de Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* em que defende um método de ensino baseado no diálogo professor/aluno, de forma colaborativa e participativa, contrapondo-se ao modelo tradicional de “educação bancária”, onde os alunos são vistos como recipientes passivos de informação. Ele promove a troca de ideias, experiências e de conhecimento entre educadores e educandos, tornado possível através desta expressão de arte visual. O uso de meios visuais permite aos alunos expressarem as suas ideias de maneira única e pessoal pelo reconhecimento das suas próprias perspetivas individuais. As artes visuais expressam essas visões singulares, pessoais e experimentais e enquadra-as numa visão mais ampla que facilita o processo de aprendizagem e memorização.

O desenvolvimento do indivíduo através destes recursos de aprendizagem contribuirá para o seu sucesso futuro como cidadão ativo, crítico, capaz de resolver problemas e de encontrar soluções.

Capítulo Três - Fotografia

3.1 - Aparecimento da fotografia

O surgimento da fotografia é um evento marcante na história da humanidade. A evolução da ciência, do progresso tecnológico, juntamente com o conhecimento e a exploração das componentes da luz, do suporte de materialização de imagem e dos formatos base para a composição da imagem permitiram a criação e a evolução do que hoje se entende por fotografia (Dias, 2021). Surge num contexto de intensa revolução científica e industrial, em que a procura de novas formas de capturar e preservar a realidade visual está em sintonia com o espírito de inovação da época.

O que se convencionou como primeira fotografia ocorreu em 1826, quando Joseph Nicéphore Niépce tentou fixar uma imagem sobre vidro e estanho, utilizando o princípio da projeção de imagens numa câmara escura. Embora esse processo dependesse de um longo período de exposição, o que o tornava pouco prático, foi um passo pioneiro e essencial para o desenvolvimento da fotografia (Bauret, 2000).

Inicialmente, os resultados eram limitados e as experiências realizadas enfrentaram imensos desafios, mas a busca pelo aprimoramento continuou incansavelmente, levando a constantes inovações e descobertas. Neste contexto de experimentação e progresso, destaca-se o pintor e cenógrafo francês Louis Jacques Mandé Daguerre, uma figura influente na cena artística da sua época que se interessou profundamente pelas possibilidades da fotografia. Ciente das limitações das técnicas existentes, dedicou-se a estudar maneiras de controlar as reações químicas envolvidas no processo fotográfico, à procura de soluções mais eficazes e práticas. Chegou a expor na câmara obscura placas de cobre recobertas com prata polida, lizadas com o vapor de iodo, formando uma capa de iodeto de prata sensível à luz. Foi a descoberta do daguerreótipo, (inventada por Daguerre), posteriormente reconhecida pela Academia de Ciências de Paris, em 19 de agosto de 1839, como um método para gravar imagens através da câmara obscura.

Estava descoberta oficialmente a fotografia, reforçando Bauret (2000, cit. por Oliveira, 2005) que:

“Foram pesquisas de Daguerre que contribuíram para tornar oficial a invenção da fotografia.”. (p. 19)

A fotografia emergiu não apenas como uma nova tecnologia, mas também como um símbolo de modernidade e progresso. Transformou radicalmente a forma como os eventos históricos passaram a ser registados e como as pessoas viam o mundo ao seu redor.

Em Portugal. A revista “**Ilustração Portuguesa**” destaca-se como um testemunho dessa transformação. Entre 1903 e 1924, esta publicação foi uma das mais importantes do seu género no país, documentando factos históricos e revelando aspetos culturais, não somente por ilustrações que documentavam as narrativas, mas também através da fotografia, que gradualmente ganhou o seu espaço.

Ainda, a possibilidade de capturar retratos rapidamente democratizou o acesso à representação visual, antes restrito às classes mais altas que podiam encomendar as suas pinturas pessoais.

Este acontecimento é de facto um marco importante, quer em Portugal, quer na história da humanidade e foi entendido “como um novo meio de comunicação, uma aplicação da ciência à obtenção de imagens, como um verdadeiro símbolo de revolução e de progresso.” (Trachtenberg, 2013, p 13 cit. por Dias, 2021, p. 175).

Entendida também como forma de arte, a fotografia permitiu congelar momentos no tempo pela sua forma revolucionária de “contar” histórias, tornou-se uma ferramenta de exceção para a transmissão de legados às gerações futuras sobre as realidades, tal como eram no passado, criando uma conexão e uma memória coletiva.

3.2 – Conceito de fotografia e a sua função

O conceito geral de fotografia, segundo Luiz Monforte (1997), prende-se com a ideia de que a fotografia é o ato de gravar imagens sobre uma superfície suporte, pela ação da luz, traduzindo-se numa forma de impressão que depende de um processo mecânico, onde a luz interage com uma superfície sensível, resultando na captura de uma imagem que é entendida como um testemunho da realidade. (Dias, 2021). A referência à "superfície suporte" destaca a materialidade inerente à fotografia, um aspeto que tem evoluído significativamente ao longo do tempo. Inicialmente, essa superfície era física, como chapas de metal, vidro ou papel fotográfico. Contudo, com o aparecimento da fotografia digital, essa superfície tornou-se virtual, permitindo que as imagens sejam armazenadas e visualizadas numa infinidade de formatos e dispositivos.

No entanto, o conceito de fotografia vai além dessa descrição técnica. Embora seja um ato de registo mecânico, a fotografia envolve decisões criativas por parte do fotógrafo, que escolhe o que capturar, como enquadrar, que iluminação utilizar e quais os detalhes a destacar ou ocultar. Esses elementos tornam a fotografia muito mais do que uma simples reprodução da realidade.

A fotografia assume a dimensão de uma forma de expressão de informação, constituindo um novo modelo de comunicação com efeitos em várias áreas, como o jornalismo, a publicidade, a ilustração da nossa própria história, a arte e o cinema; uma linguagem abrangente, estruturada de várias formas, significados e aplicações, deixa-se apropriar de múltiplas maneiras, o que a torna apaixonante. Por analogia à escrita do jornalista ou do poeta, também a fotografia do repórter difere da fotografia do artista, levando a interpretações múltiplas por parte do observador que a contempla (Bauret, 2000).

Esta diversidade de interpretações é amplificada pela acessibilidade e facilidade que a imagem permite compreender e determinar um ponto de vista em que “o mundo deixou de ser evocado para ser apresentado”. A imagem largamente multiplicada possibilitou ao homem “ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica” (Dias, 2021, p. 175). A fotografia rompe com as limitações das formas tradicionais de

comunicação, permitindo que o mundo deixe de ser apenas evocado por palavras ou pinturas e passe a ser apresentado de forma direta e visual. Ao proporcionar uma representação imediata da realidade, amplia o acesso à informação e também transforma a maneira como as experiências e eventos são compreendidos e memorizados.

Nesse sentido, a fotografia assume um papel central na sociedade, destacando-se pela sua importância e funcionalidade. É uma consequência da evolução tecnológica e, em simultâneo, permite registar imagens dessa mesma evolução. Relembrar momentos significativos ou até banais, contribui para a identidade ou história da própria vivência, com as inúmeras vantagens que daí resultam: “Praticamo-la para guardar a recordação emocionada de acontecimentos íntimos e para, de certa forma, ilustrar a nossa própria história.” (Bauret, 2000, p.9), carregando com ela uma carga emocional que fortalece a nossa conexão com o passado.

A fotografia “é, por essência, plural, importante e interessante quer tanto como testemunho artístico ou jornalístico sobre o mundo, quer como prática social popular.” (Bauret, 2000, p.9), não se limitando a uma única função ou significado. Em vez disso, pode assumir várias formas e propósitos, dependendo do contexto em que é utilizada. A capacidade de capturar e preservar momentos específicos é uma das suas funções mais diretas e práticas, mas também cria ou está em contacto com o belo, destacando o seu papel na busca pela estética e na apreciação da beleza, oferecendo uma visão da sociedade num dado momento histórico. Ela documenta a cultura, as mudanças sociais e os padrões comportamentais, funcionando como uma espécie de espelho que reflete as características e transformações de uma comunidade.

Serve como testemunho de factos e acontecimentos (forma de documentar/partilhar) para criar ou estar em contacto com o belo (parte artista), um reflexo da sociedade (prática social).

3.3 – Testemunho de factos e acontecimentos

Desde da sua criação, a fotografia tem sido fundamental na documentação de eventos históricos e transformações sociais. Com a sua capacidade única de congelar momentos e capturar a realidade em instantes precisos, a fotografia destaca-se como uma ferramenta indispensável para registar episódios que moldaram a sociedade. Desde os primeiros dias da fotografia, os fotógrafos conseguiram capturar momentos cruciais da história e a evolução da sociedade nas suas respetivas épocas. Através das suas lentes, foram capazes de preservar batalhas de guerras, registar épocas (a Belle Époque), documentar aspetos diversos e únicos da cultura e sociedade como a aviação, automobilismo, arte e cinema.

Um exemplo marcante desse papel da fotografia é a **Guerra da Crimeia** (1853-1856), durante a qual o pintor romeno Carol Szathmari fotografou e fez uma verdadeira reportagem deste conflito. Também, Roger Fenton, considerado um dos primeiros fotógrafos de guerra, é famoso pelas suas imagens. Dedicou meses a preparar a sua exposição deixando em documentos excecionais o registo deste acontecimento, muito embora tenha optado por evitar cenas de combate direto e acabando por passar uma imagem falsa da guerra ao focar-se nos retratos de oficiais e cenas de acampamento (Amar, 2001).

Assim como a Guerra da Crimeia, outros momentos cruciais e transformações sociais foram registados por fotógrafos ao longo da história. A vida e as mudanças da sociedade durante a Belle Époque, por exemplo, foram imortalizadas por Jacques-Henri Lartigue, que, além de capturar a essência dessa era, documentou cenas de aviação, automobilismo, mudanças sociais, e a vida artística e cinematográfica (Amar, 2001).

Também Gérald Bloncourt, em meados da década de 60, realizou várias reportagens sobre os bairros de lata portugueses na região de Paris e sobre os estaleiros de obras onde trabalhavam. Percorreu os caminhos da clandestinidade com emigrantes e passadores desde os Pirenéus até à França; além disso, fotografou Portugal tanto durante o período da ditadura de Salazar quanto nos dias seguintes ao 25 de Abril de 1974. Para ele, a

fotografia era uma forma extraordinária de testemunhar as mudanças sociais da sua época e momentos significativos (Dias, 2021).

Esta capacidade da fotografia de observar e registar fenómenos variados, seja um instante fugaz ou um processo prolongado, reflete a sua versatilidade. Como afirmado por A. Londe em *La photographie moderne* (1888), “poderá ser empregue sempre que for necessário observar um fenómeno qualquer, quer dure um instante, quer tenha uma duração prolongada, quer tenha de ser objeto de registo contínuo, como na meteorologia” (p. 58). Por exemplo, o Cometa Halley, um fenómeno astronómico raro que retorna à vizinhança da Terra a cada 76 anos e que tem sido objeto de inúmeros registos fotográficos ao longo da história, cada um capturando a essência da sua passagem periódica. A astrofotografia, em particular, é uma especialidade que exige técnicas e equipamentos específicos para registar com precisão corpos celestes como este cometa. Na era moderna, a busca por aperfeiçoamento, precisão e qualidade das imagens é incessante, refletindo o desejo humano de explorar e compreender o vasto e misterioso universo. Os fenómenos celestes, ainda não totalmente compreendidos, beneficiam imensamente desta aspiração, pois cada nova imagem pode lançar luz sobre os segredos mais profundos do cosmos, a fotografia ao serviço da ciência.

Estas contribuições da fotografia não apenas enriquecem o nosso entendimento da história e da sociedade, mas também demonstram o poder desta forma de arte visual como uma janela para o passado e como um meio de preservar a memória coletiva e individual, permitindo-nos testemunhar eventos e transformações que, de outra forma, poderiam perder-se no tempo. Portanto, a fotografia desempenha um papel fundamental na preservação e na compreensão do nosso passado e presente.

Por outro lado, à medida que avançamos para o futuro, a fotografia continua a ser uma ferramenta indispensável para testemunhar factos e acontecimentos, registar e interpretar as mudanças que ocorrerão na nossa sociedade. Com o advento das novas tecnologias e da era digital, a fotografia tenderá a evoluir, oferecendo novas formas de capturar e partilhar a realidade. O impacto das imagens fotográficas será ainda mais profundo, facilitando uma conexão mais imediata e acessível com eventos futuros e transformações sociais. Assim, a fotografia não apenas mantém viva a memória do passado e do presente, mas também molda a maneira como documentamos e

compreendemos o futuro, assegurando que os momentos importantes e as mudanças contínuas sejam preservados para as gerações vindouras.

3.4 - Contacto com o belo: a fotografia como meio de reprodução de obras de arte

A fotografia desempenha um papel extraordinário na relação entre a apreciação da arte e a sua acessibilidade. Antes da existência da fotografia, obras de arte como, por exemplo a escultura do David de Miguel Ângelo em Florença, só eram visíveis por contempladores isolados e com acesso privilegiado. A maioria das pessoas não tinha a oportunidade de testemunhar a grandiosidade dessa obra-prima. A fotografia presta um imenso serviço ao fazer sair do isolamento as mais belas obras de arte para o conhecimento geral, promovendo assim o desenvolvimento de uma ampla cultura visual.

Por outro lado, tem o seu próprio lugar como forma de expressão artística. Ao captar, ao expor a imagem de uma flor ou de uma bela paisagem, surge um outro aspeto que a coloca no auge da discussão da sua relevância como forma de arte. Este assunto foi objeto de grandes controvérsias entre pintores e fotógrafos. Os pintores argumentavam que a pintura era uma expressão mais subjetiva da criatividade do artista, enquanto a fotografia era vista por alguns como uma mera reprodução técnica da realidade, um testemunho da realidade, um indicativo da existência de algo.

No entanto, à medida que a fotografia encontrou o seu caminho para exposições e museus, a sua legitimidade como forma de arte começou a ser amplamente reconhecida. Através da sua contemplação tornou-se um meio de expressão que permitiu o contacto com o belo. Deixou de ser simplesmente um meio de reproduzir obras de arte e tornou-se uma forma de arte por direito próprio (Freund, 1995, p.99).

3.5 – Reflexo da Sociedade

A fotografia não é apenas um meio de capturar ou evidenciar momentos estéticos e artísticos, mas também se apresenta como uma poderosa ferramenta que reflete e molda a sociedade em que vivemos. Pode ser utilizada como forma de exprimir as preocupações do nosso tempo, ocupando, hoje, dezenas de milhares de fotógrafos empenhados a registar grandes problemas humanos e sociais tais como guerra, poluição marítima, maus tratos a animais, etc.

Nestas situações, a fotografia não é um mero registo visual, sendo um alerta, uma chamada de atenção e um apelo à ação. Ela encontra espaço nos jornais para divulgar e alertar para novas realidades. Serve, ainda, como uma via de consciencialização cívica para a proteção do planeta, abrindo perspetivas, até então desconhecidas, despertando sentimentos pessoais perante os problemas do mundo contemporâneo (Freund, 1995). Deve, então, a interpretação da fotografia ser considerada, tanto pelo seu valor como registo histórico, como pelas possíveis influências subjetivas na representação da realidade segundo a perspetiva do fotógrafo.

Imagens icónicas podem tornar-se representações dominantes, influenciando a forma como certos eventos são lembrados e compreendidos, o enquadramento, a escolha do momento e a edição podem alterar a perceção de um acontecimento. Tal como afirma Bastos (2014) a imagem e a fotografia, têm uma grande importância no quotidiano da nossa sociedade, dada a sua diversidade e os fins a que se destinam, nomeadamente nos *media* que diariamente colocam à disposição imensa informação.

Perante o exposto, percebe-se o lugar central e fundamental que a fotografia ocupa na sociedade ao refletir as suas preocupações, desafios e aspirações e ao influenciar e até “educar”.

Através das imagens, documenta-se a realidade e molda-se a perceção coletiva e individual, oferecendo uma visão crítica e, muitas vezes, provocativa sobre as questões sociais, políticas e culturais. Desta forma, a fotografia contribui para o debate público e para a formação da opinião social, ajudando a construir uma compreensão mais profunda e reflexiva do mundo ao nosso redor.

3.6 – Relações com a Arte

A capacidade da fotografia de documentar e reproduzir o mundo com precisão desafiou as noções tradicionais de arte. A arte passou a ser vista não apenas como uma representação precisa, mas como uma forma de expressão individual e interpretação. A fotografia contribuiu para o surgimento de movimentos artísticos que exploravam o abstrato, o surrealismo e outras formas de expressão que se distanciam da representação literal. Os artistas foram impulsionados a procurar novas maneiras de expressar as suas visões e sentimentos, algo que levou ao desenvolvimento de novos estilos e movimentos na arte, como o Impressionismo e o Expressionismo. Assim, logo na primeira metade do século XIX, a fotografia foi imediatamente relacionada com as artes visuais (Oliveira, 2005). Revolucionou e “exerceu uma influência profunda na visão do artista, (...) mudou também a visão que o homem tem da arte” (Freund, 1995, p. 99).

Essa relação entre a fotografia e as artes visuais não surgiu do nada. Pintores e desenhistas já utilizavam, muito antes da invenção da fotografia, o princípio da câmara obscura como um acessório básico e estratégico na criação das suas obras artísticas. O uso dessa ferramenta é evidente, como se pode observar no livro de notas sobre espelhos de Leonardo da Vinci (1452-1519), publicado postumamente em 1797 (Oliveira, 2005). A câmara obscura, precursora da fotografia, demonstra como os artistas procuraram sempre técnicas e dispositivos para aprimorar a representação visual, estabelecendo uma ligação direta entre as práticas artísticas tradicionais e o advento da fotografia.

Esta procura de técnicas e dispositivos que aprimorassem a representação visual não se limitou ao uso da câmara obscura, mas também se estendeu ao aproveitamento da fotografia quando esta efetivamente surgiu. Os realistas, por exemplo, logo perceberam este potencial para servir os seus objetivos artísticos. Um exemplo notável é a pintura do Castelo de Chillon, realizada por Courbet em 1874, que se apresenta como uma reprodução fiel de uma fotografia de Adolph Braun, datada de 1867 (Amar, 2001). Este episódio evidencia como a fotografia não apenas influenciou, mas também se harmonizou com as práticas artísticas tradicionais, estabelecendo uma conexão profunda entre o antigo e o novo na arte:

“Desde que a fotografia existe, não cessaram de a relacionar com a pintura e de a avaliar em relação a ela. Os fotógrafos do século XIX quiseram ser reconhecidos como artistas, apesar de esta reivindicação nem sempre agradar aos críticos da época, como Baudelaire, que sustentavam tratar-se de uma arte fria e mecânica, sem alma, incapaz de suscitar emoção” (Bauret, 2000, p. 76).

Autores como Flandrin, Isabey, Puvis de Chavannes protestam a assimilação da fotografia pela arte. Muitos artistas “menosprezam a chegada intempestiva da fotografia e negam-lhe qualquer valor artístico.” Lamartine afirma mesmo “que a fotografia jamais será uma arte” (Amar, 2001, pp. 66-67). Apesar do conflito inerente à polémica do relacionamento da pintura com a fotografia, as mesmas sempre tiveram destinos paralelos e complementares. Por exemplo: os retratos são similares nos seus propósitos, ambos são emoldurados, ambos requerem poses e iluminações por vezes idênticas; as paisagens do movimento realista, são muito semelhantes, no sentido que tendem a copiar a realidade o melhor possível. A fotografia contribui significativamente para a evolução da arte pictórica, pela facilidade de fornecimento de modelos artísticos.

Após o Modernismo, a prática da imitação da pintura deixa de fazer sentido. A partir deste período, novos objetos fotográficos foram definidos e novas perspectivas começaram a ser exploradas. Definem-se novos objetos fotográficos, procuram-se novas perspectivas na aproximação de técnicas de enquadramento cinematográfico em que o objeto fotografado reflete a capacidade da câmara (Serén, 2013). Também nesta ótica, o poeta e fotógrafo amador Afonso Lopes Vieira, ao publicar alguns dos seus "Clichés" inéditos na revista *Ilustração Portuguesa* em 1909, procurou incitar os amadores portugueses a aprimorar as suas habilidades, despertando o entusiasmo pela fotografia estética como uma fonte de prazeres espirituais e um poderoso elemento de educação artística. Ele ainda questionou, com base no valor inestimável da fotografia: "quem ousará hoje discutir, como em 1830 fez Lamartine, se a fotografia é uma arte (...) desde que a pratiquemos esteticamente teremos a possibilidade de sermos todos um pouco pintores" (Vieira, 1909, p.759).

Esta evolução culminou na consagração da fotografia como uma forma de arte legítima, reconhecida ao ponto de ocupar um lugar ao lado da pintura e de outras expressões contemporâneas nas paredes de museus e galerias, tal como é observado por Bauret (2000), que afirma que a fotografia foi consagrada definitivamente como obra de arte.

3.7 – A Fotografia e a valorização do património cultural e histórico de Portugal

Na vasta história da fotografia em Portugal, um nome ressoa com destaque e reverência: Carlos Relvas. Este ilustre visionário desempenhou um papel importante no registo fotográfico dos anos oitocentistas, desempenhando notável relevância na preservação e promoção do rico património cultural e histórico de Portugal.

Carlos Relvas, para além de ser um fotógrafo talentoso, também deixou uma contribuição inestimável para a preservação da memória coletiva portuguesa. Na habilidade excepcional de capturar imagens, documentou a época em que viveu, imortalizando edifícios históricos, paisagens pitorescas e aspetos singulares da cultura e do património português.

Foi um fotógrafo bem-sucedido, essencialmente devido à introdução da fototipia no país e à participação em exposições nacionais e internacionais, que contribuíram para o reconhecimento da fotografia portuguesa. Recebeu diversos prémios, incluindo a medalha de ouro na Exposição Universal de Paris, em 1889 (Manaia, 2021).

A fototipia anteriormente mencionada “revolucionou as artes editoriais em Portugal, facilitando a inclusão de fotografias nas publicações, tendo sido, sem dúvida, um importante legado deixado por Carlos Relvas” (Feio, 2010, p. 22). Esta técnica de reprodução surge no país a partir da década de 1870 e contribuiu para uma diversidade de publicações associadas a fotografias, sendo muitas delas testemunhos do crescente interesse pelo território nacional (Pereira, 2016).

A paixão evidente pela fotografia levou este fotógrafo a explorar o país, numa “viagem” grandiosa de valorização do património e com registos únicos sobre os costumes e tradições de diversas regiões. Executou nomeadamente um álbum intitulado “Visitas de Coimbra Photographias de Carlos Relvas, abril de 1867” (Fonseca, 2012):

“Consciente do processo de degradação do património monumental português, e, à semelhança das vagas conservacionistas europeias, também Carlos Relvas sentiu que os seus talentos como fotógrafo podiam auxiliar no processo de registo do estado real dos nossos monumentos mais identitários. Aliando uma visão

estética a uma perceção realística, os clichés de Relvas revelam uma excelência técnica, onde a nitidez é uma imagem de marca” (Feio, 2010, p. 16).

Particularmente, na Figueira da Foz, Carlos Relvas contribuiu com fotografias como:

- “Peixeiras, Figueira da Foz – c. 1880 – 1882” que evidenciam os trajes típicos relacionados com a atividade piscatória e o espaço de captura da imagem.
- “Banhistas, praia da Figueira da Foz – 1880” um retrato dos fatos de banho da época e da praia onde hoje se verifica a existência de um extenso areal que substitui o que outrora foi mar.

É interessante ressaltar nesta fase primordial da fotografia a visão de Afonso Lopes Vieira (1909), sobre a sua evolução e democratização. Nas suas imensas valências pessoais ligadas à cultura, este poeta, fotógrafo amador, via a fotografia como uma ferramenta poderosa para preservar a memória histórica e cultural, reforçando a identidade e o sentimento de pertença de uma comunidade. Vieira (1909) descreve:

“Farão os retratos das pessoas que lhes forem queridas, (...) e tomando-as no ambiente em que elas viverem, rodeadas dos objetos que ajudam tanto a completar a *physionomia moral*, nos *interiores*, que são sempre um pouco as molduras das almas. (...) E nas nossas casas, como motivo ornamental, de preferência poremos esses productos do nosso amôr, a cada um dos quaes se liga uma recordação, muitas vezes uma saudade”. (p.760)

Especificamente sobre a comunidade local, Figueira da Foz, pode-se mencionar o fotógrafo amador Manuel Santos que dedicou parte do seu tempo a criar um registo fotográfico simples e significativo da cidade, capturando eventos incríveis e tradicionais da região, como, por exemplo: a tão conhecida “moda dos banhos” nas praias desta cidade, o “Dia da Criança” e os “Concursos de Hipismo” no hipódromo que atualmente já não existe e que poucos sabem da sua passada localização. Além de trajes típicos e atividades económicas como a apanha do arroz, a venda de peixe e sal, também registou a paisagem que temporalmente se foi alterando pela ação do homem. Este contributo foi

extremamente importante para que, nos dias de hoje, os figueirenses possam conhecer mais sobre a sua história local, tomando consciência da riqueza cultural da sua terra e por consequência poderem valorizá-la. A sua obra pode ser apreciada no Quartel da Imagem, um espaço cultural instalado no antigo quartel dos Bombeiros Municipais da Figueira da Foz, edifício requalificado para abrigar diversas atividades ligadas à imagem, fotografia, cinema e outras.

Não esquecendo Jorge Dias, fotógrafo da atualidade, que teve a oportunidade de conhecer e de analisar um pouco do seu trabalho, que fez um registo inigualável sobre os acontecimentos do 25 de abril de 1974, ocorridos na Figueira da Foz. O ex-militar partilhou que registou a saída do movimento das forças armadas do Quartel General onde prestava serviço militar, bem como os festejos da conquista da liberdade nos dias seguintes, as manifestações de 27 de abril e do 1.º de maio. As suas fotografias estiveram patentes numa exposição na Casa do Paço da Figueira da Foz e na Esplanada Silva Guimarães e retrataram momentos históricos fundamentais para a identidade local da Figueira da Foz. Esses registos fotográficos não só documentam eventos significativos, mas também ajudam a preservar a memória coletiva da comunidade. As imagens de Jorge Dias capturam a essência de uma época de transformação e liberdade, permitindo que as gerações futuras compreendam e valorizem a importância destes acontecimentos.

Os registos culturais são valiosos e servem como um elo entre o passado e o presente, reforçando o sentimento de pertença e identidade cultural. Este género de fotografias são testemunhos visuais que enriquecem o património cultural do país, oferecendo uma janela para a história e promovendo um maior entendimento e apreciação das nossas raízes e tradições.

Em resumo, estes e outros fotógrafos, deixaram registos relevantes que permitem hoje uma memória visual preciosa de como era Portugal. Um olhar valioso sobre o passado e em particular sobre a Figueira da Foz - verdadeiros registos históricos da nossa herança cultural.

3.8 – A Fotografia enquanto recurso educativo

Numa sociedade globalizada e mecanizada, estamos constantemente a ser atingidos com fotografias no nosso dia a dia, muitas vezes devido à propaganda ou ao vício da utilização de redes sociais, o que implica uma desvalorização ou insignificância dessas imagens pela saturação e frequência com que se utilizam. Atingindo um “ponto de saturação” a fotografia contribui tanto para “despertar a nossa consciência” como para a “insensibilizar”; a sua omnipresença pode provocar a “mais irresistível forma de poluição mental” (Sontag, 1986, p. 31–34 cit. por Rocha & Matos, 2018). Apesar disso, a presente utilização da máquina ao serviço dos ideais humanos permite valorizar o presente e recordar o passado, relembrar momentos, muitas vezes, esquecidos no tempo:

“A fotografia tem uma maneira, só dela, de fazer parar o tempo, sugerindo, por vezes, o antes e o depois do “instante decisivo”, uma maneira de fixar um movimento, um gesto, um olhar, que pode ser o equivalente a uma luz na paisagem, e de descobrir na realidade um equilíbrio, uma harmonia apenas perceptível, algo que, segundo a expressão popular, está preso por um fio. É uma maneira de valorizar um pormenor essencial ou banal, em circunstâncias que nem sempre se conseguem explicar” (Bauret, 2000, p. 114).

Esta relíquia multifacetada torna a sua análise e exploração apaixonantes. A capacidade de registar imagens macros e micros desperta o sentido de imaginação e criatividade, alimentando o desejo de abrir novos horizontes e adquirir novos conhecimentos. Possui, por isso, um grande potencial didático e ilustrativo, podendo ser a base de diversas atividades educativas, abrangendo variados temas ou significados, pela versatilidade de se poder integrar em diversas áreas do saber. Por exemplo, numa disciplina como história, a sua utilização complementar num livro de leitura pode facilitar a compreensão de factos ocorridos. Se utilizada no âmbito de uma atividade educativa que apela à observação de imagens e propõe a construção de uma peça baseada nos detalhes da fotografia reveladores de uma determinada época, não só desenvolve o interesse e a curiosidade, mas também enriquece a experiência de aprendizagem ao proporcionar uma conexão

mais concreta com o passado. É a evidência da linguagem fotográfica como recurso educativo nas suas várias vertentes revelando o valor documental do registo, conhecimento e reconhecimento patrimonial que desperta uma consciência de leitura do mundo através da interpretação das imagens.

PARTE 2 – ENQUADRAMENTO METEDOLÓGICO

1.1 – Apresentação e justificação da problemática

A presente pesquisa tem como objetivo avaliar de que forma a fotografia, quando associada à história local, pode constituir um recurso educativo valioso para o ensino de diversas técnicas de expressão plástica. Este estudo será conduzido na cidade da Figueira da Foz, mais especificamente no ambiente de trabalho numa instituição privada de ensino do 1.º ciclo.

Compreender e ensinar a história local da Figueira da Foz é o tema central deste projeto. A cidade, com a sua história rica e paisagens diversas, oferece um contexto único para a aplicação de técnicas de expressão plástica aliadas à utilização da fotografia. Através deste enfoque, pretende-se explorar como a história local pode ser integrada no ensino, tornando-o mais relevante e envolvente para os alunos.

Sobre a Figueira da Foz, de acordo com o Diagnóstico Social de 2015, a cidade localiza-se em Portugal Continental (NUT I), pertencente à Região Centro (Nut II), sub-região de Coimbra (NUT III). O território é rodeado de paisagens naturais e de outras transformadas pela ação do homem, como o rio Mondego, a Serra da Boa Viagem, praias de grande extensão, as salinas na Morraceira e os arrozais do Mondego. Apresenta riqueza ao nível turístico, histórico, costumes e tradições, e atividades económicas predominantes. Outrora, a exploração de sal foi uma das principais atividades económicas da Figueira da Foz, onde se preservaram certos costumes e tradições; foi alvo de modas (“moda dos banhos” ou “banhos terapêuticos”) e é um porto marítimo de importância histórica desde o século XVIII.

Contextualizando a Figueira da foz como base do objeto deste estudo é interessante notar que a origem do nome Figueira da Foz, segundo alguns autores, está relacionada com uma planta que se imagina ter existido junto ao rio Mondego:

“A hipotética figueira ficaria junto ao rio, quando as terras de cultura vinham até as margens, e a ela os barqueiros e os pescadores do rio costumavam prender os seus barcos. Fábula ainda mais poética, fala de uma frondosa figueira, ao redor

da qual se teriam mais tarde agrupado os primeiros casinhotos de pescadores, núcleo da futura aldeia, e depois vila e cidade” (Cascão, 2009, p. 21).

Localizada no Baixo Mondego, embelezada com a paisagem natural da Serra da Boa Viagem, desde as praias até aos campos, a Figueira da Foz, através da sua cultura, lendas, tradições e características naturais, conta histórias únicas, contextualizadas em determinados períodos e épocas, que enriquecem a identidade local e nacional. Desde a pré-história até à atualidade é possível identificar alguns pontos-chave, acontecimentos, que merecem ser conhecidos e valorizados como contributo para uma realidade histórica mais abrangente. Destaca-se o papel importante de várias personalidades fundamentais para a descoberta e preservação de dados históricos da região, como por exemplo:

O pintor João Reis, segundo Tavares (2016), pertenceu ao grupo “Ar-livre” e retrata a imagem e costumes tradicionais da Figueira da Foz na época em que viveu, testemunhos inigualáveis que despertam um sentimento identitário, tal como mostra “O cantador de Buarcos, 1935 – Óleo sobre tela; 10 x 190 cm”; “Buarcos na praia, c.1930 – Óleo sobre tela; 31 x 50 cm” e “Mulheres do mar, 1942 – Óleo sobre tela; 150 x 190 cm”. Sombrio (1938) apresenta algumas opiniões e informações, transcritas de jornais, sobre este pintor: “Filho e continuador do Mestre Carlos Reis, concorreu ao famoso *Salon* de Paris, com o seu quadro [...] Concerto de rede, [...] cena de vida dos pescadores portugueses. Na classificação que foi feita [...] obteve a medalha de prata” (p. 122). “A sua obra, produto dum enorme labor intelectual, coloca-o sem favor ao lado dos grandes pintores da nossa época” (p. 98). Em relação ao quadro “O Cantador de Buarcos” – premiado com Menção Honrosa do *Salon* de Paris, 1937 – “É um quadro grande na fatura. Todos os objetos estão colocados no seu lugar; há luz e ar que se respira, verdade, do corpo humano” (p. 100). “A praia dá a requerida impressão de grandeza. Tonalidade verdadeira, plena de sol, mas cheia de suavidade” (p. 101).

De igual modo, o fotógrafo Manuel Santos, que de acordo com Jordão (2010), registou a Figueira da Foz dos anos 40, teve um papel importante ao fotografar vários momentos de verão, de diversão, lazer e convívio, bem como algumas das tradições desta cidade, desde a gincana infantil, a concursos de praia (construções de areia) à moda dos banhos. Toda a sua obra testemunha uma cidade que mostrava vida e encanto:

“A representação da Figueira da Foz como um dos lugares privilegiados de lazer da nova burguesia do século XX, é patente nas imagens que captam breves cenas de beira-mar ou nas que dão testemunho da ocorrência da praia e do passeio marítimo e ela adjacente. Lugar duma nova fruição, lugar da expressão do ócio como símbolo de ascensão social, como impressão material dum luxo” (Casção, 2009, p. 27).

Ainda nesta linha de pensamento, o Dr. António Santos Rocha, pioneiro de investigação arqueológica, nomeadamente no que se refere ao período pré-histórico da região e que hoje dá o nome ao Museu Municipal da cidade teve uma prestação de relevo na exploração e divulgação da história da cidade:

“Dr. António dos Santos Rocha (1853 – 1910), que foi um dos mais distintos precursores da investigação arqueológica em Portugal. E que foi autor de uma obra que, ainda hoje, é insuperável no que diz respeito à história da Figueira da Foz durante a Idade Moderna” (Casção, 2009, p. 15).

É muito importante ressaltar o trabalho do Dr. António Santos Rocha e as suas contribuições para a pesquisa histórica e arqueológica. São inestimáveis e permanecem uma parte vital da identidade histórica e cultural desta região, nomeadamente o levantamento arqueológico dos despojos pré-históricos, que segundo Mesquita de Figueiredo (1943) reconheceu a existência de costumes muito ancestrais no território local, como a sepultura dos mortos. De acordo com Bettencourt *et al.* (2021), nas suas pesquisas descobriu mesmo um monumento megalítico funerário – Cabeço do Moinho - considerado pelo próprio Santos Rocha como um dos monumentos mais grandiosos descobertos até à sua época.

Enriquecendo a história local, são evidentes os vestígios e ocupação de vários povos pré-históricos, mas também da Antiguidade, assim afirma Penajoia (2021) que menciona a existência em Brenha de três fornos romanos, também eles identificados pelo Dr. Santos

Rocha. Ressalva-se ainda “o sítio arqueológico de Santa Olaia e a sua ligação ao mundo fenício” (Penajoia e Furtado, 2019).

Relativamente à idade média, Pinto e Gaspar (2012) destaca o Mosteiro de Santa Maria de Seiça, localizado na freguesia do Paião do concelho da Figueira da Foz, estando intimamente ligado à história da Ordem de Cister em Portugal, por sua vez associada à nossa própria nacionalidade: “A sua importância na estruturação do reino de Portugal foi relevante, influenciando o desenvolvimento de um país, desde os aspetos económicos à formação de mentalidades, moldando assim a nossa identidade” (p.71). Segundo estes autores, a história deste monumento e da sua origem vai-se transmitindo de geração em geração, através de lendas e telas. Conta a lenda, que quando D. Afonso Henriques passou por este território, por motivos de saúde e na esperança de um milagre, um criado que o acompanhava, inesperadamente, sofreu uma queda de cavalo, tendo morte imediata. Foi sepultado na já existente capela de Nossa Senhora de Seiça, mas nesse momento, surpreendentemente, ressuscitou. O monarca em honra do milagre e como devoto da Virgem decidiu erigir o atual mosteiro.

Ainda nesta época, surge a história do Abade Pedro (falecido em 1100) que de acordo com Cascão (2009) “doou à sé episcopal de Coimbra a igreja de S. Julião” (p.34), outrora destruída pelos sarracenos. Considera-o um “nome fundamental na história do repovoamento e da recristianização da bacia inferior do Mondego, destacando-se como um dos principais colaboradores de D. Sesnando” (p.34). Esta figura mítica, conhecida por D. Sesnando Davides, foi um “governador de Coimbra (...) cuja ação se desenrolou tendo como epicentro Tentúgal, considerada como sendo a sua terra natal e importante foco da cultura moçárabe” (pp. 34 – 35).

Os séculos XVI e XVII foram, de acordo com o autor anteriormente mencionado, tempos de grande instabilidade, “suscetíveis a invasões de piratas e aventureiros de toda a espécie, nomeadamente ingleses e magrebinos” (p.42). Foi também o convento de Santo António que sofreu de vandalizações por parte das tropas de Filipe II”:

“Terá havido um primeiro desembarque de piratas no ano de 1587, mas o acontecimento mais grave deveu-se uma década e meia depois. Em 24 ou 25 de maio de 1602, alguns dias antes do Espírito Santo, aproximaram-se da costa de

Buarcos sete naus inglesas (...). Depois da Razia sobre Buarcos, dirigiram-se à Figueira, que também foi saqueada, e ao convento dos religiosos de S. Francisco, que foi profanado. Entretanto, tinham ocupado os fortes de Buarcos e de Santa Catarina” (Cascão, 2009, p. 43).

No século seguinte, surge uma figura de extrema importância para a História de Portugal, associada ao primeiro período liberal. Afirma Cardoso (2020) que Manuel Fernandes Tomás (1771 – 1822) conhecido por “o patriarca da liberdade” terá nascido na Figueira da Foz a 31 de julho de 1771, e tornou-se num dos maiores impulsionadores do movimento político iniciado no Porto a 24 de agosto de 1820:

“Um membro proeminente do Sinédrio – movimento secreto, fundado em 22 de janeiro de 1818, no Porto, por quatro maçons, que, em 24 de agosto de 1820, protagonizaram nessa cidade a revolta que viria a instaurar o regime liberal em Portugal. Foi Fernandes Tomás, desta forma, o vulto histórico mais destacado de uma intensa e notável ação de construção de um Portugal novo, de edificação de novas referências jurídicas e constitucionais. Foi um dos principais redatores da Constituição, promulgada em 1822, que extinguiu a Inquisição e a pena de tortura e onde ficaram consagrados os princípios ligados aos ideais liberais da época” (Cardoso, 2020, p. 18).

Visando homenagear este “pai da liberdade”, magistrado, político e orador que, de certa forma, marcou a história com os seus feitos inigualáveis na defesa da causa liberal, foi construída uma estátua/monumento na Praça 8 de maio, local onde se encontram sepultados os seus restos mortais. Trata-se de uma figura que deve ser lembrada, valorizada, uma vez que faz parte da nossa história e identidade coletiva. Como prova do seu valor, é também, segundo este autor, no teto do hemiciclo da Assembleia da República, que pode ser admirado e lembrado através de uma tela pintada por Veloso

Salgado, onde é possível observar o extraordinário Manuel Fernandes Tomás a discursar para a plateia.

Ao nível do património arquitetónico identifica-se, entre outros, o palácio “Casa do Paço” que de acordo com Pinto (2019), terá sido edificado por volta de 1700 a desejo de D. João de Melo, bispo-conde de Coimbra. Este edifício, revestido no seu interior por um espólio de azulejos holandeses únicos no mundo, exhibe cerca de 6.700 azulejos, agregados segundo três temas: cavaleiros, temas bíblicos e paisagens. Trata-se de uma das maiores coleções de azulejaria holandesa em Portugal e apresenta-se classificado como Imóvel de Interesse Público.

Falando em pontos emblemáticos da cidade, não podemos deixar de mencionar o complexo piscina-mar, o Antigo Teatro – Circo Saraiva de Carvalho e a Casa Havanesa, que desempenharam papéis significativos na história e cultura da Figueira da Foz.

Também a Torre do Relógio se apresenta hoje como um ponto de referência da cidade. De acordo com Cascão (2009) “O relógio elétrico, de duas faces e iluminado a néon, começou a funcionar em agosto de 1957. Foi oferecido à Câmara Municipal pela Roamer Watch C^o. S. A., de Soleure, na Suíça, considerada a maior fábrica de relógios do mundo” (p.83).

As tradições e atividades económicas da comunidade da Figueira da Foz estão muito relacionadas com o meio natural, pois a cidade, caracterizada por uma envolvência de mar, rio, serra e campos cultiváveis, permitiu a exploração dos recursos através de diversas atividades humanas. Relativamente ao mar, existe uma ligação entre o desenvolvimento local e a intensa atividade marítima, pois segundo Freitas e Dias (2014), a população começou a crescer no século XVIII devido ao tráfego e comércio marítimos. Afirma também que um século mais tarde, se destacou pela “moda dos banhos”, pela importância que estes representavam para a saúde, pois eram considerados e recomendados pelos médicos nos mais diversos tratamentos terapêuticos:

“As senhoras tomavam banho ao meio-dia, vestindo *maillots* e utilizando as barracas que alugavam aos banheiros; enquanto as gentes do povo iam ao mar de manhã cedo, despiam-se junto aos rochedos do forte de S. Catarina e

envergavam a roupa de todos os dias. As formas de distinção social entre os utilizadores das praias mantiveram-se ao longo das décadas, tendo-se apenas tornado mais elaboradas e difusas, manifestando-se por exemplo na valorização de determinado tom da pele, no aspeto do corpo e no tipo de vestuário” (Machado, 1996, pp. 50 – 55, citado por Freitas, 2007, pp. 110 - 111).

De acordo com Cascão (2009), terá sido a possível passagem de D. Afonso Henriques por esta zona, em busca de melhor saúde, que tenha feito dele “o primeiro (e “régio”) banhista da Figueira da Foz” (p.274). Facto relatado por Frei Bernardo de Brito, na Crónica de Cister que terá ocorrido por volta de 1160.

Conforme Pinto (s.d), nesta região, mais especificamente na Ilha da Morraceira, fazem parte do património cultural atividades como a aquacultura, a orizicultura e a salicultura. No passado, o sal teve a sua importância pela forma como envolveu sazonalmente a comunidade nas tarefas necessárias à sua extração e recolha. “A importância local do sal motivou uma verdadeira cultura salineira, expressa no folclore (Rancho das Salineiras de Lavos), na gastronomia (peixes salgados, batatas no sal) e em numerosas expressões e técnicas que apenas existem na Figueira da Foz”. Segundo este autor, a Ilha tinha outras funções como “servir de local para a seca do bacalhau e de estaleiro de construção naval”.

“A morraceira é uma ilhota, com uma área de cerca de 635 hectares, situada perto da foz do Mondego, entre os dois braços em que o rio se separa a alguma distância da costa. O seu nome derivaria do nome de uma planta. Teria sido a *Spartina Strica*, uma gramínea muito ambulante na região do Baixo Mondego, vulgarmente conhecida por marraça, que teria originado o topónimo Morraceira” (Cascão, 2009, p. 60).

Também, em proveito da oferta dos recursos da natureza, ainda se recorda a extração de carvão na mina do Cabo Mondego. De acordo com Santos *et al.* (2014), em 1884, alguns mineiros deram conta de vestígios de grandes fósseis, entre os quais alguns mais tarde identificados como pegadas de dinossauros.

Poucos anos antes da descoberta dos mineiros, por volta de 1880, a instalação do Caminho de Ferro na cidade permitiu a ligação às linhas ferroviárias de Espanha. Em consequência, na Segunda Guerra Mundial, a Figueira da Foz foi um dos locais de acolhimento temporário dos refugiados da guerra, enquanto aguardavam pelo dia de embarque para outros países ou continentes, tal como afirma Vaquinhas (2019).

Face a estes acontecimentos históricos de grande importância e às características peculiares desta cidade, e pelo que foi outrora e é atualmente, termina-se esta breve contextualização histórica e local, enaltecendo a Figueira da Foz, nomeadamente as praias que em tempos serviram de turismo balnear:

“Nenhuma outra praia em Portugal, possui as condições d’esta para tornar agradável a estação dos banhos. Batida do grande mar, tendo à direita a bonançosa bahia de Buarcos e á esquerda os rochedos em que assenta o castello de Santa Catharina, que defende a foz do Mondego, a villa da Figueira oferece aos banhistas incomparáveis condições. A povoação é rica pelo commercio do sal e pela exportação dos vinhos da Bairrada” (Ortigão. R., 1876, p.107).

Com base na riqueza histórica apresentada, surge a questão fundamental de como transmitir de maneira educativa, adotando abordagens menos formais, mais interativas e interessantes que incentivem o diálogo, a descoberta e a apreciação da história da cidade. Como o ensino da história local pode contribuir significativamente para o desenvolvimento do potencial de aprendizagem num contexto mais global. Ao conhecer a própria história, que representa a identidade local, os alunos podem valorizar o seu património, o que, por sua vez, pode estimular o interesse e compreensão de questões globais. Esta abordagem permite que os alunos estabeleçam conexões entre o local e o global, promovendo uma compreensão mais profunda e contextualizada do mundo em que vivem.

1.2 – Objetivos da investigação

Como já referido, o sentido desta investigação tem por finalidade analisar de que forma a fotografia associada à história local pode ser um recurso educativo no âmbito da Educação Visual. Os objetivos são:

- **Explorar o uso da fotografia** para compreender de que maneira a sua utilização pode enriquecer a experiência educativa, quando usada como estímulo cognitivo ou memória visual sobre a história local.
- **Valorizar a história local** para despertar sentimentos de pertença e interesse pelo património, lendas e tradições da Figueira da Foz.
- **Utilizar estratégias educativas não formais** para aumentar o interesse e envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem tornando-o mais significativo e envolvente.
- **Utilizar a expressão plástica** para desenvolver capacidades e competências nos alunos, promovendo o pensamento crítico e a criatividade através de materiais variados, incluindo recicláveis.

Por meio desses objetivos, a pesquisa, visa contribuir para uma compreensão mais profunda sobre como a fotografia e a expressão plástica podem ser integradas de forma eficaz na educação, promovendo a valorização do território, património, costumes e tradições, visando contribuir para cidadãos mais conscientes e ativos.

1.3 – Questões orientadoras

Para proporcionar uma abordagem mais precisa no âmbito desta pesquisa, foram formuladas algumas questões que irão orientar a intervenção educativa na procura de resultados e/ou respostas, designadamente:

- Nas escolas, serão os alunos orientados para a valorização da história local e para a responsabilidade sobre o património?
- As práticas artísticas poderão ser um instrumento para melhorar a aprendizagem?
- Como é que a história local poderá ser valorizada por meio do uso da fotografia, despertando sentimentos de pertença e identidade entre os indivíduos?
- Quais são os impactos percebidos na aprendizagem dos alunos quando a fotografia é usada como parte integrante das atividades de Educação Visual em contexto educativo?

Estas questões orientadoras têm por base a condução da presente intervenção educativa de forma a moldar a pesquisa, orientando a investigação e fornecendo um quadro sólido para explorar a fotografia e a Expressão Plástica enquanto recursos educativos na divulgação e valorização da história local.

1.4 – Variáveis em estudo

No presente projeto de pesquisa, de natureza qualitativa, podemos identificar as seguintes variáveis a serem exploradas, que também irão corresponder a categorias dentro do método de análise de conteúdo:

- **Valorização da história local:** A capacidade dos participantes de compreender, interpretar e se conectar com a história local da Figueira da Foz;
- **Envolvimento dos participantes:** O grau de envolvimento ativo dos participantes nas atividades que envolvem fotografia e artes plásticas;
- **Sentimento de pertença:** Como os participantes percebem a sua ligação à comunidade local após a intervenção;
- **Expressão artística:** abrange tanto a criatividade quanto o apreço pelas produções artísticas;
- **Experiência educacional:** o efeito da experiência geral dos alunos ao participar das atividades educativas que integram fotografia, artes plásticas e história local;
- **Variabilidade de materiais:** como os diferentes recursos de materiais são utilizados e influenciam o processo de conhecimento e artístico, como promovem a criatividade, e ajudam os alunos a desenvolver habilidades motoras finas e a aprender sobre a importância da reutilização e reciclagem de materiais;
- **Narrativas dos participantes:** as narrativas, histórias e reflexões partilhadas pelos participantes sobre a sua experiência e aprendizagem ao longo do projeto;
- **Bem-estar emocional:** emoções que impactam as interações sociais e pessoais quanto à melhoria da autoestima e dos relacionamentos com os outros. Como as interações entre os participantes, agentes educativos e membros da comunidade local afetam a experiência e a aprendizagem.

Os estudos destas variáveis ajudarão a compreender o grau de significância da utilização de métodos educativos auxiliares e/ou complementares, não formais, visando uma educação de qualidade.

1.5 – Limitações do estudo

O presente estudo foi conduzido numa instituição privada de ensino do 1.º ciclo englobando duas turmas, uma do terceiro e outra do quarto ano de escolaridade, com uma média de oito alunos por turma. Sendo uma escola privada, evidencia-se que as condições dos alunos refletem uma maior qualidade familiar e ambiente escolar, o que leva a melhores níveis de interesse destes e dos professores envolvidos. Neste sentido, a projeção dos resultados ao restante universo escolar deverá ser cuidadosamente aplicada em diferentes contextos educacionais (escolas privadas *versus* escolas públicas) para uma análise comparativa.

Por outro lado, é importante considerar o fator tempo, que na maior parte das intervenções foi reduzido a apenas uma hora. Esta limitação de tempo teve um efeito redutor na capacidade criativa que se pretendeu desenvolver, na observação e interpretação das imagens utilizadas, na utilização de materiais e no diálogo interativo sobre os temas relacionados; ou seja, limitou a atuação de todos os intervenientes, quer dos alunos, quer da própria animadora e educadores.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, há a considerar também o viés do pesquisador, neste caso, o dinamizador das atividades, que com as suas crenças e perspetivas apresentará resultados por si interpretados, que podem ser influenciados pela sua subjetividade. Portanto, é crucial reconhecer e estar ciente desse viés ao analisar e interpretar os dados, procurando manter a objetividade e transparência na condução da pesquisa e na apresentação dos resultados.

Considerando tudo o que foi referido, resumindo, devem considerar-se à partida como limitações do estudo:

- O ambiente escolar;
- A amostragem;
- A disponibilidade e o nível de interesse dos intervenientes envolvidos;
- O tempo disponível;
- E o viés do pesquisador.

Em face destas limitações, é importante reconhecer a complexidade da pesquisa e as suas nuances, procurando manter a objetividade e transparência na análise e apresentação dos resultados. Estas considerações serão levadas em conta ao interpretar e aplicar os achados deste estudo e ao extrapolá-los para contextos educacionais diversos.

1.6 – Metodologia

O presente estudo enquadra-se numa abordagem de participação observante e na metodologia de investigação-ação. A Investigação-ação é definida, como “um método enquadrado no paradigma sócio-crítico, que se caracteriza pela recolha sistemática de informações, de forma a promover mudanças sociais, sendo o investigador ou investigadores participantes ativos, com o objetivo final de obter respostas aplicáveis na prática do quotidiano dos próprios intervenientes e de outros interessados” (Moreira *et al.*, 2021, p. 34).

A investigação envolverá uma análise que recorre a métodos qualitativos.

Para a recolha de informações, serão empregues diversas técnicas, incluindo pesquisa bibliográfica e documental, bem como observação participante. A análise dos dados será conduzida consolidando a análise bibliográfica e análise de conteúdo com a observação participante que envolverá a recolha e interpretação de dados, enquanto participante ativo no ambiente de estudo.

Para o efeito é necessário definir uma amostra representativa do universo escolar compreendido entre o 3.º e o 4.º ano. A “amostra é um subconjunto da população usado para obter informação acerca do todo” (Reis & Reis, 2002). Nesta pesquisa, a amostra consistirá na seleção de sete alunos de uma turma do 3.º ano e nove alunos de uma turma do 4.º ano, com idades entre 8 e 10 anos. Esta seleção visa abranger a diversidade de um grupo de crianças que serão capacitadas e mobilizadas no âmbito do estudo em questão.

O método de amostragem será por conveniência. A amostra será então representativa de uma população infanto-juvenil mais ampla.

1.7 – Instrumentos e técnicas para a recolha de dados

Em função dos objetivos e das questões de partida, na recolha de dados irão ser utilizados os seguintes instrumentos:

Pesquisa documental – Entendido como, segundo Albarello *et al.* (2005) um método de recolha e de verificação de dados que visa o acesso às fontes pertinentes para a investigação, criando muitas vezes material empírico novo através da conjugação e complemento com outras técnicas de investigação. Será utilizado este instrumento com o objetivo de interpretar e selecionar informação para a investigação, nomeadamente sobre a história local. De acordo com estes autores, ao não se recorrer de forma constante a este método, corre-se o risco de criar falsas pistas de informação.

Entrevistas exploratórias – com o objetivo de conhecer melhor a realidade de intervenção como metodologia para a construção dos instrumentos, uma vez que estas “contribuem para descobrir os aspetos a ter em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras” (Quivy, & Van Campenhoudt, 1992).

Inquérito por entrevista semiestruturada - com este recurso pretende-se avaliar e comparar os saberes dos indivíduos relativamente à história e património da Figueira da Foz (inicialmente e posteriormente ao processo de intervenção), a fim de obter dados e resultados face à motivação da investigação. Segundo Lopes (2008), trata-se de uma entrevista de perguntas de carácter livre, aberta e informal, que permite o diálogo direto com o entrevistado e a informação que ele detém sobre um determinado assunto. Para tal, é necessário que o investigador apresente um domínio sobre o tema a fim de diminuir a taxa de não resposta ou enviesamento. Também deve existir uma atenção especial na elaboração das perguntas e formulação das respostas. Segundo Carmo e Ferreira (2008), este método tem como vantagens a profundidade (uma vez que permite colher informações mais íntimas) e flexibilidade de tempo e adaptação das entrevistas. Tem como limitações um maior consumo de tempo e custo, e requer maior especialização do investigador. Para a sua operacionalização e como forma de orientação será adotado um guião de entrevista, sendo este inquérito semiestruturado e em que serão definidas questões previamente estabelecidas, alargando a possibilidade de adicionar novas perguntas como forma de adaptação às necessidades do próprio processo.

Observação direta – associada ao objetivo de observar os comportamentos dos intervenientes em relação às práticas de intervenção, que incluem jogos lúdicos e práticas artísticas. Esta técnica permite a recolha de informação para ajudar a investigar e compreender de que forma a intervenção educativa específica contribui para um maior sentimento de pertença e aquisição de novos conhecimentos relacionados com a história e o património da Figueira da Foz. De acordo com Carmo e Ferreira (2008), esta abordagem induz o pesquisador a assumir um papel de observador e interveniente junto da população selecionada, o que tem a vantagem de possibilitar a compreensão do impacto sobre o estilo de vida e o conhecimento de uma determinada população.

Recurso a conversas informais - Além das técnicas mencionadas anteriormente, também será adotada uma abordagem que valoriza conversas informais durante o processo de interação e análise. A importância do diálogo contínuo sobre os temas abordados no estudo permite que os participantes expressem livremente as suas perspetivas, reflexões e experiências e com isso é possível aferir o grau de interesse e motivação.

No geral, o registo da informação será efetuado através de notas de campo - “técnica muito utilizada na metodologia qualitativa, aplicada nos casos em que o investigador pretende estudar de forma sistemática aspetos relacionados com o próprio contexto de que fazem parte os participantes” - e diários de bordo - “técnica narrativa que tem como propósito o registo de observações e reflexões do próprio investigador e que se revelam um elemento promotor do desenvolvimento do pensamento crítico” (Moreira *et al.*, 2021, p. 45).

1.8 – Instrumentos e técnicas para a análise de dados

Para a obtenção de resultados e respetiva interpretação, recorreu-se a:

Análise bibliográfica e documental para a descodificação e tratamento da informação documental recolhida, baseada na temática/problemática. Tal como Bardin (1977) afirma, esta técnica visa a representação condensada da informação no processo de “dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação”. É, portanto, uma “manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem.” (pp..45 e 46).

Análise de conteúdo como objetivo de comparar e tratar a informação obtida a partir do material empírico, conjugando com a informação recolhida através das entrevistas/inquéritos e outros instrumentos. Pressupõe uma capacidade de interpretação e de exploração por parte do investigador, pois trata-se de um procedimento que se dedica à descoberta dos factos e ajuda a alcançar respostas a determinadas questões/problemáticas. Trata-se de uma “prática que visa interpretar de forma sistemática o sentido de uma qualquer mensagem (textual, gráfica, discursiva) produzida num dado contexto” (Reis, 2017). Berelson entende que “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Janeira, 1972, p. 371). Para Bardin (1977) trata-se principalmente de um conjunto de técnicas de análise das comunicações de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, que implicam um trabalho exaustivo e rigoroso, com o objetivo de obter indicadores dedutivos de conhecimento. Uma análise de “significados” (análise da temática) e em simultâneo uma análise dos “significantes” (análise dos procedimentos). Este autor afirma que, ao longo deste processo, podem surgir algumas dificuldades e barreiras, uma vez que da técnica se faz uma análise de interpretação própria do investigador, sendo que, quanto mais complexo for o código, maior terá que ser o esforço do analista.

No presente caso, pretende-se uma abordagem rigorosa que requer uma análise minuciosa e sistemática de dados textuais, os seja dos relatórios das atividades efetuadas. É útil para identificar padrões, temas e significados subjacentes em dados qualitativos e

proporciona uma base sólida para a interpretação e a compreensão de questões de pesquisa em causa, como por exemplo, o impacto de práticas educativas com recurso à fotografia associada às artes plásticas, o conhecimento obtido, desenvolvimento de sentimentos de pertença e a curiosidade sobre a história local.

**PARTE 3 – INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO 3.º e
4.º ANO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

1.1 – Intervenção Educativa

1.1.1 – Contextualização

A presente pesquisa tem o potencial de contribuir para a compreensão do efeito da integração de elementos visuais, neste caso, fotografias associadas à história local, como recurso para a Educação Visual. Esta abordagem visa fortalecer a exploração de várias técnicas de expressão plástica que permitam a conexão dos alunos com o património cultural e histórico da sua comunidade, promovendo o sentido de identidade e apreciação pela cultura local.

Tal com referido anteriormente, o objetivo do presente estágio visa colocar em prática novos conceitos e abordagens educativas. Utilizando a fotografia como instrumento de trabalho, e associando-a à história local, pretende-se avaliar de que forma a intervenção educativa proposta pode ser um recurso para uma aprendizagem de qualidade. Trata-se de colocar em prática uma tentativa de aproximar as crianças à sua história local e de desenvolver nelas um sentimento de pertença, valorizando a identidade pessoal e coletiva destes potenciais cidadãos ativos, que, sendo conhecedores do seu próprio território e ambiente, estarão mais propensos à reflexão, consciencialização e desejo de promover mudanças positivas.

A área de atuação foi conduzida numa escola de ensino privado, localizada na Figueira da Foz, fundada em 1914. A instituição educativa conta com uma longa história ao serviço da comunidade local, desempenhando um papel significativo na formação escolar de várias gerações de residentes na Figueira da Foz. Atualmente, dispõe de valências ao nível do ensino pré-escolar e do 1.º ciclo do ensino básico e valoriza o papel vital na promoção da educação de qualidade e do desenvolvimento da comunidade local. Este compromisso é evidenciado pelo facto de ter prontamente aceite a proposta de estágio e de ter demonstrado interesse pelo projeto, fornecendo as condições necessárias para o desenvolvimento do estudo em causa.

Neste sentido, a instituição mantém um compromisso com o futuro da educação, seguindo a visão do educador e fundador da escola, João de Deus Ramos, que se dedicou a educar, a libertar da rotina, da ignorância e das condições desfavoráveis da época: “João

de Deus Ramos já defendia, à época, os princípios e os movimentos da pedagogia atual: preservação da identidade cultural, necessidade de cuidar e preparar convenientemente o ambiente, tanto no plano físico como nos seus aspetos humano e cultural” (1.º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz, 2019, p.19).

Ainda, seguindo a visão deste educador, entre outras, valoriza-se a educação percetiva. A motricidade e a educação verbal são aspetos muito importantes. “A educação percetiva começa desde o berço e, quase podemos dizer, é de grande valor para o indivíduo. Não se trata de «afinar» os sentidos, mas sim de saber utilizá-los melhor”, (1.º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz, 2019, p.22), ou seja, trabalha-se sobretudo a visão e a audição. Estes dois sentidos, desenvolvem aquisições mais espirituais, estéticas e, nomeadamente, no que diz respeito à visão permite estimular o gosto de observar, de criar o senso do belo e da harmonia.

É neste contexto educacional que foi desenvolvido o estudo, dividido em dois grupos de alunos - um do 3.º ano, com sete alunos, e outro de 4.º ano, com nove alunos.

1.1.2 – Duração da Intervenção

A intervenção ocorreu durante o período escolar 2022/2023, entre janeiro e junho, e consistiu na realização de atividades com a duração de uma hora a uma hora e meia. A preparação dessas atividades envolveu um planeamento prévio alinhado com os objetivos propostos e ao longo do processo foram feitos ajustes conforme necessário. Esta abordagem visou proporcionar uma intervenção eficaz e adaptada às necessidades do presente estudo.

1.1.3 – Participantes

O projeto envolveu vários intervenientes, uns de forma direta, outros de forma indireta, apenas como colaboradores – que se passam a identificar:

- **Educadora de animação socioeducativa:** responsável por planear, conduzir e facilitar a atividade educativa, fornecendo orientações e instruções para a realização das respetivas atividades (Sofia Pessoa);
- **Professoras:** professora do 3.º ano escolar e a professora do 4.º ano que auxiliaram na realização e condução das atividades propostas;
- **Alunos:** nove do 4.º ano (dois meninos e sete meninas) e, sete do 3.º ano (duas meninas e cinco meninos), para os quais foi conduzida a intervenção de promoção da aprendizagem, aplicação de conhecimentos e desenvolvimento de capacidades;
- **Famílias e/ou Encarregados de Educação:** de forma indireta ao prestarem testemunhos vivos em relação à partilha de memórias da cidade;
- **Diretora escolar:** pelo auxílio e por possibilitar a presente intervenção colocando à disposição as condições necessárias para a realização da mesma.
- **Recursos Externos:** participação especial do fotógrafo profissional (Luís Brandão), com testemunho de imagens fotográficas da cidade, icónicas e antigas,

convidado para enriquecer a experiência educativa no momento da realização da exposição final dos trabalhos realizados pelos alunos.

1.1.4 – Plano de Ação

Ao considerar o tema de estudo, **A Fotografia associada à História Local como recurso para a Educação Visual**, a seleção das atividades foi cuidadosamente escolhida e pensada para garantir que o estudo fosse relevante, rigoroso, impactante e estivesse alinhado com alguns denominadores comuns a todas elas, nomeadamente o uso da fotografia, a exploração da história e do património local e a execução de peças artísticas com materiais pouco usuais, passíveis de serem reutilizados, enriquecendo a experiência educativa e oferecendo novas perspetivas aos alunos.

Um olhar sobre a cidade, foi a forma escolhida para dar início ao programa, para perceber conhecimentos, reações e valorização das crianças sobre a sua comunidade local. A apresentação de um vídeo com fotografias da cidade serviu para dar o mote de abertura sobre o substrato daquele que viria a ser o motivo do estudo;

Atividades como **Salinas (construção de uma figura)**, **Atividade piscatória: a sardinha**, **Colorir o passado: profissões antigas** e o **Processo do bacalhau (livro pop-up)** foram escolhidas para ajudar os alunos a compreender a importância histórica e geográfica da economia local. A pesca, em particular, é um elemento vital da história e cultura local. O estudo da sardinha oferece uma oportunidade para os alunos contactarem com as tradições locais. Além disso, **colorir o passado** com base nas **profissões antigas** proporciona uma maneira interativa de ensinar a história local, trazendo o passado à vida e destacando a evolução do trabalho ao longo do tempo.

Para explorar o património edificado na região, planearam-se os **Moinhos** e **Como idealizo a minha cidade (maqueta)**. Pretende-se dar a conhecer os moinhos e atribuir-lhes a devida importância como um símbolo significativo do património local, explorar o tema e gerar discussões sobre a história da tecnologia e a importância da energia sustentável. Construir maquetas, escolhendo, por exemplo, a torre do relógio com o fundamento de que é um importante ícone da cidade, e permitir aos alunos que sejam urbanistas por um dia, imaginando e projetando a cidade dos seus sonhos, para estimular o pensamento crítico e a criatividade foram atividades programadas para pôr em prática o projeto.

Por fim, o **Amor à cidade (cenário fotográfico)** e **O que transmite (colagem fotográfica)** escolhidas para ajudar os alunos a perceber como as imagens podem transmitir mensagens e emoções e para incentivar a expressar o que valorizam na sua cidade, promovendo sentimentos de pertença e identidade local.

Cada uma dessas atividades foi escolhida não só pela sua relevância educativa, mas também pelo potencial de envolver os alunos de maneira significativa com a sua herança cultural e ambiente local. Ao utilizar materiais pouco usuais e passíveis de reutilização, pretende-se alertar para a sustentabilidade e a consciência ambiental.

De seguida, apresenta-se um plano de ação detalhado que descreve atividades específicas a realizar como parte deste estudo. Cada atividade cuidadosamente planeada inclui o mapeamento das tarefas, a lista de materiais a serem utilizados e os objetivos a serem alcançados. Este plano de ação servirá como um guia abrangente que permitirá recolher informações válidas e confiáveis para a pesquisa em questão. Cada atividade desempenha um papel crucial na investigação dos impactos das intervenções educativas e na análise dos resultados obtidos ao longo deste estudo.

Atividade – Um olhar sobre a cidade

Quadro 1

Plano de atividade – Um olhar sobre a cidade

Atividade	Materiais	Objetivo
Visualização de um filme de reconhecimento de alguns lugares emblemáticos da Figueira da Foz; Desenho alusivo à cidade.	Vídeo; Retroprojektor ou televisor; Folha de papel; Lápis de cor; Canetas de Feltro.	Identificar os lugares que mais se relacionam com a cidade; Estimular o sentido visual e o interesse pela cidade; Desenvolver a criatividade através do desenho.

Atividade – Salinas (construção de uma figura)

Quadro 2

Plano de atividade – Salinas (construção de uma figura)

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Partilha/troca de conhecimento com os alunos sobre processo de produção do sal e observação de fotografias das salinas da Figueira da Foz e dos elementos associados, como por exemplo os marnotos e as salineiras.</p> <p>Construção de uma figura representativa de uma “salineira” e exploração da utilização de uma esponja na execução da pintura da base da estrutura.</p>	<p>Fotografias impressas em papel; Esferovite; Cola; Tesoura; Cartolina; Bugalhos; Cartão; Caixa de ovos; Formas de papel; Folhas brancas; Tintas acrílicas; Rolo de papel; Esponja; Papel vegetal colorido; Palitos; Cartolina; Restos de fita Cola colorida; Serradura; Caixas de cereais.</p>	<p>Despertar o sentido de observação e o interesse pelo processo da produção do sal;</p> <p>Dar a conhecer o modo de vida de subsistência do passado, característico da localidade;</p> <p>Exploração da imagem com foco nos trajés e utensílios tradicionais da economia do sal;</p> <p>Valorização da utilização de material passível de ser reutilizado;</p> <p>Despertar sentimentos positivos e de pertença na procura de identidade pessoal;</p> <p>Estimular a criatividade para a concretização do projeto final;</p> <p>Valorização pessoal face à superação das dificuldades encontradas.</p>

Atividade – Amor à cidade (cenário fotográfico)

Quadro 3

Plano de atividade – Amor à cidade (cenário fotográfico)

Atividade	Materiais	Objetivo
-----------	-----------	----------

<p>Colagem e composição de imagens utilizando várias fotografias selecionadas e recortadas sobre a Figueira da Foz;</p> <p>Ornamentação do espaço recorrendo a diversos elementos de texturas e cores diversificadas, valorizando a reutilização de materiais.</p>	<p>Fotografias impressas em papel; Cola; Tesoura; Canetas de feltro; Cartolina; Jornal ou revista; Fios de lã; Papel vegetal colorido; Palitos; Cartolina; Restos de fita Cola colorida; Serradura; Caixas de cereais.</p>	<p>Despertar o interesse pela cidade;</p> <p>Valorizar a cidade;</p> <p>“Ler” o passado;</p> <p>Explorar a imagem;</p> <p>Fomentar a literacia visual;</p> <p>Despertar sentimentos positivos e de pertença na procura de identidade pessoal;</p> <p>Estimular a criatividade para embelezamento do projeto final;</p> <p>Promover a valorização pessoal.</p>
--	--	---

Atividade – Atividade piscatória: A sardinha

Quadro 4

Plano de atividade – Atividade piscatória: a sardinha

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Pintura de uma sardinha feita de barro branco.</p>	<p>Tintas; Pincel.</p>	<p>Dar a conhecer, a partir da fotografia, como era a apanha e o transporte da sardinha;</p> <p>Criar desafios para produção de criatividade;</p> <p>Trabalhar a motricidade fina;</p> <p>Compreender a importância e ligação da “sardinha” com a “cidade” da Figueira da Foz.</p>

Atividade - Colorir o passado: Profissões antigas

Quadro 5

Plano de atividade – Colorir o passado: profissões antigas

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Construção de uma capa para folhas a partir de uma cartolina A3;</p>	<p>Areia; Cola; Canetas de Feltro;</p>	<p>Dar a conhecer a atividades e profissões do passado;</p>

<p>Pintura e acrescento de elementos de forma a compor a fotografia selecionada, dando “cor ao passado”;</p> <p>Disponibilização de materiais para que os alunos possam decorar e acrescentar, na respetiva “capa para folhas” diversos elementos de texturas várias, de forma a compor o trabalho a gosto.</p>	<p>Fios; Serradura; Tecidos; Tesoura.</p>	<p>Desenvolver a criatividade;</p> <p>Trabalhar a motricidade fina;</p> <p>Estimular o sentido visual;</p> <p>Comparar e refletir sobre o passado e o presente;</p> <p>Reconhecer a história e tradições da Figueira da Foz;</p> <p>Permitir a aquisição de novos conhecimentos.</p>
---	---	--

Atividade – Moinhos

Quadro 6

Plano de atividade - Moinhos

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Apresentação de um filme com fotografias antigas de moinhos da localidade sobre o processo de moagem e da produção do pão.</p> <p>Realização de uma estrutura tridimensional com recurso essencial a materiais reutilizáveis.</p>	<p>Caixas de cartão; Cartolinas; Tecidos; Colas; Tesouras; Serradura; Pedrinhas; Palhinhas de papel; Fita-cola; Cascas de árvores; Feltro; Madeira; Palitos de madeira; Pratos de papel; Esferovite; Sacos de cartão; Fotografia de moinho.</p>	<p>Dar a conhecer o processo da moagem e da produção do pão;</p> <p>Desenvolver a criatividade;</p> <p>Trabalhar a motricidade fina;</p> <p>Estimular o sentido visual;</p> <p>Reconhecer a história e tradições da Figueira da Foz;</p> <p>Permitir a aquisição de novos conhecimentos.</p>

Atividade – Processo do Bacalhau (livro Pop-Up)

Quadro 7

Plano de atividade – Processo do bacalhau (livro Pop-Up)

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Construção de um livro Pop-Up com fotografias alusivas ao processo do bacalhau (apanha, lavagem, secagem, venda).</p>	<p>Folhas de papel; Cola; Tesoura; Fotografias em papel; Elementos decorativos.</p>	<p>Dar a conhecer o processo associado ao sustento proveniente da apanha do bacalhau;</p> <p>Trabalhar a motricidade fina.</p>

Atividade – Como idealizo a minha cidade (maqueta)

Quadro 8

Plano de atividade – Como idealizo a minha cidade (maqueta)

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Construção em cartão da Torre do Relógio e processo criativo de pintura face às idealizações possíveis das crianças de “como gostariam que a torre do relógio fosse”, numa perspetiva futurista:</p> <p>1.º procedimento - recortar um paralelepípedo e um retângulo em cartolina e montar a estrutura.</p> <p>2.º procedimento – pintar a gosto procurando criar uma ideia diferente para a Torre do Relógio (símbolo da Figueira da Foz).</p>	<p>Cartolina; Cola; Tesoura; Tintas; Pincel; Fita-cola; Galhos; Flores; Papel de várias texturas e cores; Esponja; Papel folha crepe colorido; Papel celofane; Fotografias da Torre do Relógio a ser construída e finalizada.</p>	<p>Experiência na relação passado, presente e futuro:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Passado – Dar a conhecer através de fotografias a Torre do Relógio em processo de construção; • Presente – Relembrar a torre do relógio atual, focando os aspetos e as linhas que a caracterizam; • Futuro – idealizar uma Torre do Relógio diferente numa perspetiva hipotética ou futurista. <p>Desenvolver o espírito crítico num processo de “viagem” ao passado, presente e futuro, passando pela fase da construção da Torre do Relógio a uma nova idealização da mesma;</p> <p>Associar a época em que a estrutura foi construída ao Estado Novo, salientando as linhas rígidas e austeras relacionadas com a influência exercida pelo poder político da altura;</p> <p>Valorizar novas ideias num contexto hipotético mais suave e solto, idealizado pelas crianças, face à perspetiva que têm ou que irão ter da Torre do Relógio.</p>

Atividade – O que transmite (colagem fotográfica)

Quadro 9

Plano de atividade – O que transmite (colagem fotográfica)

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Construção de palavras a partir de letras feitas em cartão ou cartolina (pré-concebidas ou não) que, segundo a</p>	<p>Tinta; Folha de papel ou cartolina branca;</p>	<p>Estimular emoções e sentimentos (pertença e outros);</p>

<p>perspetiva dos alunos, caracterize a Figueira da Foz, tendo por base uma fotografia desta cidade, escolhida a gosto;</p> <p>Pintura do exterior/suporte salpicando a folha com tintas de diversas cores;</p> <p>Pintura de letras e colagem de forma a construir a palavra pretendida;</p> <p>Colagem de fotografias;</p>	<p>Pincel; Cola; Fotografia em papel; Cartão (ex: caixa de cereais).</p>	<p>Criar uma ligação com a cidade;</p> <p>Desenvolver a capacidade de escrita, literacia e criatividade;</p> <p>Dar a conhecer a Figueira antiga.</p>
---	--	--

Atividade – Uma recordação da minha querida cidade (moldura)

Quadro 10

Plano de atividade – Uma recordação da minha querida cidade (moldura)

Atividade	Materiais	Objetivo
<p>Construção de uma pequena moldura.</p>	<p>Conchas; Galhos; Cartão; Palitos; Areia; Cartão ondulado; Folha de papel; Tintas; Verniz; Cola; Tesoura; Pincel; Fotografia em papel.</p>	<p>Estimular sentimentos e emoções;</p> <p>Dar a conhecer a dinâmica da Figueira da Foz em tempos anteriores;</p> <p>Desenvolver a criatividade e a capacidade de observação;</p> <p>Criar ligação com a “cidade”.</p>

1.5 – Descrição da Ação Educativa

A atividade educativa teve, em termos práticos, início no dia 2 de março de 2023 e decorreu até ao final do período letivo 2022/2023 (30 de junho de 2023). Durante este período, que compreendeu mais ou menos 15 semanas efetivas (não incluindo a interrupção para a Páscoa) foi possível desenvolver as atividades tal como descrito no plano de ação, especificamente no ponto 1.1.4. Contudo, foi necessário efetuar alguns ajustamentos para adequar o plano à realidade escolar, tendo em conta os constrangimentos encontrados, nomeadamente o tempo disponível face à pressão da exigência da preparação para testes e, nalguns casos, para os exames dos alunos do 4.º ano.

Embora tenha sido necessário realizar adaptações ao plano inicial, estas não se desviaram significativamente do previsto. O foco esteve na melhoria dos procedimentos para que o processo criativo das crianças fosse mais valorizado, permitindo que os resultados dos seus trabalhos refletissem melhor as suas observações e inspirações, alinhando-os com o objetivo geral de promover o conhecimento sobre a história da comunidade local, estimulando sentimentos de pertença e incentivando a produção artística. É importante destacar que esteve sempre presente a premissa de que fomentar a criatividade aumenta a autoestima, melhora a capacidade de integração social e desenvolve o pensamento crítico, contribuindo para o crescimento integral das crianças.

A utilização da fotografia no projeto tornou o processo educativo mais interessante e apelativo. Foram utilizadas fotografias da região e, num dos casos, uma compilação de imagens foi apresentada através de um vídeo para destacar os lugares mais emblemáticos e de maior interesse da região, que seriam impossíveis de conhecer de outra forma que não por meio da imagem. Destaca-se a importância de associar a visualização de imagens à compreensão da história local e de desenvolver a capacidade de observação dos detalhes. A experiência permitiu aos alunos conhecer melhor a Figueira da Foz, explorando a sua identidade visual, além de estimular a curiosidade, a imaginação e a criatividade de forma livre, contribuindo para uma conexão pessoal, significativa e única com o tema explorado. Um aspeto interessante de destacar foi a admiração demonstrada pela observação de imagens antigas e, na sequência, a partilha de histórias familiares

associadas, tornando o processo educativo dinâmico, pessoal e interativo, fomentando o diálogo e a partilha entre as crianças.

Em função da limitação do tempo, numa fase inicial, foram utilizados alguns modelos pré-construídos para ajudar o aluno a entender o pretendido, o que limitou a diversidade final das peças apresentadas (ao nível estrutural). Explorou-se essencialmente aspetos cromáticos e a capacidade motora na colagem diversificada de materiais colocados à disposição. Nesta etapa, as crianças trabalharam com materiais reutilizáveis, o que lhes permitiu ter consciência da importância da sustentabilidade do meio ambiente e também desenvolver a habilidade manual.

Numa fase posterior, foi possível incentivar os alunos a não seguir um modelo predefinido (optando por nem sequer o apresentar), dando asas à sua criatividade, o que ajudou a estimular a imaginação e expressão individual. A atividade onde foi mais notória a criatividade foi na construção dos moinhos, sobressaindo elementos inovadores, o que resultou numa apresentação final de peças muito diversificadas, tanto estrutural como ao nível cromático.

De ressaltar que, pese embora a sequência das atividades inicialmente prevista fosse modificada, todas foram realizadas e concluídas. Cada turma realizou uma atividade específica, com a exceção de **“UM OLHAR SOBRE A CIDADE”**, que foi realizada por ambas as turmas. Dar nota ainda que a atividade **“O REGISTO FOTOGRÁFICO ASSOCIADO AO CAVALO NA FIGUEIRA DA FOZ”** não estava inicialmente incluída no plano de ação, mas foi adicionada para garantir que ambas as turmas tivessem o mesmo número de atividades.

Segue a enumeração das atividades pela ordem pela qual foram realizadas:

- 1.ª ATIVIDADE - UM OLHAR SOBRE A CIDADE – 4.º ANO (Planeamento 1);
- 2.ª ATIVIDADE - UM OLHAR SOBRE A CIDADE - 3.º ANO (Planeamento 1);
- 3.ª ATIVIDADE – SALINAS (CONSTRUÇÃO DE UMA FIGURA) – 4.º ANO (Planeamento 2);
- 4.ª ATIVIDADE – ATIVIDADE PISCATÓRIA: A SARDINHA – 3.º ANO (Planeamento 4);

- 5.ª ATIVIDADE – UMA RECORDAÇÃO DA MINHA QUERIDA CIDADE (MOLDURA) – 4.º ANO (Planeamento 10);
- 6.ª ATIVIDADE – COMO IDEALIZO A MINHA CIDADE (MAQUETA) - 3.º ANO (Planeamento 8);
- 7.ª ATIVIDADE - O PROCESSO DO BACALHAU (LIVRO POP-UP) - 4.º ANO (Planeamento 7);
- 8.ª ATIVIDADE - REGISTO FOTOGRÁFICO ASSOCIADO AO CAVALO NA FIGUEIRA DA FOZ - 3.º ANO – (extra planeamento inicial);
- 9.ª ATIVIDADE - COLORIR O PASSADO: PROFISSÕES ANTIGAS - 4.º ANO (Planeamento 5);
- 10.ª ATIVIDADE - MOINHOS - 3.º ANO (Planeamento 6);
- 11.ª ATIVIDADE – AMOR À CIDADE (CENÁRIO FOTOGRÁFICO) - 4.º ANO (Planeamento 3);
- 12.ª ATIVIDADE - O QUE TRANSMITE (COLAGEM FOTOGRÁFICA) - 3.º ANO (Planeamento 9).

As crianças mostraram uma curiosidade natural e estiveram sempre predispostas e entusiasmadas, o que permitiu que a ação educativa decorresse da melhor forma. Houve participação e colaboração, e mesmo com tempo limitado, com o apoio das professoras, foi possível um resultado significativamente positivo. Como já referido, as atividades foram ajustadas e articuladas com os objetivos pretendidos, criando um ambiente propício para que as crianças fossem as protagonistas das suas próprias aprendizagens.

Foi evidente o sentimento de empatia das crianças para comigo, como orientadora, o que enriqueceu ainda mais a experiência educativa, para ambas as partes.

Para concluir, é importante salientar que este projeto educativo não se mede pelo número de atividades realizadas, mas pela qualidade das experiências proporcionadas às crianças. A flexibilidade e a capacidade de adaptação demonstradas pelos educadores, eu como animadora e as professoras com o seu apoio para superar os desafios e maximizar as oportunidades de aprendizagem junto dos alunos, reforçou a importância de uma abordagem pedagógica dinâmica que valoriza a criatividade e a participação ativa dos alunos.

PARTE 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1.1 - Projeto de intervenção no 1º ciclo do Ensino Básico

Relatório das atividades realizadas

No dia 2 de março de 2023 comecei a minha intervenção numa escola privada de ensino básico, situada na Figueira da Foz, com a turma do 4.º ano (composta por nove alunos) e com a turma do 3.º ano (composta por sete alunos), onde tive a oportunidade de desenvolver atividades no âmbito do tema do mestrado de Educação e Lazer: “A fotografia associada à história local como recurso para a Educação Visual”.

O tema alinha-se com os meus interesses académicos e profissionais. Reflete o meu compromisso para a promoção de uma educação alternativa, não formal, com um impacto real e efetivo no processo educacional que valorize as raízes locais e inspire os alunos a envolverem-se com a comunidade de maneira criativa e significativa.

Nesta ótica, procurei incentivar as crianças participantes a desenvolver a sua própria curiosidade, criatividade e o desejo de aprender, de forma a aferir sobre o impacto e os resultados mais significativos e sustentáveis desta intervenção.

Ao longo deste período, foi utilizada a fotografia como ferramenta educacional para despertar o interesse dos alunos pelas suas próprias histórias, património cultural e local. Através da fotografia e recorrendo à Expressão Plástica, valorizou-se a estimulação da criatividade e da expressão dos alunos, capacitando-os a tornarem-se agentes ativos no seu próprio processo de aprendizagem, ao invés de serem meros recetores de informação, tornando-se eles próprios exploradores, motivados pela oportunidade de descobrir mais sobre o mundo ao seu redor.

Este relato documenta não apenas a minha experiência, mas também o impacto que esta abordagem pedagógica diferenciada teve no envolvimento e na qualidade de aprendizagem dos alunos, sendo que se apresentará no final de cada relato um quadro

resumo com os resultados e avaliações de cada atividade desenvolvida e fotografias ilustrativas dos momentos decorridos e dos trabalhos executados.

1.º atividade

Um olhar sobre a cidade – 4.º ano**Quadro 11***Descrição da atividade - Um olhar sobre a cidade – 4.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
Visualização de um filme de reconhecimento de alguns lugares emblemáticos da Figueira da Foz; Desenho alusivo à cidade.	Identificar os lugares que mais se relacionam com a cidade; Estimular o sentido visual e o interesse pela cidade; Desenvolver a criatividade através do desenho.	1 hora. Turma do 4.º ano de escolaridade.	Vídeo sobre a Figueira da Foz; Retroprojetor ou televisor; Folhas de papel A4; Lápis de cor; Canetas de feltro.

A sessão da atividade, **Um olhar sobre a cidade da Figueira da Foz**, teve início com uma breve apresentação de todos os presentes, onde o propósito inicial foi fomentar o conhecimento interpessoal, promover a interação entre os alunos e criar um ambiente descontraído. Para atingir esse objetivo, conduzi uma dinâmica de quebra-gelo.

Organizei os alunos em círculo de forma a que todos se pudessem ver uns aos outros. De seguida, expliquei o funcionamento da dinâmica e o seu propósito: o desafio consistia em segurar um novelo de lã, e quem tivesse a posse do novelo deveria dizer o seu nome, idade e cor favorita. Sem largar o fio, deviam passar o novelo ao próximo colega para nova apresentação. Cada aluno participou seguindo o processo e à medida que a dinâmica foi avançando, um emaranhado de fio de lã começou a formar-se no centro do círculo, criando um padrão único.

No final da atividade, discutimos o que a teia ou padrão emaranhado representava. Segundo os próprios alunos participantes, essa teia simbolizava a amizade, destacando como todos estavam interligados e unidos como amigos e companheiros, ou seja, foi possível criar uma representação visual das conexões entre eles.

Após esta brincadeira, foi lançado um novo desafio no âmbito do tema do mestrado “Fotografia associada à História local como recurso para as Artes Visuais”.

Solicitei aos alunos que, no lado esquerdo de uma folha de papel em branco, expressassem a sua criatividade por meio de um desenho livre relacionado com a Figueira da Foz. Tiveram total liberdade para escolher os materiais, como, por exemplo, lápis de cera, lápis de cor e canetas de feltro, para concretizar a sua criação artística. Num segundo momento, após assistirem a um vídeo que apresentava fotografias de locais emblemáticos da Figueira da Foz, instruí-os para realizarem uma nova ilustração relacionada com a cidade, no lado direito da mesma folha de papel que haviam usado anteriormente.

Observou-se que as crianças encontraram maiores dificuldades na criação de ilustrações antes de assistirem ao vídeo, uma vez que isso exigia um maior nível de conhecimento, de capacidade visual e imaginação relacionados com referências e paisagens locais. Após a exibição do vídeo, alguns alunos identificaram o escritor e político natural da Figueira da Foz, João de Barros, ao visualizarem o marco poético localizado na Serra da Boa Viagem. Outro exemplo, reconheceram os flamingos das salinas da Figueira da Foz, uma referência que não haviam considerado na sua primeira criação. Esta abordagem contribuiu significativamente para o desenvolvimento do foco e da atenção das crianças, algo que se evidenciou na criação do segundo desenho, já que cada criança escolheu, à sua medida a imagem ou o local com o/ a qual mais se identificou.

Salienta-se que os alunos ficaram muito envolvidos na atividade e mais curiosos em relação às riquezas locais da sua cidade. O mesmo aconteceu em relação à minha intervenção, pois durante os intervalos de aula, os alunos do 4.º ano iam ao meu encontro no sentido de obter respostas para as suas curiosidades.

No final da atividade foi distribuída uma folha de avaliação que permitiu compreender a visão pessoal dos alunos em relação à atividade desenvolvida. Foram convidados a expressar os seus sentimentos, se estavam a desfrutar da experiência e a destacar o que mais apreciaram.

Quadro 12*Análise dos resultados da atividade - Um olhar sobre a cidade – 4.º ano*

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de Registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Valorização da história local.	“Aprendi um pouco mais sobre a Figueira.”	Aprendizagem de algo novo e factual sobre a história e património local, ao referirem especificamente monumentos como a Praça de Touros e estátuas e igrejas.	As crianças encontraram maiores dificuldades na criação de ilustrações antes de assistirem ao vídeo, uma vez que isso exigia um maior nível de conhecimento, de capacidade visual e imaginação relacionados a referências/paisagens locais. Após a exibição do vídeo, alguns alunos identificaram o escritor e político natural da Figueira da Foz, João de Barros, na sequência da visualização do marco poético localizado na Serra da Boa Viagem. Outro exemplo: identificaram os flamingos das salinas da Figueira da Foz, uma referência que não haviam considerado na sua primeira criação.
		“A história local e os monumentos”		
		“Aprendi sobre a praça de Touros, estátuas e igrejas”		
	Bem-estar emocional.	“A ter mais atenção e calma”	Perceção da importância da gestão de emoções com reflexos na capacidade de concentração e foco resultando num melhor desempenho e resultado satisfatório.	
Sentimento de pertença.	“Aprendi que a minha cidade é bonita”	Desenvolvimento de sentimento de pertença.		
Bem-estar emocional; Expressões artísticas.	“Eu aprendi a ter calma e a desenhar com muita calma e gostei dos meus desenhos”	Melhoria da gestão de emoções e desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.		
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Expressões artísticas.	“Sim, gostei mais de pintar”	Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas; Demonstração de interesse e envolvimento do participante; As respostas indicam um prazer significativo dos participantes em atividades relacionadas à pintura e ao desenho. Isso sugere que as atividades artísticas foram bem recebidas e estimularam a criatividade dos alunos.	Esta experiência permitiu aos alunos conhecerem melhor a cidade da Figueira da Foz, explorando a sua identidade visual e os seus pontos emblemáticos, assim como desenvolver a imaginação e a criatividade de forma livre, contribuindo para a conexão ao tema explorado, de forma pessoal, significativa e única.
		“Sim, o que mais gostei foi de fazer o meu desenho.”		
		“Eu gostei da atividade e gostei mais de desenhar.”		
	Envolvimento dos participantes; Sentimento de pertença.	“Gostei muito, gostei da igreja.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Perceção do património local associado ao desenvolvimento de sentimento de pertença.	
		“Gostei do farol. Sim, gostei da atividade.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Sim, Gostei mais de ver o vídeo.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante.	
Como te sentiste?	Experiência educacional; Bem-estar emocional.	“Eu senti-me bem.”	Evidência de estado emocional com resultados positivos no bem-estar.	

		"Feliz."	Evidência de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral.	
		"Bem."	Evidência de estado emocional com resultados positivos no bem-estar geral.	
		"Alegre."	Evidência de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral	

Figura 1

Ilustrações realizadas pelas crianças - Um olhar sobre a cidade – 4.º ano



Figura 2

Ilustrações realizadas pelas crianças - Um olhar sobre a cidade – 4.º ano



Figura 3

Ilustração efetuada por uma criança - Um olhar sobre a cidade – 4.º ano



2.º atividade

Um olhar sobre a cidade – 3.º ano**Quadro 13***Descrição da atividade - Um olhar sobre a cidade - 3.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
<p>Visualização de um filme de reconhecimento de alguns lugares emblemáticos da Figueira da Foz;</p> <p>Desenho alusivo à cidade.</p>	<p>Identificar os lugares que mais se relacionam com a cidade;</p> <p>Estimular o sentido visual e o interesse pela cidade;</p> <p>Desenvolver a criatividade através do desenho.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 3.º ano de escolaridade.</p>	<p>Vídeo;</p> <p>Retroprojektor ou televisor;</p> <p>Folhas de papel A4;</p> <p>Lápis de cor;</p> <p>Canetas de feltro.</p>

A atividade - **Um olhar sobre a cidade** - foi também desenvolvida com o 3.º ano e consistiu igualmente na elaboração de um desenho de acordo com a ideia que cada aluno justificava mais representativa da cidade. Seguiu-se a visualização de um vídeo, gravado e editado por mim, com imagens ilustrativas de vários ícones e paisagens da Figueira da Foz e, novamente, foi solicitado outro desenho. Mais uma vez, verificou-se que o recurso à visualização de imagens contribuiu para um leque maior de referências na escolha do novo tema a representar.

No intervalo, a interação com as crianças foi natural e positiva, verificando-se entusiasmo, afeto e valorização dos trabalhos realizados pela turma do 4.º ano que tiveram a curiosidade de ver.

Para análise do resultado final, pôde observar-se, seguindo a folha de avaliação que, na questão sobre se gostaram da atividade, e o que mais gostaram, surgiram respostas como:

“Sim, eu gostei mais da parte dos flamingos no vídeo”; “Sim. Gostei mais de desenhar o flamingo.”; “Sim, eu gostei mais de usar a minha criatividade a desenhar.”; “Sim, gostei mais do vídeo.”; “Sim, gostei mais de ver o vídeo.”; “Sim, gostei mais de desenhar”; “Sim, eu gostei mais do flamingo no vídeo”.

Tal como na sessão anterior realizada com as crianças do 4.º ano, a associação dos flamingos às salinas da Figueira da Foz foi um dos aspetos que mais agradou e diferenciou, pois nunca foi considerado nas suas primeiras criações (desenho inicial), antes da visualização do vídeo.

Na questão, “Como se sentiram no decorrer da atividade?”, surgiram respostas como:

“Senti-me bem.”; “Eu senti-me feliz ao desenhar e emocionado ao ouvir a música.”; “Eu senti-me feliz.”; “Muito feliz.”; “Eu senti-me inspirada.”

É importante ressaltar a observação “Eu senti-me inspirada.”, pois revela um entusiasmo associado a uma vontade de criar, sugerindo emoções e sentimentos potencializadores do gosto de colocar em prática trabalhos significativos e autênticos.

Na questão sobre o que aprenderam com a atividade, surgiram respostas como:

“Eu aprendi que na Figueira há lugares que eu não conheço.”; “Eu fiquei a conhecer monumentos que não conhecia.”; “Eu aprendi que a Figueira da Foz era muito gira e vi algumas coisas que não sabia que existiam.”; “Aprendi coisas que não sabia que existiam na minha cidade.”; “Aprendi que há lugares importantes na Figueira da Foz que não conhecia.”; “Aprendi que há uma pedra com um poema de João de Barros.”

Verifica-se uma descoberta surpreendente e enriquecedora por parte da criança sobre a sua própria comunidade, sugerida pela sensação de admiração e de fascínio sobre aspetos desconhecidos do lugar onde vivem. Pode considera-se como indicador de um despertar de consciência sobre a diversidade cultural, histórica ou natural da cidade, e também como uma expansão do horizonte de conhecimento.

Quadro 14*Análise dos resultados da atividade - Um olhar sobre a cidade – 3.º ano*

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Valorização da história local.	“Aprendi que há várias coisas (na cidade) como os poemas em rochas e azulejos pintados com imagens de antigamente.”	Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os Ícones da Cidade; Valorização do Património local.	As crianças , pela falta de um leque mais alargado de referências, encontraram maiores dificuldades na criação de ilustrações antes de assistirem ao vídeo. Após a exibição do vídeo, os alunos demonstraram entusiasmos pela aprendizagem sobre lugares e ícones da cidade que desconheciam. Mais uma vez: identificação com os flamingos das salinas da Figueira da Foz, foi um dos aspetos que mais agradou e que não considerada na sua primeira criação (desenho). A experiência permitiu aos alunos conhecerem melhor a cidade da Figueira da Foz, explorando a sua identidade visual e os seus pontos emblemáticos, assim como desenvolver a imaginação e a criatividade de forma livre, contribuindo para a conexão ao tema explorado, de forma pessoal, significativa e única.
	Experiência educacional.	“Eu fiquei a conhecer monumentos que não conhecia.”	Valorização da experiência educacional pela demonstração do gosto da aprendizagem através descoberta; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade.	
	Sentimento de pertença; Experiência educacional.	“Eu aprendi que a Figueira da Foz era muito gira e vi algumas coisas que não sabia que existiam.”	Desenvolvimento de sentimento de pertença; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade, Valorização da experiência educacional pela demonstração do gosto da aprendizagem através da descoberta.	
	Valorização da história local.	“Aprendi coisas que não sabia que existiam na minha cidade.”	Valorização da experiência educacional pela demonstração do gosto da aprendizagem através descoberta; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade.	
	Valorização da história local.	“Aprendi que há lugares importantes na Figueira da Foz que não conhecia.”	Desenvolvimento de sentimento de pertença; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade; Valorização do Património local.	
	Valorização da história local.	“Aprendi que há uma pedra com um poema de João de Barros.”	Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade; Valorização do Património local.	
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Sentimento de pertença.	“Sim, eu gostei mais da parte dos flamingos no vídeo.”	Desenvolvimento de sentimento de pertença; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade; Valorização do Património local.	
	Envolvimento dos participantes.	“Sim. Gostei mais de desenhar o flamingo.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.	

	Expressões artísticas.	“Sim, eu gostei mais de usar a minha criatividade a desenhar.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.
	Experiência educacional.	“Sim, gostei mais de ver o vídeo.”	Valorização da experiência educacional pela demonstração do gosto da aprendizagem através descoberta; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade.
	Expressões artísticas.	“Sim, gostei mais de desenhar.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Senti-me bem.”	Evidencia de estado emocional com resultados positivos no bem-estar geral.
	Envolvimento dos participantes; Experiência educacional; Bem-estar emocional.	“Eu senti-me feliz ao desenhar e emocionado ao ouvir a música.”	Valorização da experiência educacional pela demonstração do gosto da aplicação e uso de técnicas associadas á arte.
	Bem-estar emocional.	“Eu senti-me feliz.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral.
	Bem-estar emocional.	“Muito feliz.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral.
	Expressão artística.	“Eu senti-me inspirada”	Valorização da experiência educacional pela demonstração de que algo de novo surgiu no pensamento com possibilidade de ser evidenciado de forma criativa associando a técnicas de expressão plástica.

Figura 4

Ilustrações realizadas pelas crianças - Um olhar sobre a cidade – 3.º ano



Figura 5

Ilustração efetuada por criança - Um olhar sobre a cidade – 3.º ano



3º atividade

Salinas (construção de uma figura) - 4.º ano**Quadro 15***Descrição da atividade – Salinas (construção de uma figura) – 4.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
<p>Introdução ao tema: Atividade das salinas como prática e costume enquadrada na economia local;</p> <p>Execução de trabalho prático de artes visuais construção de uma estrutura 3D com base num modelo simplista previamente apresentado (face à escassez de tempo para a realização da peça) utilizando com livre escolha de um leque variado de materiais, tendo apenas como denominador comum a necessária utilização de uma fotografia sobre o tema do projeto.</p>	<p>Partilhar conhecimentos e enriquecer a compreensão sobre a atividade nas salinas;</p> <p>Criar ligação com a história e tradições da Figueira da Foz despertando o interesse e a curiosidade;</p> <p>Promover a valorização das tarefas realizadas nas salinas de antigamente;</p> <p>Estimular o sentido visual (Identificar elementos existentes na fotografia), a cognição e trabalhar a motricidade fina;</p> <p>Desenvolver a criatividade pela possibilidade de utilização materiais alternativos aos usualmente convencionados nos estabelecimentos de ensino;</p> <p>Estimular o espírito crítico através da utilização de materiais passíveis de serem reciclados.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 4.º ano de escolaridade.</p>	<p>Fotografias; Bugalhos; Rolos de papel; Formas de papel; Colas; Caixas de ovos; Placas de esferovite; Palitos; Cartolinas; Tecidos; Tintas acrílicas; Esponjas; Folhas de papel; Outros recursos criativos.</p>

A atividade - **Salinas (construção de uma figura)** - foi realizada com a turma do 4.º ano, com o principal objetivo de despertar o interesse e promover a valorização das tarefas realizadas nas salinas de antigamente, tal como era prática e costume de outras épocas, enquadradas na economia local.

Como parte integrante de todas as atividades dinamizadas, iniciei com uma breve introdução ao tema. Foi explicada à turma a técnica milenar de extração do sal. Questionamos e discutimos sobre o sal: o que era, para que servia e como era obtido. Salientou-se que a extração do sal fazia parte de um processo de trabalho muito árduo e

que, antigamente, era muito utilizado na conservação de alimentos; dada a sua importância chegou mesmo a designar-se por “ouro branco”. Nos dias de hoje é usado principalmente como tempero.

Expliquei que o processo de extração do sal envolvia a evaporação e dependia de quatro agentes naturais: água, vento, sol e argila. Mencionei a necessária mão de obra humana protagonizada pelos 'marnotos', sendo eles responsáveis por essa extração do sal, usando instrumentos como as “malafaias”. Também, foi explicado a importância das “salineiras” que carregavam o sal à cabeça, para posterior armazenamento em depósitos apropriados, usando para o efeito as típicas cestas e canastas.

Partilhei com eles que, crianças de idade semelhantes à deles, muitas vezes trabalhavam nas salinas para ajudar as suas famílias no sustento das mesmas.

Durante a discussão, surgiram conversas interessantes sobre o tema, sendo que alguns alunos puderam identificar familiares que já haviam realizado este tipo de trabalho. Nesse contexto, partilhámos experiências e enriquecemos a nossa compreensão sobre as salinas, a sua importância na histórica local.

Continuamos com o trabalho prático de artes visuais. Dado a escassez de tempo, os alunos iniciaram os seus projetos com base num exemplo apresentado.

Na sala de aula, foi disponibilizada uma diversificada variedade de materiais, incluindo bugalhos, rolos de papel, formas de papel, colas, caixas de ovos, placas de esferovite, palitos, cartolinas, tecidos, tintas acrílicas, esponjas, folhas de papel e outros recursos criativos.

Além disso, foram colocadas numa mesa fotografias antigas sobre o tema, permitindo que os alunos escolhessem a imagem que mais gostavam ou com a qual mais se identificavam para incorporar nos seus projetos.

Os alunos tiveram total liberdade para escolher os materiais e explorar cores de acordo com as suas preferências, no entanto, no resultado final dos trabalhos apresentados foi observado que, de maneira geral, todos foram influenciados pelo exemplo do trabalho apresentado.

É importante ressaltar que o aspecto mais enriquecedor da atividade foram os diálogos e momentos de comunicação que surgiram durante o processo criativo. Valorizaram as histórias dos seus familiares e, com isso, embarcaram num processo identidade. Além disso, ficou evidente a satisfação e o entusiasmo dos alunos pelas suas criações.

Posteriormente, pude perceber que esta atividade gerou discussões e conversas nos seios familiares, fora do contexto escolar, evidenciado o impacto e a relevância que esta teve sobre as crianças.

Quanto à folha de avaliação da atividade, na questão “gostaste da atividade? O que mais gostaste?” surgiram respostas como:

“Sim gostei muito da atividade e o que mais gostei foi de pintar.”; “sim, eu gostei de usar a esponja” para pintar; “sim, de fazer o boneco”.

Na pergunta "Como te sentiste?", as respostas incluíram frases como:

"Eu senti-me muito bem", "Eu senti-me animada" e "Feliz".

Estas respostas são importantes para entender como a criança lidou com a tarefa proposta.

Saliento uma criança que enfrentou dificuldades em executar o seu projeto devido a sentimentos, que identifico, de insegurança e impaciência. Lidar com a frustração pode ser um desafio para qualquer pessoa, e esta criança em particular, partilhou que se sentiu um pouco chateada e triste, pois encontrou obstáculos ao longo do seu processo criativo, como, por exemplo: achou que “não estava a fazer bem” e que “não estava bonito” o seu trabalho. Um aspecto interessante, foi a resposta desta criança à pergunta sobre o que aprendeu: "Eu aprendi a ter um pouco mais de paciência". Isto destaca a importância, não apenas do resultado final da peça em si, mas consciência dos próprios estados emocionais e da capacidade de superar desafios, que são lições valiosas para o crescimento pessoal. No final, afirmou que gostou da atividade, especialmente da parte em que pôde pintar com tintas acrílicas, algo que nunca tinha feito antes.

Sobre o questionário e na questão “O que aprendeste?” surgiram respostas como:

“Eu aprendi sobre história, as salinas e sobre a Figueira da Foz”; “Eu aprendi como fazer o bonequinho e aprendi como faziam o sal (era nas salinas) e a usar coisas recicladas para ajudar o planeta”; “Eu aprendi coisas sobre as salinas e sobre o passado. Aprendi que as pessoas das salinas metiam cestos com sal na cabeça”; “Eu aprendi história, como eles conservavam os alimentos e também quando levavam o sal num cesto em cima da cabeça.”; “aprendi os tempos antigos das salinas”; “aprendi mais coisas sobre as salinas da Figueira da Foz”; Aprendi “A equilibrar coisas” (isto é, objetos para a construção do boneco), “como se faz o sal e coisas históricas”.

No final os alunos ficaram curiosos com os trabalhos dos seus colegas.

Quadro 16

Análise dos resultados da atividade – Salinas (construção de uma figura) - 4.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Bem-estar emocional.	"Eu aprendi a ter um pouco mais de paciência."	Melhoria da gestão de atitude face à necessidade de concentração e empenhamento para a necessária realização de uma tarefa.	<p>A partilha de conhecimentos permitiu o enriquecimento da compreensão sobre as salinas, a sua importância histórica e local de uma forma natural e agradável.</p> <p>Permitiu-se a discussão do tema sendo que surgiram conversas interessantes em que alguns alunos puderam identificar a realidade de terem familiares que já haviam realizado esse tipo de trabalho.</p> <p>O aspeto mais enriquecedor da atividade foram os diálogos e momentos de comunicação que surgiram durante o processo criativo promovendo as interações sociais e emocionais.</p> <p>Ao valorizarem as histórias dos seus familiares, embarcaram num processo de busca pela identidade.</p>
	Valorização da história local; Variedade de materiais.	“Eu aprendi como fazer o bonequinho e aprendi como faziam o sal (era nas salinas) e a usar coisas recicladas para ajudar o planeta.”	Revela a importância do desenvolvimento de capacidades ao nível da motricidade fina e o gosto pela aprendizagem de técnicas de artes proveitosas quando utilizados materiais reciclados; desenvolvimento do espírito crítico; Melhoria de conhecimentos e compreensão da História local.	
	Valorização da história local.	“Aprendi os tempos antigos das salinas.”	Melhoria de conhecimentos e compreensão da História local pela observação de fotografias antigas. Os participantes adquiriram conhecimento sobre a história das salinas e da Figueira da Foz, incluindo métodos históricos de produção de sal e práticas culturais associadas;	
	Valorização da história local.	“Eu aprendi sobre história, as salinas e sobre a Figueira da Foz.”	Desenvolvimento do pensamento e do espírito	
	Experiência educativa.	“Como se faz o sal e coisas históricas.”		
Valorização da história local.	“Aprendi mais coisas sobre as salinas da Figueira da Foz.”			

	Valorização da história local.	"Eu aprendi coisas sobre as salinas e sobre o passado. Aprendi que as pessoas das salinas metiam cestos com sal na cabeça."	crítico ao estabelecer níveis de comparação com os tempos atuais.	<p>Constatou-se o desenvolvimento de habilidades motoras emocionais pela capacidade de superar desafios, como a paciência, que são lições valiosas para o crescimento pessoal.</p> <p>A criatividade foi colocada como desafio pela utilização diversificada de materiais. Não convencionados, sendo que de uma forma geral os objetivos para esta atividade foram atingidos.</p>
	Valorização da história local.	"Eu aprendi história, como eles conservavam os alimentos e também quando levavam o sal num cesto em cima da cabeça."		
	Expressão artística.	"Aprendi a equilibrar coisas" (isto é objetos para a construção do boneco).	Revela como a importância do desenvolvimento de capacidades ao nível da motricidade fina e o gosto pela aprendizagem de técnicas de artes tem efeitos satisfatórios para a realização pessoal. Esta unidade de registo demonstra ainda a necessária criatividade para a construção do boneco, onde aprender a equilibrar objetos, uma habilidade importante para a criação artística.	
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Expressão artística.	"Sim gostei muito da atividade e o que mais gostei foi de pintar.";	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.	
	Expressão artística.	"Sim, de fazer o boneco		
	Variedade de materiais.	"Sim, eu gostei de usar a esponja" para pintar;	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas e pela utilização de técnicas alternativas.	
Como te sentiste?	Experiência educativa; Bem-estar emocional.	"Eu senti-me muito bem",	Evidência de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral.	
		"Eu senti-me animada"		
		"Feliz".		

Figura 6

Trabalhos realizados pelas crianças - Salinas (construção de uma figura) – 4.º ano



Figura 7

Trabalhos realizados pelas crianças - Salinas (construção de uma figura) – 4.º ano



Figura 8

Trabalhos realizados pelas crianças - Salinas (construção de uma figura) – 4.º ano



4ª Atividade

Atividade piscatória: a sardinha – 3.º ano**Quadro 17***Descrição da atividade – Atividade piscatória: a sardinha – 3.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
<p>Análise de fotografias relacionadas ao tema atividade piscatória.</p> <p>Personalização de “sardinhas”, feitas de gesso, utilizando tintas acrílicas de acordo com as suas preferências individuais e colagem na face oposta dessas representações artísticas de uma fotografia à escolha relacionada ao tema.</p>	<p>Dar a conhecer a atividade piscatória e a forma como ela se desenvolvia antigamente na sua forma mais básica;</p> <p>Criar ligação com a história e tradições da Figueira da Foz e a sua relação com o mar;</p> <p>Contribuir para a valorização da complexidade das tarefas realizadas na indústria pesqueira;</p> <p>Estimular o sentido visual (Identificar elementos existentes na fotografia), a cognição e a motricidade fina;</p> <p>Despertar para a criatividade pela possibilidade da utilização materiais alternativos como o “peixe de gesso”;</p> <p>Estimular o espírito crítico ao explorar a capacidade de observação do registo de imagens de factos históricos.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 3.º ano de escolaridade.</p>	<p>Sardinhas de gesso; Cola branca; Tintas acrílicas; Fotografias sobre o tema; Pratos de plástico; Tesouras;</p>

A sessão - **Atividade piscatória: a sardinha** - iniciou-se com a análise de fotografias relacionadas com o tema, proporcionando aos alunos a possibilidade de explorar e aprender sobre os costumes da região local. Durante essa imersão visual, partilhamos a realidade dos pescadores que frequentemente se aventuravam no alto mar, passando longos períodos distantes dos seus lares. Um destaque interessante é que muitos desses pescadores nem sabiam nadar. Esta constatação permitiu, às crianças, uma visão sobre os desafios enfrentados por estes trabalhadores, enriquecendo a sua compreensão sobre a complexidade e a coragem envolvidas na atividade piscatória local.

Pela observação das fotografias antigas, os alunos puderam descobrir que na Figueira da Foz havia uma praia chamada “Praia da Sardinha”, onde o pescado era descarregado e as peixeiras lavavam as canastras. Mais uma vez, estes detalhes visualizados através da fotografia puderam ajudar a enriquecer a compreensão dos alunos sobre a história e a cultura da região, conectando-os com as suas raízes locais e tradições.

De seguida, os alunos foram incentivados a personalizar “sardinhas”, feitas de gesso, utilizando tintas acrílicas, de acordo com as suas preferências individuais.

Na face oposta dessas representações artísticas, os estudantes tiveram a oportunidade de fixar uma fotografia à escolha, relacionada à atividade piscatória. Esta abordagem permitiu que os alunos mantivessem uma conexão pessoal e significativa com a temática da pesca.

Uma dificuldade enfrentada durante a atividade foi a precisão necessária para colar a fotografia de acordo com os contornos da 'sardinha' de gesso, o que exigiu habilidade, destreza e paciência por parte dos alunos.

Estes mantiveram-se sempre interessados ao longo da execução dos seus trabalhos, até pelas discussões e diálogos que se geraram, significativos pela partilha de histórias que sabiam de seus avós, reveladoras de sentimentos associados à pesca da sardinha.

Na folha de avaliação, na parte em que se questiona sobre se gostaram da atividade, a maior parte afirmou que “sim” e que o que mais gostaram foi de pintar com tintas acrílicas, porque nunca tinham experimentado.

Sobre a pergunta como se tinham sentido no decorrer da atividade, surgiram respostas como: “feliz”; “alegre”; “entusiasmada”; “contente”.

Relativamente ao que aprenderam surgiram respostas como: “Eu aprendi como era a pesca antigamente na nossa cidade, aprendi que os homens dedicavam-se à pesca e as mulheres a vender o peixe”; “Eu aprendi como era a pesca na minha cidade”; “Eu aprendi como é que pescavam antigamente na cidade; “Eu aprendi como era a pesca na minha cidade, aprendi que as mulheres vendiam o peixe e tinham o nome de peixeiras ou varinas”.

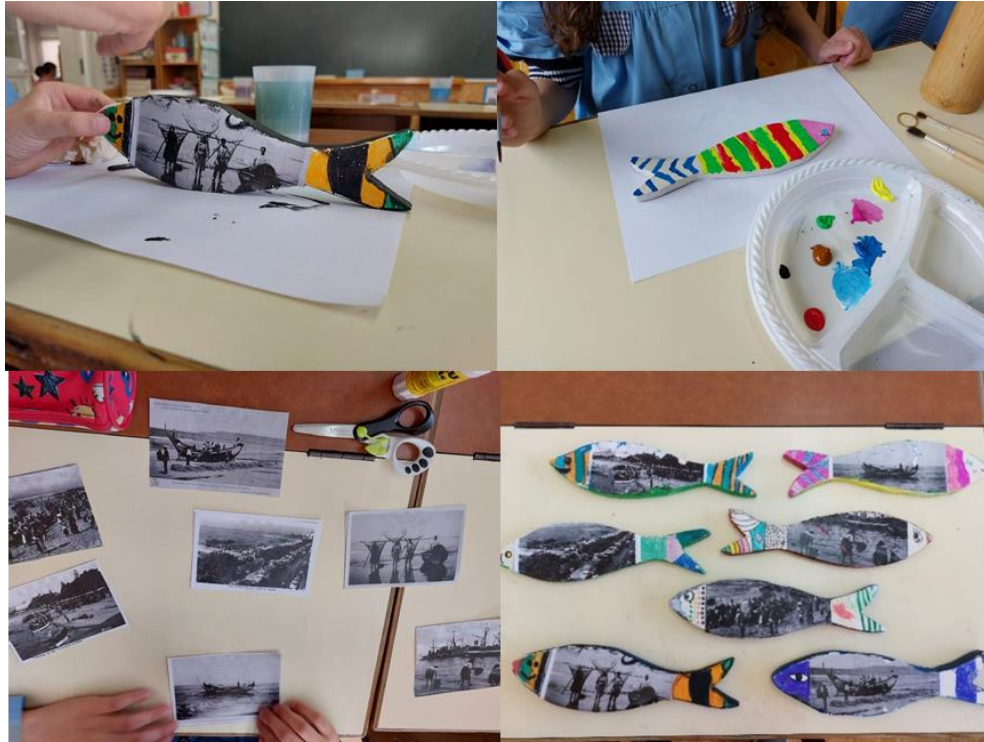
Quadro 18

Análise dos resultados da atividade - Atividade piscatória: a sardinha – 3.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Valorização da história local; Sentimento de pertença.	“Eu aprendi como era a pesca antigamente na nossa cidade, aprendi que os homens dedicavam-se à pesca e as mulheres a vender o peixe.”	Compreensão da História local; Desenvolvimento de sentimento de orgulho, pertença e identidade; Demonstração de interesse, envolvimento e curiosidade do participante.	A atividade foi marcada sempre pelo entusiasmo demonstrado pelas crianças, extremamente benéfico para despoletar o interesse e o empenhamento na realização das expressões artísticas. Gerou discussões e diálogos significativos pela partilha de testemunhos que conheciam dos seus avós, promovendo um grande sentido de identidade com a comunidade local e valorizando questões e sentimentos interessantes sobre a pesca, em particular a pesca da sardinha; Fortalecimento da ligação com a história e tradições da Figueira da Foz e a sua relação com o mar e a pesca; Estimulação da curiosidade e do espírito observador e ao explorarem imagens fotográficas relacionadas com a pesca, peixeiras, pescadores, vendedoras de peixe;
	Valorização da história local; Sentimento de pertença.	“Eu aprendi como era a pesca na minha cidade.”		
	Valorização da história local.	“Eu aprendi como é que pescavam antigamente na cidade.”		
	Valorização da história local; Sentimento de pertença.	”Eu aprendi como era a pesca na minha cidade, aprendi que as mulheres vendiam o peixe e tinham o nome de peixeiras ou varinas.”		
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Expressão artística.	“Sim, o que mais gostei foi de pintar com tintas acrílicas.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas estimulando a criatividade.	A utilização da expressão “minha cidade” nas respostas revela um crescente sentido de orgulho, pertença e identidade com a comunidade local.
	Envolvimento dos participantes.	“Sim, gostei.”		
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Feliz.”	Evidência de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral, com reflexos na valorização do gosto pelas produções artísticas, potenciando a capacidade motora e cognitiva; Revela o impacto da atividade educativas também nas interações sociais dos alunos proporcionando um ambiente mais positivo e colaborativo.	
		”Alegre.”		
		“Contente.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Entusiasmada.”		

Figura 9

Trabalhos realizados pelas crianças - Atividade piscatória: a sardinha – 3.º ano



5ª atividade

Uma recordação da minha querida cidade (moldura) - 4.º ano**Quadro 19***Descrição da atividade – Uma recordação da minha querida cidade (moldura) – 4.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
<p>Construção de uma moldura com materiais reciclados, de várias texturas e cores, de forma a incentivar o processo criativo com materiais facilmente acessíveis;</p> <p>Utilização comum de uma concha no projeto de forma inteiramente livre;</p> <p>Utilização de fotografias antigas com imagens da Torre do Relógio, símbolo icónico da Figueira da Foz, para a realização de práticas de expressão artística como desenho, recorte, pintura e colagem.</p>	<p>Explorar a utilização de diversos materiais, de diferentes texturas, cores e formas;</p> <p>Estimular o espírito de equipa em contexto de atividade grupal;</p> <p>Desenvolver a criatividade;</p> <p>Dar a conhecer e explorar os detalhes visuais sobre elementos fundamentais que se relacionam com a Figueira da Foz, como o sol, o mar, a areia e a Torre do Relógio.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 4.º ano de escolaridade.</p>	<p>Placas de esferovite;</p> <p>Cartolinas;</p> <p>Conchas;</p> <p>Colas;</p> <p>Tintas;</p> <p>Tecidos;</p> <p>Galhos;</p> <p>Materiais recicláveis;</p> <p>Flores;</p> <p>Tesouras.</p>

Nesta atividade educativa, cujo propósito é o reconhecimento do património pela utilização de fotografias antigas da Figueira da Foz, o foco recaiu sobre a Torre do Relógio.

Para auxiliar uma breve explicação da atividade e do seu propósito, foi apresentado aos alunos uma moldura, elaborada por mim, com representações deste ícone da cidade, e pôde verificar-se, que os alunos ficaram surpresos, achando-a muito bonita, o que despertou a vontade de realizarem os seus próprios trabalhos. Então, foi proposto a construção de uma moldura com materiais reciclados, de várias texturas e cores, de forma a incentivar o processo criativo com materiais facilmente acessíveis por todos, em ambiente familiar. Acrescentou-se ao projeto, como denominador comum, uma concha do mar pintada a gosto (representando o sol ou a lua) e, também, adicionou-se o símbolo icónico da Torre do Relógio, desenhado, recortado, pintado e caracterizado pelos próprios – recorrendo a técnicas de pintura e colagem.

Verificou-se uma uniformização dos trabalhos realizados, a nível da organização e disposição dos objetos, devido à influência do exemplo apresentado (uma opção face à limitação e escassez de tempo disponibilizado para esta concretização). Ainda assim, os trabalhos ficaram diversificados e criativos, tendo, como base, cenários de diferentes momentos do dia (tarde, noite, pôr do sol, manhã) o que acrescentou uma maior riqueza de conteúdo simbólico ao processo criativo. Nesta fase, registou-se uma maior autonomia e vontade de participar, por parte dos alunos.

No final, tiveram o interesse de verificar as obras dos colegas, desenvolvendo as suas capacidades de análise e de autocrítica, bem como de valorização da criatividade.

No decorrer do dia, os alunos do 3.º e 4.º ano mostraram-se afetuosos e carinhosos, assim como demonstraram valorização e interesse pelas atividades realizadas, e na expectativa daquelas ainda a realizar.

Avaliação:

Na folha de avaliação, na questão sobre se gostaram da atividade e o que mais gostaram, surgiram respostas como:

“Sim gostei da atividade e o que mais gostei foi de pintar; “Gostei e gostei mais de pintar.”; “Sim, eu gostei mais de fazer o mar.”; “Gostei de pintar a concha.”; “Sim, gostei mais de colar.”; “Sim e gostei mais de pintar”; “Gostei muito!! Eu gostei de fazer o sol.”; “Sim, de pintar com tintas.”

Na questão sobre como se sentiram no decorrer da atividade, surgiram as seguintes respostas:

“Senti-me bem.”; “Feliz.”; “Eu senti-me feliz e animada.”; “Muito bem.”; “Eu senti-me bem.”; “normal”.

Na questão sobre o que aprenderam com a atividade, surgiram respostas como:

“Eu aprendi coisas sobre a Figueira da Foz.”; “Eu aprendi a trabalhar com mais calma, aprendi a fazer uma moldura com coisas recicláveis e a fazer mar com outros materiais sem ser tintas.”; “Aprendi um pouco mais sobre a Figueira.”; “Eu aprendi mais sobre a história da Figueira da Foz”; “A ter mais calma.”; “Aprendi

em que ano foi construída a Torre de Relógio.”; “Aprendi a colar com delicadeza e a esperar.”; “Eu aprendi sobre a Torre do Relógio e como era antigamente a Figueira da Foz.”; “Eu aprendi o ano em que a Torre do Relógio foi construída.”

Quadro 20

Análise dos resultados da atividade – Uma recordação da minha querida cidade (moldura) - 4.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Valorização da história local.	“Eu aprendi coisas sobre a Figueira da Foz.”	Compreensão da História local; Demonstração de interesse, envolvimento e curiosidade do participante.	A observação “aprendi a trabalhar com mais calma” traduz-se numa atitude de paciência e tranquilidade. Sugere o desenvolvimento de habilidades de autocontrole emocional e capacidade de concentração, aspetos importantes para o sucesso escolar e pessoal. Ao aprender a fazer uma moldura com materiais recicláveis e a criar o mar usando diferentes materiais, além de tintas, a criança demonstra habilidades práticas e criativas que envolvem pensamento crítico, resolução de problemas e experimentação, todos essenciais para o desenvolvimento cognitivo e motricidade fina. A menção ao uso de materiais recicláveis sugere uma consciencialização ambiental e uma atitude responsável em relação ao meio ambiente. A exposição a valores de sustentabilidade e à necessidade de ter cuidado com o planeta é importante para a formação de cidadãos conscientes.
	Valorização da história local.	“Aprendi um pouco mais sobre a Figueira.”		
	Valorização da história local.	“Eu aprendi mais sobre a história da Figueira da Foz.”		
	Experiência educacional; Variedade de materiais.	“Eu aprendi a trabalhar com mais calma, aprendi a fazer uma moldura com coisas recicláveis e a fazer mar com outros materiais sem ser tintas.”	Melhoria da gestão de atitude face à necessidade de concentração e empenhamento necessário para a realização de uma tarefa desenvolvimento de capacidades ao nível da motricidade fina e o gosto pela aprendizagem de técnicas de artes proveitosas quando utilizados materiais reciclados; Desenvolvimento do espírito crítico;	
	Experiência educacional.	“Aprendi a colar com delicadeza e a esperar.”	Melhoria da gestão de atitude face à necessidade de concentração e empenhamento necessário para a realização de uma tarefa.	
	Experiência educacional.	“A ter mais calma.”		
	Valorização da história local.	“Aprendi em que ano foi construída a Torre de Relógio.”	Compreensão da História local demonstrado pela importância atribuída a pormenores históricos observados pelo interesse, envolvimento e curiosidade do participante e pelo espírito crítico num processo de “viagem” ao passado.	
	Valorização da história local.	“Eu aprendi sobre a Torre do Relógio e como era antigamente a Figueira da Foz.”		
	Valorização da história local.	“Eu aprendi o ano em que a Torre do Relógio foi construída.”		
Gostaste da atividade? O	Expressão artística.	“Sim gostei da atividade e o que mais gostei foi de pintar.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto	O estado emocional “feliz” e “animada” demonstra um sentimento positivo motivado

que mais gostaste?	Expressão artística.	“Gostei e gostei mais de pintar.”	pelas produções artísticas através da utilização de recursos de várias cores a combinar de forma única e pessoal entre si.	pela atividade proposta. Sugere uma sensação de bem-estar e satisfação em relação ao ambiente educacional e às experiências que se está a ter. A criança está aberta e receptiva a aprender, mostrando interesse e entusiasmo pelo processo de aprendizagem. Demonstra um estado mental propício para absorver conhecimento, interagir com os outros e a participar ativamente. O estado emocional “normal” pode ser interpretado como um sinal de que a criança está a desenvolver capacidades emocionais saudáveis, e que está bem adaptada ao ambiente escolar e às atividades propostas.
	Variedade de materiais.	“Gostei de pintar a concha.”		
	Expressão artística.	“Sim e gostei mais de pintar”		
		“Sim, de pintar com tintas”		
	Envolvimento dos participantes.	“Gostei muito!! Eu gostei de fazer o sol.”	Demonstração de grande interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento e da capacidade de observar, para criar, e do gosto pelas produções artísticas através da utilização de recursos de várias cores a combinar de forma única e pessoal entre si.	
“Sim, eu gostei mais de fazer o mar.”				
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Senti-me bem.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral.	
		“Eu senti-me bem.”		
		“Muito bem.”		
	Bem-estar emocional; Envolvimento dos participantes.	“ Feliz. ”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral, com reflexos na valorização do gosto pelas produções artísticas, potenciando a capacidade motora e cognitiva.	
		“Eu senti-me feliz e animada. ”		
	Bem-estar emocional.	“normal.”	Evidencia de estado emocional estável e equilibrado. Pode não estar excepcionalmente feliz ou animada, mas ainda assim demonstra um nível adequado de interesse.	

Figura 10

Trabalhos realizados pelas crianças – Uma recordação da minha querida cidade (moldura) - 4.º ano



Figura 11

Trabalhos realizados pelas crianças – Uma recordação da minha querida cidade (moldura) - 4.º ano



6ª atividade

Como idealizo a minha cidade (maqueta) - 3.º ano

Quadro 21

Descrição da atividade – Como idealizo a minha cidade (maqueta) - 3.º ano

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
<p>Construção em cartão da Torre do Relógio e realização de processo criativo de pintura face às idealizações possíveis das crianças de “como gostariam que a torre do relógio fosse”, numa perspetiva futurista:</p> <p>1º procedimento - recortar um paralelepípedo e um retângulo em cartolina e montar a estrutura base;</p> <p>2º procedimento – pintar a gosto procurando criar uma ideia diferente para a Torre do Relógio (símbolo da Figueira da Foz).</p> <p>Utilização de fotografias antigas da Figueira da Foz, para reconhecimento do património.</p>	<p>Experiência na relação passado, presente e futuro:</p> <p>Passado – Dar a conhecer através de fotografias a Torre do Relógio em processo de construção;</p> <p>Presente – Relembrar a torre do relógio atual, focando os aspetos e as linhas que a caracterizam;</p> <p>Futuro – idealização de uma Torre do Relógio diferente numa perspetiva hipotética ou futurista.</p> <p>Desenvolver o espírito crítico num processo de “viagem” ao passado, presente e futuro, passando pela fase da construção da Torre do Relógio a uma nova idealização da mesma;</p> <p>Associar a época em que a estrutura foi construída ao Estado Novo, salientando as linhas rígidas e austeras relacionadas com a influência exercida pelo poder político da época;</p> <p>Valorizar novas ideias num contexto hipotético mais suave e solto, idealizado pelas crianças, face à perspetiva que têm ou que irão ter da Torre do Relógio.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 3.º ano de escolaridade.</p>	<p>Cartolinas; Colas; Tesouras; Tintas; Pincéis; Fita-cola; Galhos; Flores; Papeis de várias texturas e cores; Esponja; Papel folha crepe colorido; Papel celofane; Conchas; Fotografias da torre do relógio na época em que foi construída.</p>

A atividade - **Como idealizo a minha cidade (maqueta)** - proporcionou uma exploração sobre a história e a importância cultural desta estrutura, na região. A observação de

fotografias antigas, e outras mais recentes, serviu como uma janela temporal que permitiu às crianças diversas alterações ocorridas ao longo dos anos.

Foi explicado, por meio das fotografias, o contexto histórico e simbólico da torre que construída durante o Estado Novo, representava o poder soberano e a ditadura em vigor na época. No início, o monumento não foi bem-aceite, e uma das razões alegada foi o não enquadramento na paisagem local. Agora é apreciado pela maioria dos figueirenses, sendo mesmo considerado um ícone da cidade. Tendo em conta estes aspetos do passado e do presente, as crianças foram convidadas a expressar as suas ideias sobre como gostariam que fosse a “Torre do Relógio do Futuro”.

No decorrer da atividade, foi sugerido aos alunos a criação em maquete da Torre do Relógio, utilizando figuras geométricas que lhe pudessem ser associadas, tendo por base uma planificação pré-desenhada, a qual foi recortada e montada de acordo com instruções específicas.

Optou-se por deixar o processo criativo para uma fase posterior, em que os alunos foram convidados a inovar e a tornar diferente a Torre do Relógio, tal como a conhecem hoje.

A construção do modelo “torre” na sua base acabou por ficar um pouco igual para todos os alunos, mas ao ornamentar os seus projetos, utilizaram tintas acrílicas de cores diferentes, o que possibilitou uma diferenciação a nível cromático. Por fim, acrescentaram ao modelo, através de escolha livre, diversos materiais como: barro branco, prato de madeira (base), palitos/paus de madeira, elementos da natureza, cartão e conchas, dando assim aso ao seu processo criativo, embora limitado, face ao tempo disponível.

Tendo por base as fotografias que permitiram o registo histórico, esta abordagem visou a compreensão do património local e também a importância da sua preservação histórica. O grande empenho dos alunos foi demonstrado pela vontade de inovar e dar asas à criatividade, acompanhado sempre com um bom espírito crítico. Seguindo os seus gostos pessoais, tiveram, ainda, preocupação de manifestar o desejo de agradar aos “figueirenses”, com as suas novas construções.

Avaliação:

A partir do instrumento de avaliação, relativamente à questão de satisfação dos participantes, foi possível identificar que todos gostaram da atividade, sendo que o que mais gostaram foi de pintar:

“o que mais gostei foi de pintar a Torre do Relógio”. Salienta-se ainda que surgiu a seguinte resposta “sim, gostei porque as fotografias são importantes”.

Na questão “como te sentiste?”, as respostas cingiram-se a estados de felicidade e alegria, como por exemplo:

“eu senti-me super feliz”.

De acordo com a questão apresentada na folha de avaliação “o que aprendeste?”, os alunos referiram que:

Aprenderam como era a torre do relógio antigamente, o ano em que este monumento foi construído e inaugurado, que foi construída no tempo de Salazar e como esta foi construída (a partir da observação das fotografias disponibilizadas para a atividade em si). Exemplo: “Eu aprendi como era a torre do relógio antigamente e aprendi também como era a figueira antigamente e também que foi construída em 1942.”

Quadro 22*Análise dos resultados da atividade – Como idealizo a minha cidade (maqueta) - 3.º ano*

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Valorização da história local.	“Eu aprendi como era a torre do relógio antigamente.”	Compreensão da História local demonstrado pela importância atribuída a pormenores históricos observados pelo interesse, envolvimento e curiosidade do participante e pelo espírito crítico num processo de “viagem” ao passado, presente e futuro.	O objetivo , foi conseguido pela demonstração de interesse genuíno sobre o tema e sobre os trabalhos realizados. Foi possível estabelecer comparações com o passado, o presente e um possível futuro. O entusiasmo foi geral e os alunos mostraram-se afetuoso e carinhoso, assim como, valorizaram as atividades realizadas, na expectativa de realizem mais. Tendo por base as fotografias e o seu registo histórico, foi possível valorizar o património local e relevar a importância da sua preservação histórica. O grande empenho dos alunos foi demonstrado através da vontade de inovar e dar asas à criatividade acompanhado sempre de um bom espírito crítico.
		“Aprendi como era a figueira antigamente.”		
Valorização da história local; Experiência educacional.	“Aprendi como era a figueira antigamente e também que foi construída em 1942.”			
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Expressão artística.	“O que mais gostei foi de pintar a Torre do Relógio.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas através da utilização de recursos de várias cores a combinar de forma única e pessoal entre si.	
		“O que mais gostei foi de pintar.”		
	Narrativa dos participantes; Experiência educacional.	“Sim, gostei porque as fotografias são importantes.”	Valorização da utilização da fotografia como ferramenta no processo educativo. Esta unidade de registo evidencia que o aluno teve uma experiência refletiva, pessoal, sobre a importância do registo fotográfico na sua própria aprendizagem.	
Como te sentiste?	Bem-estar emocional; Envolvimento dos participantes.	“Eu senti-me alegre.”	Evidência de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral.	
		“Eu senti-me feliz.”		
		“Eu senti-me super feliz.”	Evidência de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral, com reflexos na valorização do gosto pelas produções artísticas, potenciando a capacidade motora e cognitiva.	
				Foi observado que seguindo os seus gostos pessoais, tiveram a preocupação e o desejo de agradar aos “figueirenses”, com as novas construções, indicando com isto uma atitude de consideração e respeito pelas opiniões e preferências dos outros, bem como um desejo de contribuir positivamente para a comunidade ou para o ambiente em que vivem.

Figura 12

Trabalhos realizados pelas crianças - Como idealizo a minha cidade (maqueta) - 3.º ano



Figura 13

Trabalhos realizados pelas crianças - Como idealizo a minha cidade (maqueta) - 3.º ano



7ª Atividade

O processo do bacalhau (livro Pop-Up) – 4.º ano**Quadro 23***Descrição da atividade - O processo do bacalhau (livro Pop-Up) - 4.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
<p>Transmissão de conhecimentos sobre o processo do bacalhau: apanha, tratamento, secagem e venda associada à história local e respetivas tradições;</p> <p>Construção de um livro Pop-Up com fotografias alusivas ao processo do bacalhau (apanha, lavagem, secagem, venda (...)).</p>	<p>Dar a conhecer o processo associado ao sustento proveniente da apanha do bacalhau;</p> <p>Valorizar as tradições;</p> <p>Incentivar o processo criativo, através da melhoria de capacidades de observação, do pensamento crítico e da motricidade fina, tendo por base, a fotografia como ferramenta de trabalho;</p> <p>Criar envolvimento para despertar o sentido de pertença e identidade.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 4.º ano de escolaridade.</p>	<p>Folhas de papel; Colas; Cotonetes; Tesouras; Sacos de papel; Cartão; Eva; Feltro; Papel de lustro; Tecidos; Lápis de cor; Canetas de feltro; Lápis de cera; Fios; Tintas; Fitas; Cartão; Serradura; Ráfia; Cartolinas; Fotografias em papel.</p>

Deu-se início à atividade, através de uma breve transmissão de saberes sobre o processo do bacalhau: apanha, tratamento, secagem e venda. Com auxílio de fotografias antigas e tradicionais da Figueira da Foz elaborou-se um livro *Pop-Up*. Para a capa do livro foi sugerida a utilização de uma técnica de pontilhismo com cotonetes, em que as crianças tiveram oportunidade de colorir, a gosto, o interior de um contorno desenhado com o aspeto de um bacalhau. Acrescentou-se, no livro, apontamentos escritos sobre a atividade tradicional associada ao processo do bacalhau, e ainda, puderam decorar as páginas de forma criativa utilizando materiais à escolha, tais como: sacos de papel/cartão, eva, feltro, papel de lustro,

tecidos, cola, tesoura, lápis de cor/canetas de feltro/lápis de cera, fios, tintas, fitas, cartão, serradura, rafia e cartolina.

Um aspeto interessante, foi a admiração das crianças pela observação das imagens e pela partilha de histórias associadas, sendo que um dos meninos contou que o sustento da própria família chegou a depender da seca e venda do bacalhau. Verificou-se que o seu entusiasmo contagiou os restantes envolvidos, despertando uma curiosidade abrangente sobre o tema e a atividade.

Uma menina teve mais dificuldade em participar na atividade, mas no final ficou satisfeita com o seu trabalho concretizado.

Avaliação: De acordo com a questão da avaliação, se tinham gostado da atividade, todos os participantes responderam que:

“sim”.

Na questão sobre o que tinham mais gostado, pôde-se reparar que as respostas foram diversificadas, tendo uns dito que: gostaram de construir o livro, outros de saber a história da tradição do bacalhau, e ainda outros de ver o resultado final ou de colar imagens. Exemplos da resposta de um dos alunos:

“Eu gostei muito da atividade, o que mais gostei foi de fazer o livro.”

Na questão, relativamente a forma como se sentiram no decorrer da atividade, surgiram respostas como:

“eu senti-me bem”, “muito bem e relaxado”, “bem”, “Eu senti-me bem e feliz”, “Bem, muito calma”.

Na questão, para averiguar o que aprenderam com a atividade, pôde verificar-se que ficaram a saber que: o bacalhau foi usado na época dos descobrimentos como sustento alimentar ao longo das enormes travessias de barco; que os pioneiros a utilizar a seca do bacalhau foram os vikings; que o processo do bacalhau faz parte da história da Figueira da Foz, e ainda, como se pode fazer um livro *pop-up*.

Exemplo de uma resposta dos alunos:

“Eu aprendia a fazer um livro e a história do bacalhau” e “Aprendi a história da tradição do bacalhau na Figueira da Foz”.

Quadro 24

Análise dos resultados da atividade - O processo do bacalhau (livro Pop-Up) - 4.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Experiência educacional.	“Aprendi que o bacalhau foi usado na época dos descobrimentos como sustento alimentar ao longo das enormes travessias de barco.”	Desenvolvimento de sentimento de pertença à cultura local ou à história do país através da conexão entre a história do bacalhau e os descobrimentos.	A observação “gostei de ver o resultado final” pode gerar interações sociais e emocionais positivas entre os participantes, na medida que partilham sentimentos de satisfação e realização, o que é muito positivo no processo educativo e no desenvolvimento do indivíduo. Um aspeto interessante foi a admiração demonstrada na observação das imagens antigas e a partilha de histórias familiares associadas à sobrevivência e dependência da seca e venda do bacalhau. Verificou-se o entusiasmo de uma criança participante, pela possibilidade de poder dialogar e partilhar os seus próprios conhecimentos que acabaram por contagiar os restantes envolvidos, despertando uma curiosidade abrangente sobre o tema e a atividade.
	Valorização da história local.	“Aprendi que o processo do bacalhau faz parte da história da Figueira da Foz.”		
	Valorização da história local.	“Aprendi a história da tradição do bacalhau na Figueira da Foz.”		
	Experiência educacional.	“Aprendi que os pioneiros a utilizar a seca do bacalhau foram os vikings.”	Evidências da relevância do conhecimento histórico sobre internalização da informação e a sua valorização ao nível da história local.	
	Experiência educacional.	“Eu aprendia a fazer um livro e a história do bacalhau.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas através da utilização de recursos variáveis a combinar de forma única e pessoal entre si.	
	Expressão artística.	“Como se faz um livro Pop-up.”		
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Envolvimento dos participantes.	“Sim, eu gostei muito da atividade, o que mais gostei foi de fazer o livro.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas através da utilização de recursos variáveis a combinar de forma única e pessoal entre si.	No processo criativo, notabilizou-se o interesse
	Expressão artística.	“Sim, gostei de construir o livro.”		
	Expressão artística.	“Sim, eu gostei mais de colar.”		

	Valorização da história local.	“Sim, gostei de saber a história da tradição do bacalhau.”	Compreensão da História local; Desenvolvimento de sentimento de pertença; Demonstração de interesse e envolvimento do participante;	demonstrado pelas crianças, melhorando o gosto pelas produções artísticas através da utilização de recursos variáveis, bem como a valorização da utilização de fotografias no processo.
	Envolvimento dos participantes	“Sim, gostei de ver o resultado final.”	Potencialização das interações sociais e emocionais pela partilha de sentimentos de satisfação e de realização.	
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Eu senti-me bem.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral atendendo a diferentes necessidades e preferências das crianças, contribuindo para uma experiência positiva e enriquecedora para todos os envolvidos.	
	Envolvimento dos participantes.	“Muito bem e relaxado.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Eu senti-me bem e feliz.”,		
	Envolvimento dos participantes.	“Bem, muito calma.”		
	Bem-estar emocional.	“Bem.”		

Figura 14

Trabalhos realizados pelas crianças - O processo do bacalhau (livro Pop-Up) - 4.º ano



Figura 15

Trabalho realizado por criança - O processo do bacalhau (livro Pop-Up) - 4.º ano

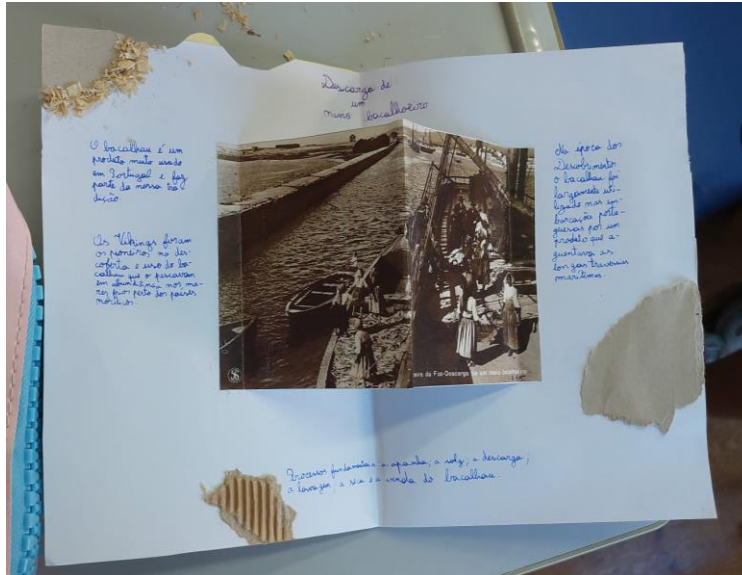


Figura 16

Trabalho realizado por criança - O processo do bacalhau (livro Pop-Up) - 4.º ano



8ª Atividade

Registo fotográfico associado ao cavalo na Figueira da Foz - 3.º ano**Quadro 25***Descrição da atividade - Registo fotográfico associado ao cavalo na Figueira da Foz - 3.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
Construção de forma criativa e livre (a partir da observação e utilização de uma fotografia associada ao cavalo, à escolha) de uma estrutura tridimensional, com recurso a tintas acrílicas das mais variadas cores e tendo como denominador comum um cavalo de esferovite pré-construído.	<p>Transmitir conhecimentos de forma divertida sobre a importância que teve o hipódromo anteriormente existente na Figueira da Foz;</p> <p>Resgate da atmosfera sobre uma época passada, na qual o cavalo desempenhava um papel significativo nos eventos de touradas, sendo uma atração turística cativante e objeto de admiração para entusiastas de apostas e jogos;</p> <p>Exploração da capacidade de observação e aplicação visual de efeitos cromáticos.</p>	1 hora. Turma do 3.º ano de escolaridade.	Tintas acrílicas; Esferovite; Colas; Pauzinhos de madeira; Tesouras; Esponjas; Fotografias antigas associadas à presença do cavalo na Figueira da Foz.

A atividade - **Registo fotográfico associado ao cavalo na Figueira da Foz** - foi concebida com o propósito de dar a conhecer a existência de um hipódromo na Figueira da Foz e a sua importância na organização de concursos hípicas, quer na região, quer a nível nacional. A iniciativa procura resgatar a atmosfera de uma época passada, na qual o cavalo desempenhava um papel significativo na vida da cidade, sendo uma atração turística cativante e objeto de admiração pelos entusiastas de apostas e jogos. Era sem dúvida um local marcante para as pessoas que o frequentavam de forma prazerosa, fomentando o lazer e atividade social.

Para além disto, a atividade permitiu dar a conhecer a prática de realização de touradas no ainda existente Coliseu Figueirense. Estes eventos, não só despertavam o interesse local como atraíam visitantes de outras regiões, contribuindo para uma dinâmica cultural da cidade.

Após esta breve introdução e análise do tema, foi lançado um desafio: a partir da observação e utilização de uma fotografia associada ao cavalo, à escolha, elaborar de forma criativa uma estrutura tridimensional com recurso a tintas acrílicas das mais variadas cores e tendo como denominador comum um cavalo de esferovite pré-construído. Ou seja, todos os alunos tiveram à sua disposição uma placa de esferovite (base) e o seu respetivo cavalo. Puderam explorar a nível cromático estas peças, utilizando uma esponja para o decalque de tinta acrílica e numa fase posterior puderam colar na placa de esferovite a fotografia que acharam mais significativa ou bonita. Por fim, foram acrescentados adornos aos objetos.

Sendo que uma das crianças praticava hipismo, verificou-se o seu entusiasmo com a atividade, que acabou por contagiar significativamente os restantes participantes e, desta forma, foi extremamente interessante a partilha de conhecimento que pôde oferecer aos seus colegas.

Relativamente ao trabalho a elaborar pelas crianças, não foi dada qualquer condição sobre a disposição dos elementos constituintes da peça artística, no entanto, pôde verificar-se a tendência para imitar o “exemplo” inicialmente apresentado.

Note-se que, a opção de apresentar um exemplo foi uma condição face à escassez de tempo disponibilizada para realizar a atividade, limitando de alguma forma o processo criativo que, basicamente, apenas se diferenciou ao nível da forma como foi colorido. Fica a nota positiva de que a atividade serviu para despertar a curiosidade e o interesse sobre esta fase histórica da Figueira da Foz, quase desconhecida e pouco valorizada.

Avaliação:

À questão, se gostaram e o que mais gostaram, verificou-se que todos apreciaram particularmente a atividade, e que o que mais gostaram, foi de pintar o cavalo de esferovite com a técnica de calcagem de tinta, recorrendo a uma esponja.

A partir do questionário pôde verificar-se que os intervenientes sentiram-se felizes, inspirados e emocionados.

Salienta-se que referiam que aprenderam que havia um hipódromo na Figueira da Foz antigamente. Exemplo: “Eu aprendi como é que eram os hipódromos antigamente na Figueira da Foz”.

Quadro 26

Análise dos resultados da atividade - Registo fotográfico associado ao cavalo na Figueira da Foz - 3.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Valorização da história local.	“Aprendi que havia um hipódromo na Figueira da Foz, antigamente.”	Compreensão da História local; Desenvolvimento de sentimento de pertença.	A realização artística , ao nível da concretização de objetivos teve especial nota positiva no desempenho dos participantes que se mostraram entusiasmados e muito dinâmicos. A criatividade teve uma dimensão leve marcada pela espontaneidade, dado que se pretendeu uma simples aleatória combinações de cores no projeto.
	Valorização da história local.	“Eu aprendi como é que eram os hipódromos antigamente na Figueira da Foz.”		
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Expressão artística.	“Sim, gostei de pintar o cavalo.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas através da combinação de cores de forma única e pessoal.	A espontaneidade mostrou-se importante ao conduzir para um processo que liberta das regras e leva a “lugares” inexplorados, onde a arte nasce do coração e da alma, momentos em que as ideias fluem naturalmente, sem planeamento prévio ou restrições.
	Expressão artística.	“Sim, gostei de ter utilizado a técnica de calcagem de tinta recorrendo a uma esponja.”		
Como te sentiste?	Bem-estar emocional	“Feliz.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral atendendo a diferentes necessidades e preferências das crianças, contribuindo para uma experiência positiva e enriquecedora para todos os envolvidos.	A observação “senti-me emocionado”, “feliz” sugere que a criança sentiu uma conexão profunda com a sua expressão artística e com o que aprendeu, reflete o envolvimento pessoal e a paixão colocada na sua criação.
	Envolvimento dos participantes.	“Inspirado.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Emocionado.”		
				A observação “inspirado” permite intuir sobre o potencial que se está a despertar na criança, porque está a gostar e quer continuar a explorar essa

			área de criatividade, desenvolvendo de forma natural e positiva as suas capacidades físicas e mentais.
--	--	--	--

Figura 17

Trabalhos realizados pelas crianças - Registo fotográfico associado ao cavalo na Figueira da Foz - 3.º ano



Figura 18

Trabalhos realizados pelas crianças - Registo fotográfico associado ao cavalo na Figueira da Foz - 3.º ano



9º Atividade

Colorir o passado: profissões antigas – 4.º ano**Quadro 27***Descrição da atividade - Colorir o passado: profissões antigas - 4.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
Construção de uma capa para bloco de folhas A4 com representação de “profissões antigas”, características da economia local, utilizando para o efeito fotografias do passado.	<p>Trocar conhecimentos e experiências motivando a partilha de histórias de familiares, para compreensão geral das tradições locais;</p> <p>Estimular a criatividade, pela utilização de materiais que se enquadrem no próprio cenário da fotografia - base de trabalho;</p> <p>Estimular as capacidades visuais, através da observação de detalhes nas fotografias apresentadas.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 4.º ano de escolaridade.</p>	<p>Lã;</p> <p>Serradura;</p> <p>Pedras,</p> <p>Bolas de esferovite;</p> <p>fios de palha;</p> <p>Ráfia;</p> <p>Tecidos;</p> <p>Eva;</p> <p>Cartolinas;</p> <p>Fotografias de profissões do passado;</p> <p>Tesoura;</p> <p>Colas;</p> <p>Canetas de feltro;</p> <p>Textos de testemunho sobre as profissões de elementos seniores.</p>

Esta sessão teve como propósito reconhecer e valorizar as profissões e atividades que, de alguma forma, se foram dissipando ao longo do tempo, e que merecem ser lembradas como parte integrante da história da Figueira da Foz. Estas ocupações representam um valioso legado cultural, sendo resultado de um esforço humano notável em que o trabalho manual desempenhava um papel central no funcionamento da sociedade da época. Sendo estes ofícios meios de sustento, o conhecimento associado foi sendo transmitido de geração em geração, contribuindo para uma identidade local e um desenvolvimento característico e único da comunidade. Ao recordarmos estas práticas, honramos os esforços dos nossos antepassados, enriquecemos a nossa compreensão sobre a evolução social e económica e fortalecemos os laços que conectam o passado com o presente.

Nesta abordagem, foi ainda importante demonstrar às crianças a facilidade com que, atualmente, podemos adquirir certos recursos, algo que não se verificava em épocas passadas e, permitir que façam essa comparação, para perceberem, por si, as mudanças e as conquistas atuais.

Ao observarem fotografias associadas a técnicas, profissões e ações humanas, de outros tempos, as crianças puderam trocar conhecimentos e experiências, pela partilha de histórias dos seus familiares, enriquecendo assim a compreensão das tradições locais.

No âmbito da atividade, tendo como objetivo o estímulo criativo, foi proposto às crianças a construção de uma “capa para folhas”, na qual a fotografia escolhida, associada a profissões e ações antigas, seria exposta e destacada na parte frontal. Para o seu ornamento, tiveram ao dispor um leque de materiais diversificados, que permitiu liberdade no processo de trabalho. Entre os materiais disponíveis, encontravam-se fios de lã, serradura, pedras, bolas de esferovite, fios de palha, ráfia, tecidos, eva, cartolinas e outros materiais.

Como complemento, e para que pudessem juntar às suas composições criativas, foi oferecido às crianças textos de testemunho sobre as profissões, de idosos de um Lar da Figueira da Foz.

Neste dia em particular, existiu um mal-estar geral na turma devido a uma virose, afetando a sua produtividade e desempenho, face à expectativa criada. Como nota positiva, percebeu-se o interesse demonstrado pelas crianças quando, no dia seguinte, fora do contexto da atividade, continuaram a abordar o tema procurando saber um pouco mais e partilhando mais histórias dos familiares.

Avaliação:

- Na questão relativamente à satisfação das crianças, e onde identificaram o que mais gostaram de fazer. Pode-se verificar que todas gostaram, sendo que, gostaram mais de decorar, colar as fotografias e os outros elementos.

Exemplo: “Sim, gostei da atividade e o que mais gostei foi de decorar a folha”; “sim, gostei de tudo”.

- Na questão relativamente aos sentimentos, responderam que se sentiam bem e felizes.

Onde se questionava o que tinham aprendido surgiram respostas como: “Eu aprendi o que era um artesão”, “a ter cuidado e a ter calma”, “o que eu aprendi foi sobre a Figueira da Foz e as profissões antigas”.

Quadro 28

Análise dos resultados da atividade – Colorir o passado: profissões antigas - 4.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Experiência Educativa.	“Eu aprendi o que era um artesão.”	Compreensão da História local; Desenvolvimento de sentimento de pertença; Demonstração de interesse e envolvimento do participante.	A realização artística inerente ao projeto destacou a importância da atenção necessária para associar a visualização de imagens à compreensão da história local e a capacidade de observar os detalhes, para possibilitar e enquadrar novos elementos materiais na fotografia. Salienta-se, o interesse demonstrado quando afirma ter gostado de fazer colagem de materiais sobre a fotografia.
	Valorização da história local.	“O que eu aprendi foi sobre a Figueira da Foz e as profissões antigas.”		
	Envolvimento dos participantes.	“A ter cuidado e a ter calma.”		
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Expressão artística.	“Sim, gostei da atividade e o que mais gostei foi de decorar a folha.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções.	A atividade foi marcada pelo entusiasmo que se pôde constatar na colagem espontânea de corações. O gosto pela realização de práticas artísticas, ainda que, numa primeira fase, não apresente grande criatividade, estimula o desenvolvimento da expressão pessoal e da habilidade manual nas crianças.
	Expressão artística.	“Sim, gostei de colar na fotografia.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Sim, gostei de tudo.”	Valorização da experiência educativa.	
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Senti-me bem.”	Evidência de estado emocional que valoriza a experiência educativa com resultados positivos no bem-estar e interesse geral, com reflexos na valorização do gosto pelas produções artísticas, potenciando a capacidade motora e cognitiva.	Nesta atividade , o aspeto mais positivo foi a exploração da imagem e do conhecimento através da fotografia.
	Bem-estar emocional.	“Senti-me feliz.”		
				Ao Sentir-se bem e feliz a criança que apresenta esta avaliação demonstra uma conexão com a sua expressão artística e com o que aprendeu. Reflete o seu envolvimento pessoal e o entusiasmo colocado na sua criação.
				Por fim , ressalva-se a posição de uma criança que escreve ter aprendido “a ter cuidado e a ter calma”,

				levando-a a perceber que está a gerir as suas emoções e a agir de forma ponderada e cautelosa, ou seja, a desenvolver capacidades socioemocionais importantes. Num Processo de autoavaliação a criança está a refletir sobre as suas próprias ações o que é um aspeto importante para o seu o desenvolvimento pessoal.
--	--	--	--	--

Figura 19

Material disponibilizado para a atividade - Colorir o passado: profissões antigas – 4.º ano



Figura 20

Trabalho realizado por criança - Colorir o passado: profissões antigas – 4.º ano



Figura 21

Trabalho realizado por criança - Colorir o passado: profissões antigas – 4.º ano



Figura 22

Trabalho realizado por criança - Colorir o passado: profissões antigas – 4.º ano



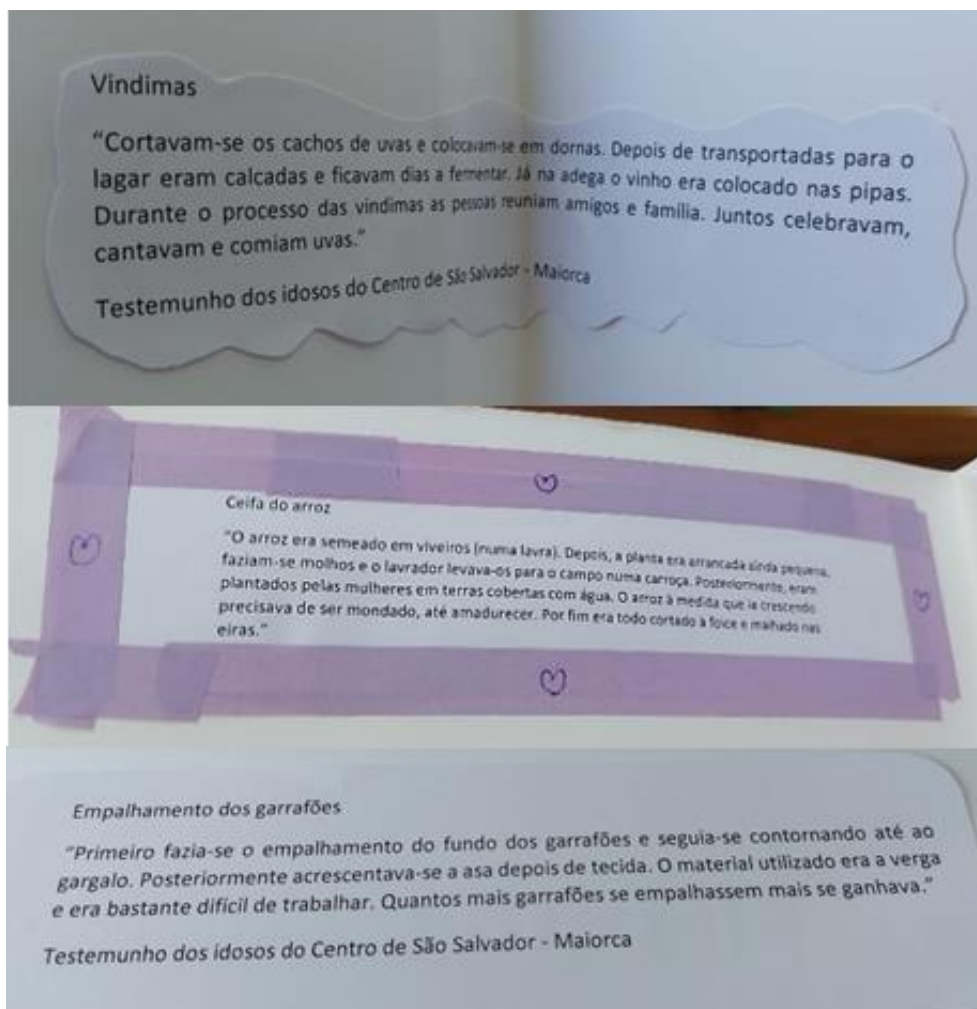
Figura 23

Trabalhos realizados pelas crianças - Colorir o passado: profissões antigas – 4.º ano



Figura 24

Testemunho dos idosos sobre as atividades e profissões antigas



10ª Atividade

Moinhos – 3.º ano**Quadro 29***Descrição da atividade - Moinhos - 3.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
<p>Apresentação de filme alusivo aos moinhos da região utilizando para o efeito fotografias antigas, para facilitar a passagem de informação sobre a sua existência e importância</p> <p>Realização de uma estrutura tridimensional com recurso essencial a materiais reutilizáveis.</p>	<p>Realização de trabalhos únicos e criativos;</p> <p>Dar a conhecer a atividade adjacente à transformação do milho em farinha, fonte principal de sustento das famílias através da produção e consumo do pão;</p> <p>Estímulo visual e cultural através da observação de detalhes no vídeo apresentado.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 3.º ano de escolaridade.</p>	<p>Caixas de cartão; Cartolinas; Tecidos; Colas; Tesouras; Serradura; Pedrinhas; Palhinhas de papel; Fita-cola; Cascas de árvores; Feltro; Madeira; Palitos de madeira; Pratos de papel; Esferovite; Sacos de cartão; Fotografia de moinhos.</p>

A atividade teve início com uma breve introdução sobre a função e importância dos moinhos na região. Através da exibição de um filme contendo fotografias representativas, principalmente de moinhos de água, e abordando todo o processo adjacente à transformação do milho em farinha, conseguiu despertar-se o interesse dos alunos para o tema. Tal foi evidente pelas diversas perguntas que foram fazendo. De ressaltar que os alunos desconheciam completamente os moinhos em questão, existentes na região.

A partir da visualização das fotografias relacionadas com esses moinhos, lançou-se o desafio de criarem uma estrutura tridimensional com recurso a diversos materiais reutilizáveis, promovendo não apenas a consciência ambiental, mas também o desenvolvimento de habilidades práticas e criativas.

Durante o processo de construção das estruturas tridimensionais, os alunos foram incentivados a não seguir nenhum modelo predefinido, mas a dar asas à sua criatividade total, elaborando algo único e diferente. Pretendeu-se estimular a imaginação e expressão individual. À sua maneira inventaram moinhos, introduzindo elementos inovadores e imaginativos. À medida que as suas criações foram ganhando forma, os

alunos demonstraram sentimentos de realização e orgulho ao verem as suas ideias transformadas em criações tangíveis. A atividade cumpriu o seu propósito educacional e também proporcionou um espaço para o florescimento da criatividade e o estímulo do pensamento inovador.

Considero, pois, que o resultado foi muito positivo e a sessão decorreu de forma leve, livre e fluida. Mais uma vez, o interesse e colaboração demonstrados pelos alunos foi surpreendente. Os trabalhos foram executados com dedicação, imaginação e bastante detalhe.

Avaliação: Na questão “gostaste da atividade? O que mais gostaste?” as crianças mostraram-se satisfeitas e manifestaram que o que mais gostaram foi de construir o moinho.

Na questão relativamente a como se sentiram, as crianças afirmaram sentirem-se felizes, alegres e inspiradas.

Relativamente ao que aprenderam surgiram respostas como:

“Eu aprendi como é que os moinhos de vento e de água funcionam e a trabalhar com certos materiais como, por exemplo: pedrinhas, folhas e madeira.”; “Eu aprendi como é o processo dos moinhos de vento e de água e a trabalhar com certos materiais como pedras, caixas de chá, serradura e palitos de madeira.”. Foi ainda referida a aprendizagem da técnica de calcagem de tinta através da utilização de esponja.

Quadro 30

Análise dos resultados da atividade - Moinhos - 3.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Experiência Educacional.	“Eu aprendi como é que os moinhos de vento e de água funcionam.”	Desenvolvimento de sentimento de pertença; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os ícones da Cidade; Valorização do Património local;	A criatividade foi colocada como desafio pela utilização diversificada de materiais não convencionados passíveis de serem reutilizados e os alunos corresponderam quando incentivados a não seguir um modelo predefinido, mas sim a dar asas à sua criatividade. Estimularam a imaginação e expressão individual quando à sua maneira inventaram moinhos, introduzindo elementos inovadores e imaginativos. Os alunos demonstraram sentimentos de realização e orgulho por verem as suas ideias transformadas em criações tangíveis.
	Experiência Educacional.	“Eu aprendi como é o processo dos moinhos de vento e de água.”		
	Variedade de materiais.	“E aprendi a trabalhar com certos materiais como, por exemplo: pedrinhas, folhas e madeira.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.	
	Variedade de materiais.	“Eu aprendi a trabalhar com certos materiais como pedras, caixas de chá, serradura e palitos de madeira.”		
	Expressão artística.	“Aprendi a técnica de calcagem de tinta através da utilização de esponja.”		
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Expressão artística	“Sim, gostei mais de construir o Moinho.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.	A atividade cumpriu o seu propósito educacional, proporcionando um espaço para o florescimento da criatividade e o estímulo do pensamento inovador.e desenvolvendo a capacidade de resolução de problemas.
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Feliz.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral atendendo a diferentes necessidades e preferências das crianças, contribuindo para uma experiência positiva e enriquecedora para todos os envolvidos.	Ao trabalharem com materiais reutilizáveis, os alunos tomam consciência sobre a importância da sustentabilidade e do cuidado com o meio ambiente. Perante a situação de colocar as crianças num processo criativo totalmente livre e imaginativo a apresentação de trabalhos foi muito mais diversificada e surpreendente, quer, para os
	Envolvimento dos participantes.	“Alegre.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Inspirada.”		

				<p>proprios quer para as outras crianças.</p> <p>Ao verem os trabalhos uns dos outros, as crianças aprendem umas com as outras, promovendo um ambiente de colaboração e respeito mútuo e ajuda a desenvolver a confiança e a autoestima.</p>
--	--	--	--	---

Figura 25
Visualização de imagens sobre os moinhos



Figura 26
trabalho realizado por criança - Moinhos - 3.º ano



Figura 27
Trabalhos realizados pelas crianças - Moinhos - 3.º ano



Figura 28
Trabalhos realizados pelas crianças - Moinhos - 3.º ano



11º Atividade

Amor à cidade (cenário Fotográfico) – 4.º ano**Quadro 31***Descrição da atividade – Amor à cidade (cenário Fotográfico) - 4.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
Criação de uma peça artística (tridimensional ou não) para suporte de uma fotografia antiga da Figueira da Foz escolhida para o efeito.	Trabalhar a literacia visual; Despertar o interesse e a ligação emocional relacionada com a identidade local; Melhorar a cultura sobre a história local; Desenvolver a criatividade.	1 hora. Turma do 4.º ano de escolaridade.	Esponjas; Esferovite; Papel de várias cores e texturas; Material Eva; Paus de madeira; Palhinhas; Tecidos; Materiais reciclados e a reutilizar; Missangas; Pedrinhas entre outros.

Na atividade específica, começou por ser oferecido aos alunos uma extensa variedade de fotografias antigas relacionadas com a Figueira da Foz, com o objetivo de permitir a escolha daquela que mais lhes agradasse. Isso, gerou uma conexão emocional que resultou num maior envolvimento, interesse e curiosidade pela atividade a realizar. A escolha da fotografia envolveu tomadas de decisão baseadas em gostos pessoais. Através da observação direta, puderam estimular o foco, a atenção e observar os detalhes de como era a vida em tempos anteriores. Neste aspeto, a literacia visual foi trabalhada, sendo que a presença de fotografias antigas permitiu aos alunos mergulharem na história local, uma oportunidade única de aprender sobre outros tempos, culturas e contextos sociais associados.

Numa fase seguinte, os alunos tiveram de criar uma peça (tridimensional ou não) onde pudessem expor a fotografia escolhida, indo ao encontro de uma maior originalidade pela utilização de um leque muito variado de materiais como: esponja; esferovite; papel de várias cores e texturas; material Eva; paus de madeira; palhinhas; tecidos; materiais reciclados e a reutilizar; missangas; pedrinhas entre outros.

Durante o processo criativo, não houve qualquer orientação específica sobre o tipo de estrutura desejada, proporcionando total liberdade, para que cada criança pudesse expressar a sua imaginação na concretização de peças únicas e autênticas. Somente foi

solicitado que acrescentassem (facultativo) uma palavra ilustrativa sobre a fotografia utilizada.

O resultado foi muito diversificado, conforme se apresenta na reportagem fotográfica da atividade, surgiram trabalhos bidimensionais e tridimensionais, distintos em termos de forma, cor e tamanho. Em termos de aprendizagem, foi enriquecedor e multifacetado, proporcionando às crianças uma oportunidade de desenvolver habilidades criativas e um maior entendimento e apreciação da história local.

Em termos de sentimento, salienta-se que os alunos expressaram alguma tristeza por ser a última atividade a realizar.

Avaliação:

Na folha de avaliação, na questão que pergunta se gostaram da atividade e o que mais gostaram, surgiram respostas como:

“Sim, de enfeitar.”; “Sim gostei da atividade e o que mais gostei foi a fotografia.”; “Sim gostei mais de ver as fotografias antigas.”; “Sim eu gostei mais de fazer a construção.”; “Gostei muito, gostei mais de fazer a piscina colorida.”; “Gostei da atividade, o que mais gostei foi de colar várias coisas.”; “Sim, gostei de tudo”; “Sim eu gostei da atividade e gostei mais de colar coisas.”

Na questão que pergunta como se sentiram no decorrer da atividade, surgiram respostas como:

“Normal.”; “Eu senti-me bem.”; “Eu senti-me feliz.”; “Muito bem.”; “Calma.”; “Bem”

Na questão sobre o que aprenderam com a atividade, surgiram respostas como:

“Eu aprendi a fazer um robot”; “Aprendi a fazer uma atividade nova.”; “Eu aprendi que não é preciso pegar sempre nos primeiros materiais.”; “A equilibrar”; “Aprendi que nós podemos fazer uma atividade aprendendo e construindo ao mesmo tempo”; “Eu aprendi a fazer algumas coisas difíceis.”; “Eu aprendi a fazer uma moldura à mão e não é tão difícil.”; “Eu aprendi a fazer uma construção e

aprendi um pouco mais da Figueira da Foz.”; “Eu aprendi que antigamente faziam competições no dia da criança.”

Quadro 32

Análise dos resultados da atividade - Amor à cidade (cenário Fotográfico) - 4.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Expressão artística.	“Eu aprendi a fazer um robot.”	Valorização da experiência educacional pela demonstração do envolvimento e gosto pela aprendizagem de algo novo.	A atividade foi muito positiva do ponto de vista criativo uma vez que (em função dos materiais livremente escolhidos) resultou numa apresentação final de peças muito diversificada A observação “aprendi a fazer um robot” evidencia a exploração de materiais tridimensionais e técnicas de montagem num processo que valoriza experiência pela demonstração do envolvimento e gosto no ato de criar. Ainda, a noção que a criança obtêm de que pode utilizar outros materiais não habituais - “não é preciso pegar sempre nos primeiros materiais” – destaca a importância de flexibilidade no ato criativo, potenciando também para a vida a melhoria de capacidade de exploração de novas ideias, novas soluções, e até mudança.
	Experiência educacional.	“Aprendi a fazer uma atividade nova.”		
	Experiência educativa.	“Eu aprendi que não é preciso pegar sempre nos primeiros materiais.”		
	Expressão artística.	“A equilibrar.”		
	Experiência educativa; Envolvimento dos participantes.	“Aprendi que nós podemos fazer uma atividade aprendendo e construindo ao mesmo tempo.”		
	Experiência educacional.	“Eu aprendi a fazer algumas coisas difíceis.”	Demonstração de empenho, interesse e envolvimento do participante e desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.	
	Expressão artística.	“Eu aprendi a fazer uma moldura à mão não é tão difícil.”		
	Valorização da história local; Expressão artística.	“Eu aprendi a fazer uma construção e aprendi um pouco mais da Figueira da Foz.”	Compreensão da História local; Desenvolvimento de sentimento de pertença; Demonstração de interesse e envolvimento do participante.	
	Valorização da história local.	“Eu aprendi que antigamente faziam competições no dia da criança.”		
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Experiência educativa	“Sim gostei da atividade e o que mais gostei foi a fotografia.”	Valorização da cultura visual associada ao desenvolvimento do interesse em aprender sobre a história local.	Conjugando o processo criativo com a utilização de fotografias sobre a comunidade local verificou-se uma aprendizagem ativa e participativa com evidente interesse demonstrado pelos intervenientes em conhecer
	Experiência educativa	“Sim gostei mais de ver as fotografias antigas.”		
	Expressão artística.	“Sim eu gostei mais de fazer a construção.”	Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.	

	Expressão artística.	“Gostei muito, gostei mais de fazer a piscina colorida.”		sobre a história e as suas mudanças ao longo do tempo. Uma última nota para a observação “Eu aprendi a fazer algumas coisas difíceis” que demonstra uma capacidade de enfrentar desafios e superar obstáculo, ou seja, um melhoria sobre o desenvolvimento de resiliência e habilidades para a resolução de problemas.
	Expressão artística.	“Sim, de enfeitar.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas através da utilização de recursos variáveis a combinar de forma única e pessoal entre si.	
	Expressão artística.	“Gostei da atividade, o que mais gostei foi de colar várias coisas.”		
	Expressão artística.	“Sim eu gostei da atividade e gostei mais de colar coisas.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Sim, gostei de tudo.”	Evidencia envolvimento na atividade.	
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Eu senti-me bem.”	Evidencia de estado emocional com resultados positivos no bem-estar	
	Bem-estar emocional.	“Bem.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Eu senti-me feliz.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral.	
	Envolvimento dos participantes.	“Muito bem.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Calma.”	Melhoria da gestão de emoções e interação social.	
	Bem-estar emocional.	“Normal.”	Evidencia de estado emocional estável e equilibrado. Pode não estar excepcionalmente feliz ou animada, mas ainda assim demonstra um nível adequado de interesse.	

Figura 29

Trabalhos realizados pelas crianças - Amor à cidade (cenário Fotográfico) - 4.º ano



Figura 30

Trabalhos realizados pelas crianças - Amor à cidade (cenário Fotográfico) - 4.º ano



Figura 31

Trabalhos realizados pelas crianças - Amor à cidade (cenário Fotográfico) - 4.º ano



Figura 32

Trabalhos realizados pelas crianças - Amor à cidade (cenário Fotográfico) - 4.º ano



Figura 33

Trabalho realizado por criança - Amor à cidade (cenário Fotográfico) - 4.º ano



12ª Atividade

O que transmite (colagem fotográfica) – 3.º ano**Quadro 33***Descrição da atividade - O que transmite (colagem fotográfica) - 3.º ano*

Caracterização	Objetivos	Duração e Turma	Materiais
Criação de uma composição artística, utilizando materiais diversificados e recorrendo à utilização de uma palavra, única, para descrever a cidade, complementando o projeto com a colagem de diversas fotografias antigas sobre a Figueira da Foz, escolhida por cada um dos participantes, a gosto.	<p>Trabalhar a literacia visual;</p> <p>Estimular a expressão artística e a apreciação estética por meio da combinação de elementos visuais;</p> <p>Despertar o interesse e a ligação emocional com a identidade local; Melhorar a cultura sobre a história local.</p>	<p>1 hora.</p> <p>Turma do 3.º ano de escolaridade.</p>	<p>Cartolinas;</p> <p>Fotografias da Figueira da Foz em papel;</p> <p>Fios de lã;</p> <p>Ráfia;</p> <p>Serradura;</p> <p>Fita-cola;</p> <p>Colas;</p> <p>Pedrinhas de gesso;</p> <p>Tesouras;</p> <p>Lápis;</p> <p>Pedrinhas;</p> <p>Palitos de madeira;</p> <p>Cortiça;</p> <p>Palhinhas de papel;</p> <p>Tecidos;</p> <p>Feltro.</p>

Na atividade - **O que transmite (colagem fotográfica)** - incentivaram-se os alunos do 3.º ano a realizar uma composição com diversas fotografias, à escolha, da Figueira da Foz.

Numa primeira fase, pediu-se a cada aluno que escolhesse as fotografias que mais lhe agradasse, oferecendo a oportunidade de explorar visualmente essas imagens. Numa fase seguinte, os alunos procederam à colagem das mesmas numa cartolina branca, sendo que tiveram total liberdade para criar a sua composição e de ornamentar com utilização de uma grande diversidade de materiais. Tiveram especial atenção na combinação das fotografias escolhidas, e recorreram a técnicas de recorte, colagem e sobreposição de imagens, de forma a criar um projeto harmonioso. O objetivo principal foi estimular a expressão artística e a apreciação estética por meio da combinação de elementos visuais.

Essa atividade não apenas incentivou a criatividade visual, mas também promoveu a apreciação histórica e cultural, já que os alunos tiveram a oportunidade de explorar e reinterpretar o passado por meio da linguagem visual.

Avaliação:

- Na folha de avaliação, na questão, se gostaram da atividade e o que mais gostaram, surgiram respostas como:

“Sim gostei, gostei de usar os materiais para escrever a palavra.”; “Sim gostei e gostei mais de escrever a palavra com pedras de gesso.”; “Sim, gostei da atividade e gostei de escrever a palavra”; “Gostei da atividade. Eu gostei mais de escrever a minha palavra com diferentes materiais.”; “Sim, gostei de colar fotografias.”

- Na questão que pergunta como se sentiram no decorrer da atividade, surgiram as seguintes respostas:

“Senti-me bem”; “Eu senti-me entusiasmada”; “Eu senti-me feliz”; “Eu senti-me entusiasmada e inspirada”; “Senti-me alegre e entusiasmada.”

- Na questão, o que aprenderam com a atividade, surgiram respostas como:

“Aprendi que havia uma piscina de sal na Figueira da Foz e havia muitas salinas na Figueira da Foz.”; “Eu aprendi como era a Figueira da Foz antigamente”; “Aprendi que existiam salinas.”; “Eu aprendi informação nova. Como era a Figueira antigamente pelas fotografias. Aprendi como era a Piscina de Sal e a trabalhar com certos materiais.”

Quadro 34

Análise dos resultados da atividade - O que transmite (colagem fotográfica) - 3.º ano

Questões colocadas aos alunos	Categorias	Unidades de registo	Resultados	Observações
O que aprendeste?	Valorização da história local.	“Aprendi que havia uma piscina de sal na Figueira da Foz e havia muitas salinas na Figueira da Foz.”	Desenvolvimento de sentimento de pertença; Melhoria sobre o conhecimento do Património Local e sobre os Ícones da Cidade; Valorização do Património local os Ícones da Cidade.	Atividade educativa foi eficaz ao proporcionar conhecimento sobre a história e as características antigas da Figueira da Foz. As crianças tiveram a oportunidade de explorar visualmente a cidade por meio das fotografias, o que enriqueceu sua
	Valorização da história local.	“Eu aprendi como era a Figueira da Foz antigamente.”		
	Valorização da história local.	“Aprendi que existiam salinas.”		

	Valorização da história local; Variedade de materiais.	“Eu aprendi informação nova. Como era a Figueira antigamente pelas fotografias. Aprendi como era a Piscina de Sal e a trabalhar com certos materiais.”	Valorização da experiência educacional pela demonstração do gosto da aprendizagem através descoberta; Melhoria do conhecimento sobre o Património Local e sobre os Ícones da Cidade.	compreensão e conexão com o local. O facto de terem aprendido sobre a existência de uma piscina de água salgada e muitas salinas na região mostra que a atividade foi informativa e despertou a curiosidade dos participantes. A escolha das palavras para caraterizar a Figueira da foz, como: “engraçada”, “magnífica”, “única”, “tranquila”, “agradável” e “grandiosa”, refletem uma apreciação profunda sobre a localidade. Nota para a utilização do termo “única” que sugere uma percepção de que a região possui características distintas e especiais que a tornam diferente aos olhos da criança. A percepção de unicidade contribui para fortalecer a identidade da Figueira da Foz e reforça o sentimento de pertença.
Gostaste da atividade? O que mais gostaste?	Variedade de materiais; Expressão artística.	“Sim gostei, gostei de usar os materiais para escrever a palavra.”	Desenvolvimento de sentimento de pertença; Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas.	Relativamente ao processo artístico e à criatividade, cada criança teve a oportunidade de escolher o material e as fotografias que mais lhe agradou, no sentido melhorar o foco, a capacidade de concentração, e a observação, essenciais para desenvolvimento artístico. Ao nível da experiência educacional, verifica-se pelas declarações das crianças que se sentirem “bem”, “felizes”, “alegres” e “entusiasmadas” a evidencia um ambiente positivo e estimulante. O facto de se sentirem inspiradas também sugere que a experiência foi significativa e motivadora.
	Expressão artística. Variedade de materiais.	“Sim gostei e gostei mais de escrever a palavra com pedras de gesso.”		
	Expressão artística.	“Sim, gostei da atividade e gostei de escrever a palavra.”		
	Variedade de materiais.	“Gostei da atividade. Eu gostei mais de escrever a minha palavra com diferentes materiais.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas através da utilização de recursos variáveis a combinar de forma única e pessoal entre si; Desenvolvimento de sentimento de pertença.	
	Expressão artística.	“Sim, gostei de colar fotografias.”	Demonstração de interesse e envolvimento do participante; Desenvolvimento do gosto pelas produções artísticas	
Como te sentiste?	Bem-estar emocional.	“Senti-me bem.”	Evidencia de estado emocional com resultados positivos no bem-estar.	
	Envolvimento dos participantes.	“Eu senti-me entusiasmada.”	Evidencia de estado emocional que valoriza a experiência educacional com resultados positivos no bem-estar e interesse geral, com reflexos na valorização do gosto pelas produções artísticas, potenciando a capacidade motora e cognitiva.	
		“Eu senti-me feliz.”		
	Envolvimento dos participantes.	“Senti-me alegre e entusiasmada.”		
Envolvimento dos participantes.	“Eu senti-me entusiasmada e inspirada.”	Valorização da experiência educacional pela demonstração de que algo de novo surgiu no pensamento com possibilidade de ser evidenciado de forma criativa associando a técnicas de arte.		

Figura 34

Trabalhos realizados por crianças - O que transmite (colagem fotográfica) - 3.º ano



Figura 35

Trabalho realizado por criança - O que transmite (colagem fotográfica) - 3.º ano



13ª atividade extra

“Educar para valorizar o nosso património”

Como complemento das atividades anteriormente realizadas e desta vez sem o intuito de avaliar o impacto da experiência educativa, tive a oportunidade de referenciar outro ícone da cidade da Figueira da Foz ao participar no projeto “II Exposição de Educação Artística – Descobrir o Património Cultural – Os Monumentos”, promovida pela associação de Jardim - Escolas João de Deus em parceria com a rede de escolas associadas da UNESCO. Concebi e preparei uma atividade educativa alinhada com os objetivos do meu mestrado. Mais uma vez, procurei destacar o património local através da premissa “educar para valorizar o nosso património” e recorrendo à utilização de fotografias para explorar e compreender a importância, neste caso, do **Forte de Santa Catarina**. Foi promovida junto dos alunos do 3.º e 4.º ano, durante as férias da Páscoa, a realização de uma única peça de expressão plástica emblemática do edifício a considerar, sendo uma oportunidade para dar a conhecer explorar o património e a história local.

Com esta atividade, foram colocados à disposição diversificados materiais, os alunos idealizaram o projeto, foram dando opiniões e manifestando interesses sobre a peça a realizar. Ao trabalhar com as duas turmas em conjunto, todos tiveram uma participação ativa e entusiasmada na concretização do projeto.

Nota positiva foi o espírito de equipa, o espírito crítico e a manifestação de satisfação e alegria pelo facto de criarem algo de novo, que, de alguma forma, os representasse no seio de outras comunidades escolares.

Recorreu-se a técnica de calcagem através de esponja e utilizaram-se materiais como: tela para base de fundo; papéis de diversas cores recortados em forma de triângulo utilizados como fragmentos na formação de um jogo de padrões; cartão para a estrutura do “Forte”; tintas coloridas; esponja; celofane entre outros. De ressaltar a Lenda da capela do Forte de Santa Catarina, da Figueira da foz, que foi contada aos alunos em contexto de valorização e reconhecimento de identidade local.

Figura 36

Projeto "II Exposição de Educação Artística – Descobrir o Património Cultural – Os Monumentos", promovida pela associação de Jardim - Escolas João de Deus em parceria com a rede de escolas associadas da UNESCO



Figura 37

Vista lateral do trabalho de valorização do património cultural



Figura 38

Técnicas de colagem e calcagem utilizadas ao longo do processo de criação



Observação complementar

Foi fascinante observar como a fotografia pode ser uma ferramenta poderosa para conectar as pessoas com as suas comunidades e as suas histórias. Foi inspirador verificar como os alunos envolveram-se com o conhecimento, utilizando imagens para criar uma identidade e um sentimento de orgulho em relação ao lugar onde vivem. O facto de alguns alunos levarem as fotografias para o recreio e colá-las nos seus cadernos demonstra como estas experiências deixaram uma marca significativa neles, mesmo fora do contexto das atividades planeadas e realizadas. Esta iniciativa mostra que a aprendizagem não se limita ao ambiente da sala de aula, mas permeia todos os aspetos da vida dos alunos, motivando-os a serem cidadãos mais conscientes e ativos na sua comunidade. É uma demonstração do impacto positivo que a educação pode ter na formação dos indivíduos, com o objetivo de incentivá-los e a comprometer com a preservação do património e com o aprimoramento contínuo do seu ambiente local.

Exemplo:

Figura 39

Iniciativa própria das crianças ao colarem fotografias nos seus cadernos na hora de recreio



CONCLUSÕES

As atividades desenvolvidas no âmbito deste mestrado permitiram constatar que é possível contribuir para um ensino de qualidade recorrendo ao contributo da animação sociocultural ou socioeducativa, facilitando a melhoria, o interesse e a curiosidade das crianças, através da sua envolvência ativa e participativa no processo educativo. No estudo em particular, o método educativo centrou-se no papel da criatividade a nível artístico na formação da criança, com ênfase na influência do uso da fotografia no despertar do interesse pela história local.

Para aferir os resultados obtidos, as crianças foram submetidas a um questionário relativo a todas as atividades, com as seguintes perguntas:

“O que aprendeste?”;

“Gostaste da atividade? O que mais gostaste?”;

“Como te sentiste?”

Este tipo de inquérito, apesar de simples, revelou-se uma ferramenta valiosa para analisar a aprendizagem das crianças envolvidas no projeto, mas também para avaliar as suas experiências emocionais e o envolvimento nas atividades. Este projeto serviu também como um instrumento de reflexão para os agentes educativos e autoconhecimento e para as próprias crianças.

Com base nas respostas dos alunos, foi possível avaliar os resultados de cada atividade e verificar os objetivos alcançados. De modo geral, as atividades foram muito positivas e superaram as expectativas, evidenciando um envolvimento constante e um profundo interesse por parte dos alunos. Este entusiasmo manifestou-se através de sentimentos de felicidade, bem-estar, alegria, entusiasmo e inspiração. As crianças foram capazes de reconhecer as suas próprias emoções, preferências e conquistas, promovendo, desta forma, um desenvolvimento pessoal mais significativo.

À medida que a criatividade se foi desenvolvendo, a necessidade de comparar peças e analisar os projetos dos colegas permitiu uma curiosidade e partilha de ideias novas que enriqueceu o projeto educativo.

Relativamente à história local e identificação dos ícones da cidade, as atividades educativas revelaram-se eficazes, pois abordaram temas que despertaram o interesse e cativaram a atenção para aspetos para os quais os alunos não estavam sensibilizados, como a pesca e o tratamento do bacalhau, o funcionamento dos moinhos de água, a coleta do sal, os flamingos característicos da região, a construção da torre do relógio, entre outros. A fotografia proporcionou às crianças conhecimentos sobre a história da Figueira da Foz, dando a oportunidade de explorar visualmente a cidade e estabelecendo comparações entre o passado e o presente, o que permitiu enriquecer a compreensão e conexão com o local.

Um aspeto interessante neste tipo de abordagem, foi a atenção demonstrada quando os alunos conseguiram identificar uma pessoa importante, natural da cidade, João de Barros, após a visualização do vídeo. Enriqueceram o seu conhecimento ao identificarem o processo da pesca, característico da região como forma de subsistência das famílias do passado. Desenvolveram a capacidade de observação, concentração e sentido de estética ao reconhecerem a beleza natural dos flamingos das salinas da Figueira da Foz. Um dos alunos caracterizou a localidade como “única”, o que sugere uma perceção de que a região possui características distintas e especiais que a tornam diferente aos seus olhos. Esta perceção de unicidade contribui para fortalecer a identidade e reforça o sentimento de pertença, um dos objetivos deste projeto.

Na produção artística, as atividades foram marcadas pelo entusiasmo demonstrado pelas crianças, benéfico para despertar o interesse e o empenhamento na realização das expressões artísticas. Foram utilizados diversos materiais, dando ênfase aos materiais recicláveis. Todas as atividades propostas visaram o envolvimento, a valorização da experiência no gosto no ato de criar e a exploração de novas ideias, novas soluções, e até mudança.

A espontaneidade mostrou-se importante em todo este processo, cumprindo o propósito educacional de também despertar sentimentos, emoções e atitudes positivas como entusiasmo, curiosidade, calma, felicidade, animação e bem-estar.

Constatou-se, ainda, o desenvolvimento da capacidade de paciência para superar desafios, algo fundamental para o crescimento pessoal.

É importante ainda destacar que, seguindo os seus gostos pessoais, os alunos demonstraram preocupação e desejo de agradar aos figueirenses através das suas construções, algo que evidencia uma atitude de consideração e respeito pelas opiniões e preferências dos outros, assim como um desejo genuíno de contribuir positivamente para a comunidade ou ambiente em que vivem. Este aspeto ressalta-se como um dos mais positivos de toda a experiência educativa, pois invoca o espírito crítico, a responsabilidade e a predisposição para uma participação ativa e consciente na vida.

Para além disso, os diálogos e momentos de comunicação que surgiram durante o processo criativo, promoveram as interações sociais e emocionais. Verificou-se que o entusiasmo de um aluno participante é contagiante para os restantes envolvidos, despertando uma curiosidade abrangente sobre os temas e as atividades desenvolvidas. A possibilidade de dialogar e partilhar o próprio conhecimento permitiu a discussão entre os alunos, emergindo conversas interessantes onde puderam identificar a realidade de terem familiares associados à informação recolhida.

Em suma, este processo de aprendizagem e partilha promoveu um ambiente de colaboração, respeito mútuo e desenvolvimento da confiança e autoestima, aspetos essenciais para o sucesso pessoal e para o bem-estar de todos. Ao observarem e compararem a diversidade dos trabalhos finalizados, aprenderam uns com os outros, demonstrando uma capacidade de enfrentar desafios e superar obstáculos.

Pode afirmar-se, sem dúvida, que as atividades levadas a cabo, contribuíram, de uma forma ou de outra, para o desenvolvimento da resiliência e para o crescimento pessoal preparando estas crianças, futuros adultos, a participar na construção de um mundo melhor.

BIBLIOGRAFIA

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J. P., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (2005). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Gradiva.
- Amar, P.-J. (2001). *História da Fotografia*. Edições 70.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bauret, G. (2000). *A Fotografia: História, Estilos, Tendências, Aplicações*. Edições 70.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da investigação – Guia para auto-aprendizagem* (2ª ed.). Universidade Aberta de Lisboa.
- Cascão, R. (2009). *Monografia da Freguesia de S. Julião da Figueira da Foz*: Junta de Freguesia de São Julião da Figueira da Foz.
- César, L., Canotilho, M. H. P., & Canotilho, L. (2012). Exploração do conceito “jogo e cultura” no campo das artes plásticas. *European Review of Artistic Studies*, 3(1), (pp.20-39).
- Feio, C. D. S. A. (2010). *A Fotografia de Património/Fotografia como Património no Século XIX: O Papel de Carlos Relvas (1838-1894)* [Dissertação de Mestrado em Estudos do Património]. Universidade Aberta de Lisboa.
- Figueiredo, A. M. de. (1943). *A Pré-história do concelho da Figueira, Foz do Mondego*. Novos descobrimentos feitos nos Arquivos. Imprensa Portuguesa, Porto, 11.
- Freire, P. (1975). *Educação Política e Conscientização*. Sá da Costa Editora.
- Freund, G., (1995). *Fotografia e Sociedade*. (2ª ed.). Vega.
- Gómez, J. A. C., Freitas, O. M. P., & Callejas, G. V. (2007). *Educação e Desenvolvimento Comunitário Local: Perspetivas Pedagógicas e Sociais da Sustentabilidade*. Profedições, LDA.
- Janeira, A. L. (1972). A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais: natureza e aplicações. *Análise Social*, 8(30), (pp.370-399).
- Jordão, F. (2010). *Cadernos de Fotografia*. CB Unidesign
- Lopes, M. S. (2008). *Animação Sociocultural em Portugal* (2ª ed.). Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Oliveira, E. M. de (2005). Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital. *Communicare*, 5(1), (pp.159-165).
- Pinto, M. H. M. N. F. (2016). *Educação histórica e patrimonial*. In Barca, I., & Alves, L. A. M. (Orgs.), *Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional: XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica* (pp. 22-33). CITCEM.
- Pinto, I. M. J. (2019). Azulejos holandeses na Casa do Paço, Figueira da Foz, Portugal. *Azulejaria na Região Centro, Caderno Municipal*, 52(1), (pp.95-113).

- Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- Reis, E.A., & Reis, I. A. (2002). *Análise Descritiva de Dados*. Relatório Técnico do Departamento de Estatística da UFMG.
- Reis, B. (2017). *O conteúdo em análise: teoria e práticas da análise de conteúdo*. In *Metodologias de investigação em Ciências Sociais* (pp. 205-236). Universidade Aberta de Lisboa.
- Sombrio, C. A. A. E. (1938). Os nossos pintores – João Reis. *Album Figueirense*, 4(4), 99-128.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação* (Vol. 1). Bases psicopedagógicas. Instituto Piaget.
- Trilla, J. (2004). *Animação sociocultural: Teorias, programas e âmbitos*. Instituto Piaget. (Horizontes pedagógicos, 115)

WEBGRAFIA

- 1º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz. (2019). *Projeto Educativo 2019-2021*. URL: https://figueirafoz1.escolasjoaodeus.pt/documentos/projeto_educativo2019.pdf
- Bastos, A. R. (2014). *A fotografia como retrato da sociedade*. Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 28. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1310>
- Bettencourt, A. M. S., Silva, A. M., Costa, C., Tereso, S., & Cruz, C. S. (2021). O dólmen do Cabeço dos Moinhos (Serra da Boa Viagem, Figueira da Foz): Contributo para o estudo das práticas funerárias pré-históricas do Centro de Portugal. In A. Ferreira & R. Vilaça (Coords.), Santos Rocha, *Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz* (pp. 94-109).: Câmara Municipal da Figueira da Foz. <https://hdl.handle.net/1822/74687>
- Cardoso, J. L. (2020). Introdução: Manuel Fernandes Tomás e o movimento constitucional vintista. In Tomás, M. F. e Cardoso, J. L. (introd. e edição), *Escritos políticos e discursos parlamentares, (1820-1822)* (pp.23-80). Imprensa de Ciências Sociais / Câmara Municipal da Figueira da Foz. <http://hdl.handle.net/10451/44519>
- Dias, A. I. (2021). Fotografia. In L. G. Correia (Org.), *O Passado É um País Estranho: Temas e Estratégias para uma Educação Histórica de Qualidade*. (pp.173-212) DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-94-1/pass>
- Freitas, J. G. D., & Dias, J. A. (2014). Figueira da Foz (Portugal): *O compromisso (possível) entre o homem e o meio. Formação e Ocupação de Litorais nas margens do Atlântico*. (pp.17-32). Corbã Editora e Artes Gráficas Ltda. <http://hdl.handle.net/10362/19459>
- Gomes, J. L. M. (2014). Ao sabor do tempo: animação artística e educação em contexto. In Pereira, J. D. L.; Vieites, M. F.; Lopes, M. S. (Coords.) *As artes na educação*. (pp.253-260). Intervenção. <http://hdl.handle.net/10198/11661>
- Leite, Á. P. (2021). Paulo Freire e arte educação: Considerações sobre a estética freiriana e a arte na educação/formação. *Educação, Sociedade & Culturas*, (54), (pp.85-103). <https://doi.org/10.34626/esc.vi54.51>
- Machado, H. (2000). A construção social da praia. *Cadernos do Noroeste*. Série Sociologia. Sociedade e Cultura, 13(1). Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/13550>
- Manaia, J. P. M. de A. (2021). Carlos Relvas: A fotografia no Portugal oitocentista. *Convergências: Revista de Investigação e Ensino das Artes*, 14(28), (pp.161-168). <http://hdl.handle.net/10400.11/7840>
- Moreira, A., Sá, P., & Costa, A. P. (Orgs.). (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: métodos* (Vol. 1). UA Editora. <https://doi.org/10.34624/hmtj-qg49>
- Penajoia, M., & Furtado, M. (2019). Contributos para a Arqueologia da Arquitetura no Forte de Santa Catarina: análise de grafitos históricos. *Santa Catarina, Imagem de um Território*, 1, (pp.48-59). <https://hdl.handle.net/10316/86821>
- Penajoia, M. (2021). Elementos para o estudo da ocupação romana na foz do Mondego. Santos Rocha, *Arqueologia e Territórios da Figueira da Foz*, (pp.202-213). <https://hdl.handle.net/10316/95025>

- Pinto, I. M. J., & Gaspar, S. J. da S. (2012). O Mosteiro de Santa Maria de Seíça nos meados do século XIX. Litorais: *Revista de Estudos Figueirenses*, (13), (pp.71-101). Associação Doutor Joaquim de Carvalho. <https://hdl.handle.net/10316/24961>
- Pires, A. L. D. O., Gomes, E. X., & Gonçalves, T. N. (2017). Teorizando espaços entre arte e educação. In M. D. Assis, E. X. Gomes, J. S. Pereira, & A. L. Pires (Eds.), *10x10: Ensaios entre arte e educação* (pp.239-258). Fundação Calouste Gulbenkian. <http://hdl.handle.net/10400.26/18004>
- Rocha, M. (2013). Educação em arte: encruzilhadas e caminhos. *Medi@ções*, 2(1), (pp.33-44). <https://doi.org/10.60546/mo.v2i1.49>
- Rocha, L. O. D., & Matos, P. F. D. (2018). Ver para crer? Desafios educacionais sobre o poder da fotografia. *Revista Práxis Educacional*, 14(29), (pp.177-197). <http://hdl.handle.net/10451/34911>
- Santos, V. F., Callapez, P., Pinto, J. M. S., & Brandão, J. M. M. V. (2014). Minas de carvão e pegadas de dinossáurios: O exemplo do Cabo Mondego. In J. M. Brandão (Coord.), *Memórias do carvão: Jornadas internacionais: Resumos* (p.31). <http://hdl.handle.net/10400.9/2859>
- Serén, M. D. C. (2013). O documento fotográfico: Da mediação cultural à mediação técnica. *CEM: Cultura, Espaço & Memória*, (3), (pp.183-192). <http://hdl.handle.net/10216/65914>
- Tavares, C. A. (2016). Considerações sobre as obras da coleção da Academia Nacional de Belas Artes e a história de uma exposição. In *Belas Artes da Academia: Uma coleção desconhecida: Academia Nacional de Belas Artes 1836-2016* (pp. 57-71). Galeria de Pintura do Rei D. Luis. <http://hdl.handle.net/10451/23905>
- UNESCO (2021). *Educação para o desenvolvimento sustentável: Um roteiro*. <http://hdl.handle.net/10451/23905>
- Vaquinhas, I. (2016). Recensão - Cátia Salvado Fonseca (2015). Uma família de fotógrafos. Carlos e Margarida Relvas. Chiado Editora. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 15, Coimbra. DOI: 10.14195/1645-2259_15_1
- Vaquinhas, I. (2019). A Figueira da Foz como “lugar de memória” na rota da fuga da Europa ocupada durante a 2ª Grande Guerra (1943-1945). Proposta de itinerário histórico. In Magalhães, F., Costa, L. F. C., Hernández, F. H. & A. Curcino (Coords.), *Museologia e Património* (Vol. 2), (pp.10-36). Instituto Politécnico de Leiria. <https://hdl.handle.net/10316/88174>
- Vieira, A. L. (1909). Photographia Moderna. Ilustração Portuguesa. *O Século*, 199(2), 756-760. https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/1909/N199/N199_master/N199.pdf

APÊNDICES

Apêndice A – Consentimento Informado

Figura 40

Consentimento Informado

Consentimento Informado

Exmo. Senhor (a) Encarregado (a) de Educação

Assunto: Pedido de consentimento informado. Participação em atividades de Expressão Plástica, tendo por base a exploração da imagem fotográfica associada à história local.

No âmbito do Mestrado de Educação e Lazer, estou a realizar um estágio no 1º Jardim Escola João de Deus, envolvendo os alunos do 3º e 4º anos de escolaridade. O objetivo é desenvolver práticas de Expressão Plástica, as quais serão objeto de observação e de registo, quanto à sua evolução. O tema é "A fotografia associada à História Local como recurso para a Expressão Plástica" e pretende-se que as crianças possam conhecer e identificar algumas figuras históricas locais de referência, costumes e tradições, numa procura da identidade e ligação com a cidade da Figueira da Foz.

Para efeitos de relatório final do mestrado, serão utilizados instrumentos de recolha de dados, designadamente, entrevistas, observação e registo de sessões, nas quais estão previstas várias atividades de cariz educativo. A utilização destes dados carece de autorização dos Encarregados de Educação. Mais indico que os dados são confidenciais e anónimos e serão sempre supervisionados pela orientadora do estágio, Drª. Sofia Costa (Diretora da Escola), e utilizados unicamente para efeitos do estudo referido.

A participação dos educandos é totalmente voluntária, podendo a qualquer momento ser revertida a decisão, em participar ou não.

.....

CONSENTIMENTO

Li e compreendi toda a informação contida neste documento.

Aceito e concordo com a participação do meu educando no estudo.

Nome do Educando: _____

Nome do Encarregado de Educação: _____

Assinatura do Encarregado de Educação:

Data: __/__/__

Apêndice B – Inquérito por questionário

Figura 41
Avaliação das atividades

Avaliação da atividade

Data: ___/___/___

Nome da atividade

Gostaste da atividade? O que mais gostaste?

Como te sentiste?

O que aprendeste?

Obrigada!

Apêndice C – Pareceres da Diretora da Escola e professoras do 3.º e 4.º anos

Figura 42

Parecer da Diretora da Escola

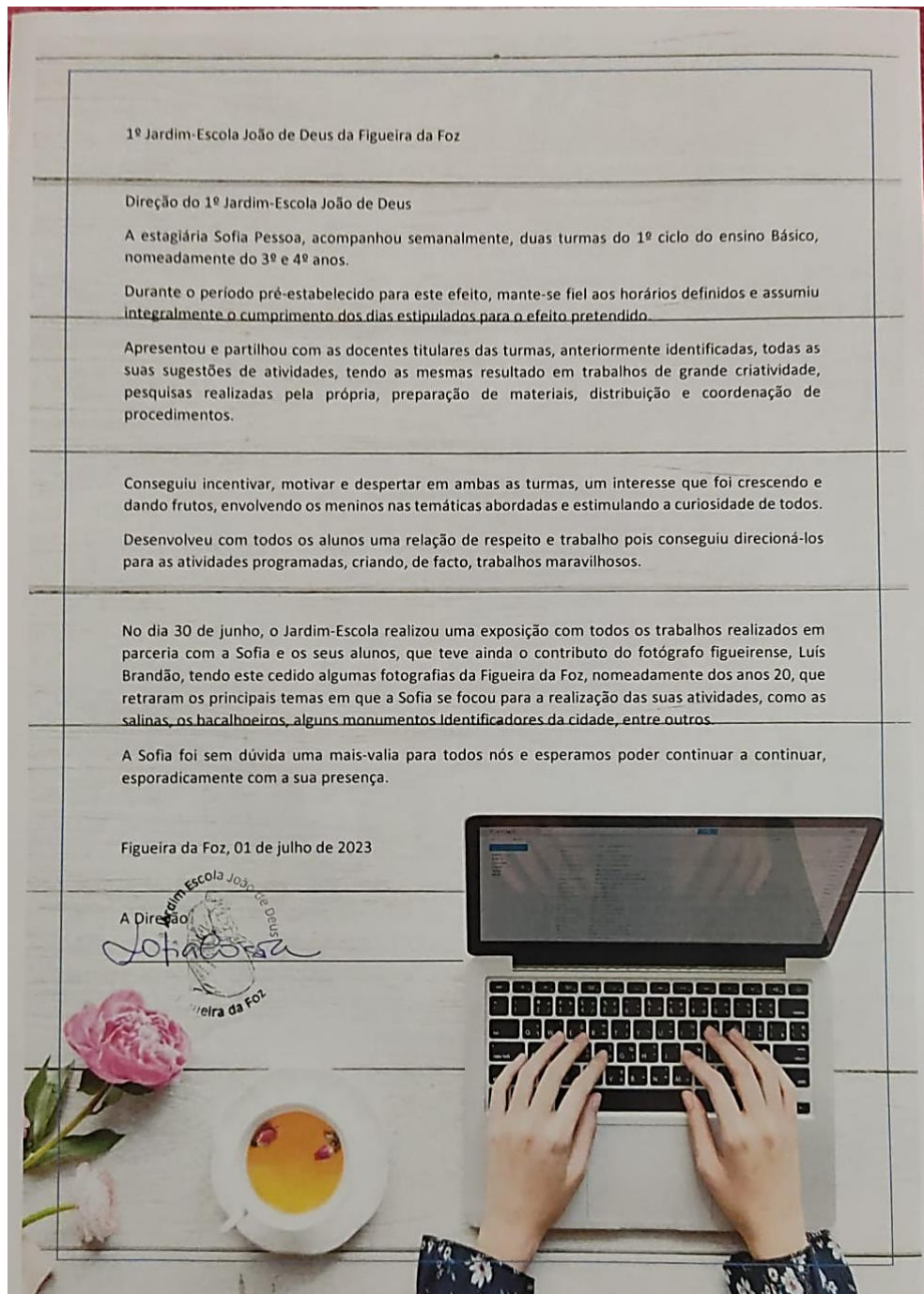



Figura 43

Parecer das professoras do 3º e 4º anos



1.º JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS DA FIGUEIRA DA FOZ

Figueira da Foz, 06 de julho de 2023

De 1 de março a 30 de junho a animadora Sofia Pessoa esteve na sala do terceiro ano a desenvolver diversas atividades no âmbito da fotografia associada à história local, como recurso à expressão plástica. As suas atividades foram sempre criativas e despertaram nos alunos curiosidade sobre a história e o património local. Ela foi sempre muito atenciosa com a turma e soube regular o comportamento de cada aluno. Revelou conhecimento sobre os temas apresentados e sobre as dúvidas e curiosidades que os alunos lhe colocaram. Considero a prestação da Sofia Pessoa, na minha sala de aula, excelente e muito importante, uma vez que deu a conhecer às crianças o passado da Figueira da Foz de uma forma lúdica e divertida. Na minha opinião, considero este tipo de atividades relevante, uma vez que trabalham a história local através da expressão plástica. Para além das atividades desenvolvidas, a Sofia sempre se mostrou muito prestável e disponível para auxiliar nas atividades dinamizadas pela escola.

A professora do 3.º ano: Guida Guardado

No âmbito do seu curso em Educação e Lazer, a aluna Sofia Pessoa dinamizou no 1º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz atividades no âmbito da fotografia associada à história local como recurso para a Expressão Plástica, de 1 de março a 30 de junho.


Com a minha turma de 4º ano a Sofia desenvolveu atividades diversificadas, criativas e motivadoras. Os alunos aprenderam muito sobre o património local, sobre as profissões de alguns dos seus familiares e desenvolveram competências ao nível da expressão plástica: criatividade, composição, gestão de materiais e recursos, reaproveitamento e reutilização de materiais, entre outros.

O seu trabalho foi além das suas atividades dinamizadas em sala de aula com os alunos, pois desenvolveu uma relação próxima com eles, ajudou-os na gestão emocional em momentos de brincadeira livre e na gestão de conflitos entre eles.

Foi uma pessoa sempre prestável, interessada, atenta e esforçada. Apesar das nossas limitações de horários para a realização das suas atividades, sempre se adaptou à necessidade, aos imprevistos e ao solicitado.

Os projetos desenvolvidos pela Sofia com os alunos constituem marcos importantes do seu desenvolvimento e conhecimento, com um impacto verdadeiro e duradouro no seu conhecimento sobre o património histórico local.

A professora do 4.º ano: Catarina Dias



Rua Visconde da Marinha Grande, n.º4
3080-135 Figueira da Foz
Tel.: 233 422 313 Fax: 233 418 143
figueirafoz1@escolasjoaodeus.pt

